



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSSILANE DE SOUSA FREITAS

**A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK COMO RECURSO AUXILIAR À EXPERIÊNCIA
FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ALTERNATIVA DE APLICAÇÃO DA
METODOLOGIA DE SÍLVIO GALLO**

FORTALEZA

2020

JOSSILANE DE SOUSA FREITAS

A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK COMO RECURSO AUXILIAR À EXPERIÊNCIA
FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ALTERNATIVA DE APLICAÇÃO DA
METODOLOGIA DE SÍLVIO GALLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Prática de Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F936u Freitas, Jossilane de Sousa.

A utilização do Facebook como recurso auxiliar à experiência filosófica no ensino médio : uma alternativa de aplicação da metodologia de Sílvio Gallo / Jossilane de Sousa Freitas. – 2020.

134 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2020.

Orientação: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

1. Facebook (Rede social on-line). 2. Ensino. 3. Filosofia. I. Título.

CDD 100

JOSSILANE DE SOUSA FREITAS

A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK COMO RECURSO AUXILIAR À EXPERIÊNCIA
FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO: UMA ALTERNATIVA DE APLICAÇÃO DA
METODOLOGIA DE SÍLVIO GALLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Prática de Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 26/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hugo Filgueiras de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gerardo Silveira Viana Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos amores da minha vida, Rodrigo e Miguel, e aos meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos meus pais Cleide e Mauro, cuja simplicidade e união me ensinaram sobre o valor da vida, do amor e da família.

A Rodrigo, amor e companheiro que escolhi para compartilhar a vida, com quem aprendi a ser determinada e firme em minhas decisões e ações.

Ao meu filho Miguel que me mostrou e me ensinou coisas das quais nem imagina, que me fez enxergar que grande parte de nossas vidas só adquire sentido quando escolhemos vivê-la ao lado das pessoas que amamos.

Agradeço também às minhas irmãs Cleidiane e Jocicleide, aos meus tios Cléo e Charles, a Verônica, pessoas das quais sempre recebi todo apoio e motivação para que não desanimasse frente as dificuldades encontradas.

Ao meu querido orientador Prof. José Carlos, de quem sempre recebi todo apoio e disponibilidade, além da aprendizagem com a sua sabedoria que, sem dúvidas, foi essencial para o desenvolvimento e a conclusão desse trabalho.

Aos professores participantes da banca examinadora pelas contribuições e o tempo dedicado à análise do trabalho.

Aos meus colegas de profissão e aos professores da turma do mestrado profissional, com os quais sempre dividi as dúvidas e os anseios com relação não apenas ao desenvolvimento e execução da pesquisa, como também as inquietações inerentes a essa nossa profissão que se faz a cada dia mais desafiadora.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra contribuíram e torceram para a construção e finalização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar a construção e analisar a viabilidade de uma prática alternativa de ensino de Filosofia que alia a proposta metodológica do educador e filósofo Sílvio Gallo com o ambiente virtual de uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil e no mundo. Nesta perspectiva, o Facebook adquire, na investigação, a função de ferramenta auxiliar e complementar ao desenvolvimento das aulas de Filosofia, o que nos permitiu, através da sua adaptação e configuração adequada, pensar numa experiência e aplicação metodológica do ensino da Filosofia. Para o desenvolvimento do trabalho, partimos da sua construção e fundamentação teórica, o que o qualifica em princípio como uma pesquisa bibliográfica. Assim, num primeiro momento, foram feitas leituras e análises sobre a proposta metodológica e de ensino da Filosofia defendida por Sílvio Gallo, bem como utilizamos outras referências que vão ao encontro do pensamento adotado por nosso autor principal. Também utilizamos pesquisas de acadêmicos e dados que apontam para a viabilização e contribuição dos espaços virtuais no processo educacional. Em uma segunda etapa, a pesquisa adquire seu caráter exploratório e descritivo, ou seja, iniciamos o processo de análise, apresentação e exploração da rede social a fim de identificar quais recursos, funcionalidades e configurações são mais adequados para o uso do Facebook no ensino da filosofia. Nesse momento, apresentamos o produto de nossa proposta de pesquisa, ou seja, construímos e organizamos informações e diretrizes semelhantes a um passo a passo com modelos que exemplificam e esclarecem como cada etapa, não só de criação e configuração do ambiente, mas também como os momentos metodológicos propostos por Gallo, nomeadamente a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação podem ser desenvolvidos e aplicados no processo de apropriação e utilização do referido ambiente virtual. Em nossas considerações finais, destacamos o grande potencial e mostramos a viabilidade da utilização do Facebook como recurso auxiliar ao ensino da filosofia, reconhecendo-o como capaz, a partir de sua correta adaptação e configuração, de proporcionar o desenvolvimento de características essenciais ao pensamento filosófico no ensino médio.

Palavras-chave: Facebook. Ensino. Filosofia.

ABSTRACT

The present study it aims to present the construction and analyze the viability of an alternative philosophy teaching practice that combines the methodological proposal of the educator and philosopher Silvio Gallo with the virtual environment of one of the most used social networks in Brazil and in the world. In this perspective, Facebook acquires, in the investigation, the function of auxiliary and complementary tool to the development of Philosophy classes, which allowed us, through its adaptation and adequate configuration, to think about an experience and methodological application of the teaching of Philosophy. For the development of the work, we start from its construction and theoretical foundation, which qualifies it in principle as a bibliographic research. Thus, at first, readings and analyzes were made on the methodological and teaching proposal of Philosophy defended by Silvio Gallo, as well as we used other references that meet the thinking adopted by our main author. We also use academic research and data that point to the viability and contribution of virtual spaces in the educational process. In a second stage, the research acquires its exploratory and descriptive character, that is, we started the process of analysis, presentation and exploration of the social network in order to identify which resources, functionalities and configurations are most suitable for the use of Facebook in the teaching of philosophy. At that moment, we present the product of our research proposal, that is, we build and organize information and guidelines similar to a step by step with models that exemplify and clarify how each step, not only of creating and configuring the environment, but also how methodological moments proposed by Gallo, namely awareness, problematization, research and conceptualization can be developed and applied in the process of appropriation and use of the referred virtual environment. In our final remarks, we highlight the great potential and show the feasibility of using Facebook as an auxiliary resource for teaching philosophy, recognizing it as capable, from its correct adaptation and configuration, to provide the development of essential characteristics to philosophical thinking in high school.

Keywords: Facebook. Teaching. Philosophy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Relatório digital do Brasil em 2019.....	45
Figura 2	–	Página oficial inicial do Facebook.....	58
Figura 3	–	Ferramentas de interação disponibilizadas pela rede social Facebook.....	65
Figura 4	–	Criação de um grupo no Facebook.....	69
Figura 5	–	Janela visualizada pelos alunos ao solicitarem participação no grupo.....	76
Figura 6	–	Modelo de Unidade criada para o 1º ano: Introdução ao Pensamento Filosófico.....	86
Figura 7	–	Exemplo 1 de aplicação da sensibilização e da problematização.....	88
Figura 8	–	Exemplo 1 da aplicação da etapa investigação no ambiente virtual.....	89
Figura 9	–	Exemplo 2 de aplicação da sensibilização e da problematização.....	97
Figura 10	–	Exemplo 2 da aplicação da etapa investigação no ambiente virtual.....	98
Figura 11	–	Trecho de O Mito da Caverna em quadrinhos de Maurício de Souza.....	99
Figura 12	–	Modelo de Unidade criada para o 2º ano: A Filosofia Moral....	102
Figura 13	–	Elemento 1 de sensibilização para a reflexão acerca da Filosofia Moral.....	103
Figura 14	–	Exemplo de publicação no modelo de unidade do 2º ano...	104
Figura 15	–	Exemplo 2 de problematização acerca da Filosofia Moral.....	108
Figura 16	–	Exemplo 2 de sensibilização acerca da Filosofia Moral.....	109
Figura 17	–	Modelo de Unidade criada para o 3º ano: Filosofia Política...	110
Figura 18	–	Exemplo 1 de problematização no modelo de unidade do 3º ano.....	113
Figura 19	–	Exemplo 1 de sensibilização no modelo de unidade do 3º	

	ano.....	114
Figura 20 –	Exemplo de intervenção docente na etapa da investigação	115
Figura 21 –	Exemplo 2 de elemento sensibilizador – Poema de Brecht...	118
Figura 22 –	Elemento problematizador do segundo modelo de aplicação para a 3ª série.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Diretrizes da empresa Facebook para adequado uso de seus serviços.....	62
Quadro 2	–	Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais.....	70
Quadro 3	–	Ações de moderação e acompanhamento da comunidade virtual disponíveis para uso e administração do docente.....	77
Quadro 4	–	Plano de Aula nº 1.....	83
Quadro 5	–	Plano de Aula nº 2.....	92
Quadro 6	–	Plano de Aula nº 3.....	100
Quadro 7	–	Plano de Aula nº 4.....	106
Quadro 8	–	Plano de Aula nº 5.....	111
Quadro 9	–	Elemento textual para utilização em sala e anterior a discussão virtual.....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A EXPERIÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	16
2.1	A Filosofia e a especificidade do seu ensino	22
2.2	A proposta metodológica de Sílvio Gallo ao Ensino Médio.....	28
3	AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO.....	36
3.1	A Emergência das redes sociais e suas possibilidades.....	44
3.2	Pensando o Facebook e o Ensino de Filosofia.....	51
4	A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK NO ENSINO DE FILOSOFIA.....	58
4.1	Conhecendo a rede social.....	58
4.1.1	<i>Principais funcionalidades da rede social.....</i>	63
4.2	O uso dos grupos como espaços de interação e aprendizagem.....	66
4.2.1	<i>Orientações para adaptação e configuração do ambiente.....</i>	67
4.3	A Metodologia de Gallo aplicada ao ambiente virtual.....	80
4.3.1	<i>Modelos de utilização para os conteúdos do ensino médio.....</i>	82
4.3.2	<i>Informações adicionais para uso das Unidades do Grupo de Aprendizado Social.....</i>	120
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
	REFERÊNCIAS	129
	ANEXO A – COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO.....	132
	ANEXO B - COMPETÊNCIAS E HABILIDADES (PARÂMETROS CURRICULARES)	133

1 INTRODUÇÃO

Reflexões e questionamentos acerca da prática de ensino devem fazer parte do cotidiano de professores e professoras que estejam atuando diretamente na área educacional. Como docentes, estamos permanentemente na busca da melhor forma de desempenharmos nossos trabalhos, de forma a garantir que os discentes possam ser despertados para o processo da busca do conhecimento. Dessa maneira, temos, enquanto profissionais da educação, uma tarefa contínua, ou seja, a necessidade da reflexão e o estudo sobre novas estratégias, materiais e metodologias de ensino que possam contribuir para tornar as aulas mais atrativas, dinâmicas e com significados para os que delas desfrutam.

A efetivação de aulas que fujam à metodologia tradicional de ensino para estudantes da rede pública configura-se como um desafio aos professores, haja vista que a utilização de recursos diferenciados encontra algumas barreiras, já que muitas vezes a escola não dispõe de instrumentos e tecnologias para tais ações ou não as possui de modo suficiente para atender suas necessidades. Os materiais geralmente disponibilizados tendem a se restringir à utilização dos livros didáticos, o que acaba algumas vezes por reduzir o processo educativo à leitura e a exercícios próprios do livro. Não que tal material didático seja dispensável, mas para desenvolver uma aprendizagem mais significativa, é preciso a utilização de recursos que consigam sensibilizar mais facilmente, visando despertar os educandos para os problemas e temáticas trabalhadas. Além disso, quando se trata de aula de filosofia em específico, encontramos mais uma dificuldade, a saber, que é o de lidar com o pouco tempo disponível à disciplina, o que limita ainda mais o que pode e o que dá para ser feito no espaço e tempo existentes.

A delimitação e a caracterização reductiva da oferta do ensino da filosofia como componente curricular talvez se expliquem em parte pelo seu desenvolvimento ao longo da história brasileira. A trajetória do ensino de filosofia no Brasil, principalmente no nível médio de ensino sempre foi de um percurso instável. Desde o seu surgimento, a disciplina filosofia teve sua oferta ora em caráter obrigatório, ora optativa, e por algum tempo da história de nosso país foi excluída, retirada oficialmente do currículo escolar do ensino médio. Uma das últimas modificações ocorreu em 2008, quando ela retorna às escolas em caráter obrigatório. Atualmente, com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a filosofia apresenta-se no

conjunto de estudos e práticas obrigatórias do ensino médio, assim como a sociologia, as artes e a educação física. Com a presença da filosofia nos currículos escolares, muitos professores da área têm pensado e repensado suas práticas de ensino, e no caso, quais práticas devem ser adotadas ou modificadas para proporcionar aulas mais atrativas no sentido filosófico.

Analisando esse contexto, surge a necessidade de pensarmos em recursos metodológicos que consigam ultrapassar as limitações encontradas no cenário da educação pública, e que ao mesmo tempo possam promover a reflexão, a argumentação, o diálogo e a discussão, tão importantes à experiência filosófica.

A sociedade vive uma era digital e seus processos tendem cada dia mais à informatização. Com a popularização da internet e das redes sociais e mídias digitais, a escola, como espaço educativo, também é influenciada, e por isso, deve acompanhar as transformações da sociedade na qual está inserida. Assim, é preciso pensar na adaptação das metodologias de ensino a essa realidade, ou seja, cogitar acerca da incorporação e do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC'S) às práticas de ensino dos educadores. É visível que o mundo virtual das redes sociais se tornou um espaço de interação e acesso à informação bastante visitado e acessado com os mais diversos objetivos pelos estudantes. Diante disso, é necessário pensar diferentes maneiras de explorar as ferramentas que este tipo de ambiente oferece, de forma a contribuir também para o processo de ensino e aprendizagem da filosofia.

De acordo com a pesquisa realizada pelo portal de estudos e estatísticas *Statista*¹, o Facebook é uma das maiores redes sociais utilizada no mundo e a segunda no Brasil. Diante dessa informação, surge o questionamento central dessa pesquisa. Seria possível usarmos o ambiente da rede social Facebook enquanto ferramenta que pode contribuir e enriquecer a prática de ensino da filosofia em seu nível médio? A partir desta, outras interrogações secundárias surgiram com relação ao uso desse ambiente virtual, como por exemplo: “A página da rede social oferece elementos que possibilitam o desenvolvimento de uma metodologia de ensino propriamente filosófica?”; “O Facebook pode funcionar como um recurso educacional de extensão da sala de aula comum?”; dentre outras questões.

¹ Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 30 de out. 2019.

Ao desenvolvermos esse trabalho, esperamos evidenciar o papel contributivo da rede social Facebook na apresentação de uma proposta de prática de ensino filosófica que viabiliza a aplicação das 4 etapas da metodologia pensada por Sílvio Gallo para o ensino médio. Compreendemos que através do Facebook e seus diversos recursos e ferramentas disponibilizadas, podemos oferecer a partir de uma abordagem sensibilizadora/problematizadora uma experiência filosófica que dialoga com a realidade vivida e sentida pelos nossos estudantes, sem, entretanto, abandonar os conceitos e conteúdos presentes na história da filosofia.

Por isso, essa pesquisa encaminha-se para investigar a possibilidade da utilização do Facebook associado à metodologia de ensino de Sílvio Gallo, como uma nova prática de ensino de filosofia a ser pensada, estudada e viabilizada. Dessa forma, o trabalho que aqui nos dedicamos tem por objetivo primordial verificar a viabilidade da utilização de redes sociais, em específico do Facebook, como forma de extensão da sala de aula, compreendendo-o como um recurso que aliado à metodologia de ensino proposta por Gallo nos possibilitará desenvolver uma aprendizagem mais sensibilizadora, problematizante, investigativa e que valoriza o livre debate de ideias e pensamentos. Nosso intuito é que o Facebook, enquanto rede social e página virtual de divulgações e compartilhamentos de informações e conteúdos diversos, possa oferecer aos professores de filosofia mais uma opção a ser considerada, visualizando-a como uma ferramenta de ensino que muito pode contribuir para o desenvolvimento da experiência filosófica no nível médio escolar.

Nossa pesquisa de início se caracteriza como de natureza bibliográfica, ou seja, em um primeiro momento procuramos fundamentar a pesquisa em fontes, informações, dados e teóricos que servissem de base para a proposta que aqui defendemos. Também considera a experiência de ensino da pesquisadora, e por isso parte da realidade e do contexto de duas escolas públicas de ensino médio do estado do Ceará, são elas: EEMTI Anchieta e EEM Luiz Girão, ambas localizadas na cidade de Maranguape. Além da literatura estudada e apresentada principalmente nos dois primeiros capítulos de desenvolvimento do trabalho, em um segundo momento a pesquisa adquire o seu caráter exploratório ao realizar a apresentação de um estudo geral do ambiente da rede social Facebook, bem como do uso de suas ferramentas e possibilidades para aplicação e desenvolvimento da metodologia de ensino de filosofia do Sílvio Gallo. Assim, o que estamos propondo é uma simbiose entre uma metodologia de ensino de filosofia proposta por Gallo e o

Facebook, ou seja, um estudo investigativo sobre a combinação de diferentes elementos.

Para tanto, utilizamos para a fundamentação e embasamento das ideias construídas no desenvolvimento do trabalho, pesquisadores e educadores não apenas da área da filosofia, mas também estudiosos das questões relacionadas às tecnologias da informação e do ambiente das redes sociais. Assim, para a discussão sobre o ensino, metodologias e objetivos da filosofia no ensino médio utilizamos como referencial principal e norteador o pensamento de Sílvio Gallo. De forma secundária, empregamos as considerações de Lídia Maria Rodrigo, que se alinham e por isso, reforçam e complementam o entendimento de Gallo. Já para a discussão acerca da implementação das TIC'S e das redes sociais no processo educativo, utilizamos Prensky como autor principal, e outros como Lima, Lévy, Januário e Moreira, dentre outros autores que serviram de base para a construção do texto da dissertação.

Em vista disso, o desenvolvimento do estudo está dividido em três capítulos: os dois primeiros capítulos mais teóricos, expositivos, que servem de fundamentação para a proposta da nossa pesquisa. O primeiro capítulo tem por objetivo realizar a discussão em torno da filosofia, do seu ensino e especificidades. Trata da compreensão da proposta de ensino de filosofia de Sílvio Gallo para o nível médio, assim como também objetiva compreender e explorar como as etapas da sua metodologia podem ser aplicadas com os nossos estudantes. Não poderíamos evidentemente construir uma proposta de ensino sem antes discutirmos questões fundamentais sobre o que tem sido a filosofia enquanto componente curricular no ensino médio. Por isso, encontramos, ainda ao longo do capítulo, um breve apanhado acerca da trajetória, da experiência, das dificuldades e desafios que surgem ao trabalharmos a filosofia enquanto disciplina, principalmente ao tratar-se do âmbito e da realidade das escolas públicas.

O segundo capítulo aborda a necessidade urgente de uma educação que se alinhe e se adapte às novas tecnologias da informação e comunicação, devendo utilizá-las em seu benefício, para a promoção do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Prensky (2001), devemos compreender os nossos estudantes como “nativos digitais”, e por isso, não podemos continuar tentando educá-los como educávamos as gerações passadas. A revolução tecnológica e a imersão em uma realidade cada dia mais informatizada e virtual influenciaram e modificaram

radicalmente as formas de acesso à informação e ao conhecimento, e isso também afeta e traz consequências para o cenário educacional. Não podemos desconsiderar esta informação, ao contrário, devemos usá-la em nosso proveito. Por isso, o capítulo em questão tenta fazer um alerta aos professores para a necessidade da mudança, da transformação e da adaptação de suas práticas e metodologias de ensino, o que implica conseqüentemente para a urgência de formações profissionais dos educadores que se alinhem a essa realidade. Dedicamo-nos ainda neste segundo capítulo a avaliar o surgimento das redes sociais e as possibilidades e vantagens que podem oferecer para o ambiente educacional, compreendendo em específico o Facebook como uma rede social que, por meio de suas ferramentas, seria capaz de contribuir no desenvolvimento da atividade filosófica como projetamos aplicar para o ensino médio.

Já o terceiro capítulo, destina-se à apresentação e orientação do uso da rede social. Ou seja, inicialmente exploramos os recursos, ferramentas da rede social Facebook com a finalidade de compreender suas principais funcionalidades, bem como adquirir o devido conhecimento sobre os serviços ofertados, sua política de uso/privacidade e os termos e compromissos dos usuários ao manifestarem interesse em fazer parte da comunidade virtual. Feito isso, nosso objetivo passa a centralizar-se na exploração sobre o uso dos grupos, em específico em sua tipologia de “Aprendizado Social” como espaço de interação e aprendizagem adaptáveis à finalidade educacional. Para isso, elaboramos orientações e um passo a passo a seguir para configuração e adaptação do ambiente, iniciando desde a criação do perfil pessoal e do grupo até as ações de moderação, acompanhamento e publicação na comunidade virtual.

Por fim, chegamos na última etapa da pesquisa, onde apresentamos os modelos e orientações que exemplificam como cada passo do método de Gallo pode ser aplicado ao configurar e adaptar o Facebook como um recurso auxiliar e de extensão da sala de aula. Como professores, sabemos que tudo o que se desenvolve em sala de aula deve ser fruto de um planejamento bem elaborado. Com o uso do Facebook não será diferente, assim, ao apresentar os modelos a serem utilizados, encontramos os planos que fundamentam e norteiam a atuação do docente em sala de aula e, conseqüentemente, também no ambiente virtual. Esclarecemos que não estamos propondo uma substituição da sala de aula comum pelo espaço virtual de uma rede social. O que propomos é o trabalho conjunto entre

essas duas realidades que a nosso ver pode contribuir para a aprendizagem e o ensino de filosofia em seu nível médio escolar. Sendo assim, o terceiro capítulo tem por escopo orientar e trazer informações importantes e necessárias acerca do Facebook e sua apropriação para o processo de ensino na disciplina de filosofia. Dessa forma, nosso último capítulo se assemelha a um passo a passo, um guia de uso, de como proceder na adaptação e na construção do ambiente virtual. Traz orientações didáticas e modelos para visualização e esclarecimento aos docentes interessados em nossa proposta.

Devemos salientar que o presente trabalho foi desenvolvido em sua grande parte durante o período de pandemia que assola o mundo e especificadamente o Brasil, desde fevereiro de 2020, onde tivemos o primeiro caso do coronavírus confirmado e outros suspeitos. De fevereiro em diante, os casos de Covid 19 foram aumentando gradativamente e infelizmente os números de mortes também. No Ceará, após os primeiros casos confirmados, o governo do estado decretou medidas para conter a proliferação do vírus, dentre elas o isolamento social e o fechamento do comércio e de serviços não essenciais.² Desde então, tivemos que nos adaptar a essa nova realidade, o que afetou diretamente a visualização da importância do nosso estudo, da discussão e de pesquisas que apontam para a necessidade do trabalho e da atualização e formação dos profissionais de educação para o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Vivenciar tudo isso de maneira nenhuma poderia ter sido fácil, entretanto, foram nessas dificuldades vividas e sentidas que percebemos o quanto ainda precisamos aprender sobre esse arsenal tecnológico e virtual que está ao nosso alcance, mas que por uma falta ou falha de formação e instrução sobre esse mundo digital, privamos a nós mesmos e aos nossos alunos durante muito tempo de usufruir de suas possibilidades.

Esperamos assim, que ao final desta pesquisa, redes sociais como o Facebook possam ser visitadas sob uma nova perspectiva, ou seja, a de se constituírem como recursos adaptáveis às finalidades educacionais, compreendidas como ferramentas que fornecem uma variedade de elementos que podem oportunizar uma aprendizagem filosófica mais significativa e atrativa aos nossos estudantes do ensino médio.

² As informações utilizadas acima podem ser consultadas em: <https://www.ceara.gov.br/decretos-do-governo-do-ceara-com-aco-es-contra-o-coronavirus/>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

2 A EXPERIÊNCIA DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A questão da inserção da filosofia enquanto disciplina obrigatória no nível médio de ensino foi e ainda é motivo de discussões e questionamentos no campo da educação brasileira, e isso explica por que tantas vezes a filosofia foi retirada e recolocada no currículo oficial. A sua permanência entrou em xeque principalmente durante o regime militar, já que ela não se alinhava com o objetivo de uma educação tecnicista proposta pelo governo. A filosofia caracteriza-se por ser pensamento crítico, questionador e transformador da realidade, por isso, por não ser subserviente ao regime, foi entendida como perigosa ao *status quo*. Entre saídas e voltas, somente em 2008, com a lei 11.684/08³, a filosofia, assim como a sociologia, voltam a fazer parte do currículo de forma obrigatória, pela primeira vez, nos três anos do nível médio. Atualmente, com a implantação do novo ensino médio, bem como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o destino da filosofia no ensino médio volta a ficar incerto.

A BNCC apresenta-se como o documento que define as aprendizagens essenciais em cada etapa educacional a qual todo estudante deve ter acesso. É importante esclarecer que a BNCC não traz um currículo contendo os conteúdos que serão trabalhados pelos professores em sala de aula. O que ela apresenta é um conjunto de competências e habilidades que deverão ser desenvolvidas ao longo dos três anos do ensino médio. Estão organizadas em quatro áreas do conhecimento, são elas: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e sociais aplicadas, e integram assim o que se denomina Base Comum. A Lei nº 9.394 de 1996 das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em seu artigo nº 26, já apontava para a necessidade de uma base nacional comum, bem como também para a oferta de uma parte diversificada a ser definida de acordo com as características e as demandas de cada sociedade e localidade.

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996).

³ A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

O que mudou substancialmente está no que compõe essa base. Antes tínhamos em caráter obrigatório a presença de cerca de 13 disciplinas, dentre elas a filosofia a partir de 2008. Nessa nova organização, o que antes entendíamos e denominávamos de disciplinas que estavam presentes no currículo obrigatório, agora, apresentam-se com a denominação de componentes curriculares. Com a nova base, apenas português e matemática permanecem como componentes obrigatórios em todos os anos do ensino médio. Isso não quer dizer entretanto que os discentes não terão mais contato com a filosofia, apenas diversificou-se a forma como será apresentada ao estudante. Defende-se a ideia de que as escolas e redes de ensino terão a liberdade para decidirem como serão seus currículos, contanto que estejam atentos e alinhados com os objetivos propostos para o ensino médio.

O Conselho Nacional de Educação em novembro de 2009, por meio do Ministério da Educação elaborou, apresentou e homologou um parecer que tratava dessa nova proposta da experiência curricular para o ensino médio. Nele, tentou-se esclarecer que a estruturação por área

“não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino” (BRASIL, 2009, p.8).

Essa posição e entendimento novamente reaparece e é citada no documento da BNCC em sua versão final de 2018. Professores de todo o Brasil discutem sobre a implementação e a nova configuração do novo ensino médio. A autonomia das instituições educacionais na construção de suas propostas de ensino traz novamente a dúvida sobre a oferta da filosofia como ainda se tem hoje, ou seja, com pelo menos 1h/aula por semana de forma obrigatória em todos as séries do ensino médio.

Conforme o entendimento da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), “o fato de a filosofia ter deixado de ser disciplina obrigatória não significa que ela tenha saído do currículo nem que precise sair.”⁴ A BNCC flexibiliza essa questão quando permite que a presença da filosofia enquanto componente

⁴ Citação retirada da página oficial da ANPOF do texto intitulado “A BNCC e o futuro da filosofia no Ensino Médio – Hipóteses”, de autoria de Juvenal Savian Filho (Unifesp), Marcelo Carvalho (Unifesp) e Vinicius Berlendis de Figueiredo (UFPR). Disponível em: <http://www.anpof.org/portal/index.php/en/artigos-em-destaque/1584-a-bncc-e-o-futuro-da-filosofia-no-ensino-medio-hipoteses>. Acesso em 12 out. 2019.

escolar seja decidido nas instâncias estaduais, municipais, e até mesmo nas escolas, ou seja, de acordo com as necessidades, configurações e objetivos de cada região.

O Novo Ensino Médio traz em sua configuração uma nova proposta de orientação para organização curricular. Os currículos do ensino médio serão compostos por uma formação geral básica e por itinerários formativos. Ao realizar a leitura das competências⁵ e habilidades de acordo com a BNCC da área de ciências humanas e sociais aplicadas, percebemos que a filosofia ainda se apresenta de grande importância enquanto componente curricular, já que muitas das seis competências e mais de trinta habilidades necessitam e terão que recorrer a filosofia para o seu desenvolvimento efetivo. Cada componente (história, geografia, sociologia e filosofia) tem sua contribuição na estrutura formativa da área, e deixar de ofertar qualquer uma destas é incorrer do risco de não alcançarmos os objetivos a que se propõe esse Novo Ensino Médio.

Vejamos o exemplo da competência número um, nela encontramos o seguinte objetivo:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 559).

Alinhada a essa competência, encontramos seis habilidades, dentre elas a de identificação (EM13CHS201), onde os discentes devem desenvolver a habilidade de “Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais”.

É visível a necessidade da filosofia para o bom e completo desenvolvimento das competências e habilidades exigidas para o novo ensino médio. O que podemos concluir é que a filosofia de alguma forma deverá compor a área de ciências humanas e sociais aplicadas, o que não se sabe entretanto, é como ela irá ser trabalhada, se é diluída em outros componentes curriculares da área ou se ela conservará seu espaço da forma como se tem hoje. Seguramente, sobre isso,

⁵ As competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas de acordo com a BNCC estão listadas no anexo A ao final do trabalho.

não há respostas, haja vista que como já sabemos e comentamos anteriormente, não existe um currículo pronto e acabado que será enviado às escolas, estas deverão ter a liberdade para pensar, organizar e estruturar seus currículos de acordo com as demandas de suas comunidades. Se assim ocorrer, teremos enquanto profissionais da área um papel fundamental, o de defendermos a inclusão da filosofia no currículo das escolas públicas e privadas do Brasil. Pois que se pensamos numa formação integral dos estudantes, que não apenas se limita a formar para o trabalho, mas também para a vida e seu pleno exercício enquanto cidadão na sociedade, atrelamos quase que inevitavelmente parte desta responsabilidade ao pensamento crítico, reflexivo e questionador da filosofia.

A instabilidade do espaço e da oferta da disciplina de filosofia nos currículos escolares sempre foi uma realidade, e não apenas no Brasil. A esse respeito o português Manuel Maria Carrilho já observava que:

se há disciplina cujo estatuto tenha variado no conjunto dos currículos escolares, surgindo ora pletórico e dominante em relação às outras disciplinas, ora encurralado e em quase desaparecimento, essa disciplina é a filosofia. E poucas disciplinas terão suscitados tantas discussões e debates sobre o seu nível de inserção, o seu tempo de lecionação escolar, e, sobretudo, os seus conteúdos e objetivos. (1987, p. 25).

Diante da conjuntura vigente, cabe a nós professores mostrarmos a importância do conhecimento filosófico para os nossos estudantes e para toda a comunidade escolar. Para tanto, é preciso oferecer uma aprendizagem significativa que os faça perceber e compreender a própria realidade, com discussões, elementos e conteúdos filosóficos que dialoguem com a realidade vivida e sentida pelos nossos estudantes. A esse respeito, Marco Antônio Moreira já apontava a importância de

reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva.” (2010, p. 2).

Assim percebemos enquanto professores, uma necessidade cada vez mais urgente da discussão sobre as formas de ensino, as metodologias, os conteúdos e as características que devem ser desenvolvidas e aplicadas ao se pensar o ensino de filosofia em seu nível médio.

Ensinar filosofia na educação básica, no Brasil, e especificamente no Ceará, sempre foi uma tarefa desafiadora, haja vista a disposição estrutural da oferta dessa disciplina. Mesmo enquanto obrigatoriedade, a filosofia não conseguiu alcançar o espaço necessário para desenvolver-se plenamente. Se a compararmos com outras disciplinas atualmente, perceberemos que a filosofia ainda está longe de receber a sua devida importância e ser levada a sério pela maioria das instituições de ensino. Nas escolas públicas do Ceará, a filosofia faz parte da matriz curricular do ensino médio, inserida como uma disciplina obrigatória, entretanto sua oferta vem deixando muito a desejar.

Diferentemente de outras disciplinas, esta tem reservada para si apenas 50 minutos de aula por semana, o que desencadeia dois problemas principais. O primeiro é que se torna inviável a execução de grande parte dos conteúdos que são planejados e programados para o ensino médio. O segundo problema causado por essa limitação do tempo é a dificuldade ainda maior de desenvolver as habilidades filosóficas que são pensadas para os nossos estudantes nesse nível de ensino. Esses dois problemas ficam ainda maiores quando temos professores que, na maioria das vezes, mesmo não possuindo a licenciatura em filosofia, ainda assim a praticam, contribuindo para uma educação filosófica ainda mais desacreditada e precária.

Tratando-se de escolas da rede pública de ensino, podemos pontuar outra questão: refiro-me à dificuldade de trabalharmos com recursos diferenciados (vídeos, filmes, slides, mapas mentais, músicas, dentre outras possibilidades) que possam ajudar a despertar o interesse dos estudantes, já que estes necessitam do uso de projetores, TVs, computadores, caixas de som, ou seja, de instrumentos à reprodução em sala de aula que em muitas escolas se apresentam de forma insuficientes.

Evidentemente, problemas como esses não dependem apenas de nós professores para serem solucionados, mas o que de fato podemos fazer para transformar pelo menos em parte tal realidade? O que nos cabe modificar em nossas práticas para que obtenhamos mais sucesso no que concerne aos objetivos da filosofia no ensino médio?

Antes da tentativa de resolver tais questões, precisamos de início entendermos o que de fato caracteriza o pensamento filosófico, para posteriormente compreendermos quais práticas precisamos adotar ou modificar quando se trata do

objetivo de proporcionar uma experiência filosófica que se adeque ao nível médio de ensino.

A filosofia é um exercício do pensamento que nasce da tentativa de solucionarmos os problemas que nos afetam. Sendo assim, todo indivíduo pode usufruir em algum momento da sua vida da experiência filosófica. É nesse contexto que o filósofo italiano Gramsci (1986) expressa a ideia de que todos nós somos intelectuais, filósofos. Não existindo uma categoria de pessoas que estejam aptas à filosofia e outra não, ou seja, não havendo restrição para o exercício da filosofia, todos podem experimentar o prazer do pensamento problematizador da filosofia, e nesse caso, os estudantes secundaristas também.

O que precisamos refletir é sobre a maneira e o tipo de ensino da filosofia que devemos proporcionar a esses estudantes, mais especificamente aqueles da rede pública de ensino. Desde a antiguidade e até pouco tempo atrás, a filosofia esteve disponível apenas para um grupo de pessoas, caracterizando-se como um conhecimento elitista. Quando esta passa a ser destinada a todos, especialmente à juventude, surgem os questionamentos e dúvidas sobre que tipo de ensino deve ser ofertado e como podemos tornar mais acessível o saber filosófico a esse público. Segundo Rodrigo (2009, p.17),

Nunca é demais reiterar que o objetivo desse nível de ensino não é formar especialistas na área, nem trabalhar prioritariamente na perspectiva de uma instrumentalização, até porque, entre a massa de estudantes do secundário, a experiência tem mostrado que raros são os que fazem opção por um curso de graduação em filosofia. Esses pontos são importantes para evitar que se cometa o equívoco de instaurar no ensino médio exigências que seriam descabidas em relação ao seu âmbito de atuação.

Sobre essa questão, encontramos orientação semelhante à de Rodrigo no texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais: “nem se pode ter a veleidade de pretender formar filósofos profissionais e nem se deve banalizar o conhecimento filosófico. Ambos os equívocos esvaziam o sentido e invalidam a pertinência da filosofia no ensino médio” (BRASIL, 2005, p.52). Dessa forma, a pretensão da filosofia para o jovem secundarista não seria evidentemente a de formar um especialista na área, mas o de iniciá-lo no processo da reflexão, da crítica e do questionamento, partindo sempre de aspectos de sua realidade.

De acordo com a BNCC do novo ensino médio, a filosofia passa a ser integrada aos itinerários formativos de ciências humanas e sociais aplicadas, tendo

como foco “o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos.” (BRASIL, 2019, p.8). Compreende-se então que mesmo a filosofia integrada às ciências humanas, esta continuará se fazendo presente e necessária ao ensino médio, tendo em vista que espera-se nessa nova configuração que os jovens sejam capazes de construir uma visão e interpretação do mundo e da sua realidade de forma crítica e fundamentada, com o domínio conceitual, ou seja, ultrapassando a perspectiva do senso comum.

2.1 A Filosofia e a especificidade do seu ensino

O filósofo e educador Sílvio Gallo é um dos teóricos mais estudado quando se trata da discussão sobre o ensino de filosofia no cenário educacional brasileiro. Ele apresenta uma concepção de que a filosofia deve ser uma experiência do pensamento, o que seria proporcionado por meio do diálogo problematizador e de uma boa fundamentação teórica, negando assim o nível da mera *doxa*, superficial e sem conteúdo. Assim Gallo expõe sobre a especificidade da filosofia:

1. Trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a filosofia, como veremos a seguir, é que ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos, à diferença da ciência e da arte;
2. Apresenta um caráter dialógico: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva;
3. Possibilita uma postura de crítica radical: a atitude filosófica é a da não-conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas. (GALLO, 2007, p. 22).

Fica claro que a principal característica da filosofia no ensino médio para Sílvio Gallo é a de ser capaz de criar, recriar conceitos. O diálogo e a crítica radical podem até ser encontrados em outras formas do saber, mas apenas a filosofia por meio destas torna-se uma produtora conceitual, de ideias. Deleuze e Guattari (1992, p. 13) já afirmavam isso:

Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. E porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como aquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. Não se pode objetar

que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também sensibilia. Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas a filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam.

Quando discutimos a questão da filosofia e as formas de seu ensino no nível médio, devemos ter certo cuidado em como compreendê-lo e conseqüentemente disponibilizá-lo aos estudantes. Com relação a isso, Gallo (2007) nos faz três alertas. O primeiro alerta chama a atenção para o ensino da filosofia como ato/processo, ou seja, de que ensinar não é apenas transmitir conteúdos construídos ao longo da história do pensamento humano. A filosofia é uma forma de saber contínua, permanentemente viva e ativa, sempre havendo pensamentos e ideias novas sendo produzidas. É preciso também ensinar o processo do filosofar para manter o pensamento sempre vivo:

Se a filosofia continua viva e ativa, é porque tem sido transmitido às novas gerações também o processo da produção filosófica, de modo que há sempre filósofos novos, produzindo um novo pensamento, dando continuidade a essa história. Assim, ensinar filosofia é ensinar o ato, o processo do filosofar. (GALLO, 2007, p.15).

Não se está desconsiderando aqui a importância da história da filosofia para o seu ensino no nível médio, apenas defendemos a aprendizagem conjunta do próprio ato do filosofar com o pensamento filosófico já construído historicamente. Evidentemente, “não temos o direito de querer que nossos alunos ‘reinventem a roda” em filosofia. Para que eles possam aprender o ato do filosofar, é preciso que conheçam a história da filosofia” (GALLO, 2007, p. 16), o que caracteriza o segundo alerta feito sobre o ensino de filosofia. Nessa mesma perspectiva, Silveira expressa o entendimento de que o conteúdo ensinado não deve e nem pode estar separado da aprendizagem do processo da reflexão, ou seja,

Ao aprender o conteúdo filosófico, o aluno aprende ao mesmo tempo, um método de reflexão. Isso porque, ao aprender o raciocínio do autor estudado, o aluno vai também assimilando aquela forma de pensar, de organizar as ideias e os argumentos, enfim, o procedimento reflexivo desse autor, e se exercitando com ele nesse procedimento. Vale dizer, o aluno aprende a refletir, tomando contato com a reflexão praticada pelo filósofo estudado. (2007, p 87-88).

O terceiro e último alerta importante é o de estar aberto para o novo pensamento que possa ser criado. Devemos favorecer a criatividade, partindo do já existente na tradição filosófica, mas quando necessário recusá-la para dar espaço ao diferente, a criação de novas ideias. Digamos que precisamos não aceitar sempre, sem questionamento o já pensado, pois se sempre houver a aceitação do que foi pensado pela tradição, o pensamento filosófico correria o risco de se estagnar, de encontrar falência. Precisamos da tradição, mas ao mesmo tempo devemos negá-la, questioná-la, pôr em análise e discussão. Assim,

Se precisamos estar atentos à história, é necessária porém uma recusa da tradição para a emergência do novo.[...] Em poucas palavras: precisamos do mestre, da tradição, para iniciar ao filosofar; mas também precisamos matar o mestre, negar a tradição, para continuarmos a aventura filosófica, para que a mantenhamos viva e ativa. (GALLO, 2007, p. 16).

Sobre essa perspectiva, o ensino de filosofia não pode apenas se restringir ao conteudismo, ou seja, ao ensino como mera transmissão de conteúdos. Fazer filosofia não é apenas conhecer a sua história, o que logicamente também é necessário, mas ensinar filosofia é proporcionar aos nossos educandos a possibilidade da reflexão, do questionamento e da criação dos seus próprios conceitos. Deve-se entender que a produção conceitual aqui defendida não é nada construído fora da realidade do pensador/estudante. Esta deve partir da própria experiência cotidiana. O conceito deve ter como ponto de partida os problemas vividos, sentidos de alguma forma pelo indivíduo. Silveira alinha-se a esse entendimento quando fala que:

Os conteúdos são fundamentais, mas devem estar em conexão com a realidade dos alunos e com os problemas concretos por eles vivenciados, para que lhes sejam significativos e os façam sentir-se autenticamente motivados para o trabalho filosófico. Afinal, o filosofar, sendo o amor pelo saber, também está associado ao desejo, ao prazer, à paixão, à sedução, e tal dimensão afetiva não deve ser menosprezada no ensino da Filosofia. (2007, p. 89).

A repetição e o entendimento das ideias criadas ao longo da história da filosofia não são suficientes para dizer que os nossos estudantes fizeram ou passaram por uma experiência filosófica. Apenas a reflexão e o questionamento a partir dos problemas vividos e sentidos serão capazes de despertar o indivíduo para o ato de filosofar.

O conceito é uma forma racional de equacionar um problema ou problemas, exprimindo uma visão coerente do vivido; isto é, o conceito é uma forma de lançar inteligibilidade sobre o mundo. Dessa forma, o conceito não é abstrato nem transcendente (como é comum pensarmos na tradição filosófica), mas imanente, uma vez que parte necessariamente de problemas experimentados e “vividos na pele” pelo filósofo, que cria o conceito justamente para equacionar um problema concreto. (GALLO, 2006, p. 24).

Na educação, muitas vezes nós professores nos perguntamos o motivo do desinteresse dos nossos discentes pelos conteúdos que lhes são ofertados, e a resposta é aprendida pela própria prática. Não há interesse porque muitas vezes os conceitos são apenas lançados prontos e acabados. O aluno não precisa pensar, apenas repetir o pensamento já pensado por outro. Quando ao contrário, o tema ou a questão trabalhada está entrelaçada com a vivência do estudante, quando a ideia o faz pensar sobre sua própria prática ou realidade, podemos observar tamanha diferença. Os questionamentos vão surgindo, a discussão vai se estabelecendo, a investigação se aprofunda e a produção conceitual pode ser realizada.

É preciso que nosso público estudantil veja sentido no que é trabalhado em sala de aula, que aquilo o sirva de base, fundamento para sua vida. No caso da filosofia, quando abordamos problemas e questões filosóficas que os envolvem com seus questionamentos, o desenvolvimento e o resultado da aula tendem a ser totalmente diferentes. Se compararmos uma aula sobre a felicidade e o amor, ou a questões mais ligadas à filosofia moral ou política com uma aula de metafísica, isso fica mais visível. Não é preciso mostrar a importância da filosofia quando isso já é notado por eles. Na aula de metafísica, com conceitos abstratos, discutindo ideias fora da sua realidade vivida e concreta não conseguimos muitas vezes, enquanto professores, fazê-los avançar no ato do filosofar, acabamos nos restringindo ao entendimento dos conceitos. Mas se, ao contrário, trabalhamos com os temas e problemáticas que estão imbricados em suas existências, como temáticas do amor, da liberdade, da existência humana, conseguimos ir adiante um pouco mais, há interesse, mesmo que não da totalidade do público, mas, ainda assim, é possível perceber a mudança de atitude. Segundo Gallo,

Se existe a intenção de despertar o interesse e estimular a reflexão filosófica, o caminho mais indicado parece ser tomar os conhecimentos filosóficos significativos para o aluno, e isso só é possível se eles se inscrevem numa busca pessoal do sentido da vida e das coisas. (2007, p 45).

Não se pode ensinar filosofia apenas apresentando informações sobre o pensamento dos filósofos. Como já dito anteriormente, não é que a história da filosofia não seja importante, mas é necessário ir além. É preciso estimular os discentes ao questionamento, a desenvolverem seus próprios pensamentos, conceitos e ideias. A conceituação é um exercício do pensamento que se origina da tentativa de resolvermos e acharmos respostas aos nossos problemas e inquietações. Sendo assim, todo indivíduo ao problematizar sua existência e suas práticas dá início ao que chamamos de experiência do pensamento. Quando o aluno indaga a si mesmo, pergunta-se e questiona-se sobre algo, ele inicia no processo da experiência filosófica, modificando-se enquanto sujeito, e desenvolvendo, criando e recriando um conceito. Essa é a especificidade e o objetivo da filosofia. Gallo afirma que o momento da experiência filosófica de pensamento propriamente dita seria “o equacionamento do problema através de um conceito, seja ele um conceito apropriado de um filósofo, um conceito recriado ou um conceito realmente novo, criado com originalidade”. (2006, p.17).

Partimos então da perspectiva do ensino de filosofia enquanto experiência do pensamento que tem por finalidade uma construção de conceitos, sendo estes criados a partir da integração dos conteúdos filosóficos com a vivência e existência dos nossos estudantes. Compreendendo esta ideia, chegamos a um segundo questionamento: as práticas e metodologias utilizadas nas escolas públicas permitem e tornam possível desenvolver essa experiência filosófica apresentada por Sílvio Gallo? Os conteúdos trabalhados em sala permitem o questionamento, a reflexão, o diálogo tão importantes para o processo da produção conceitual? A filosofia enquanto disciplina consegue cumprir com esse objetivo?

Sabe-se que a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) disponibiliza aos professores de ensino médio um material denominado “Escola Aprendente”⁶, que tem por objetivo servir de orientação para a construção dos currículos escolares. Esse instrumental é fundamentado no PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio)⁷, que apresentam conjuntamente as competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino médio.

⁶ Segundo a SEDUC, o material Escola Aprendente é resultado “de um trabalho coletivo de professores das escolas estaduais de Ensino Médio, técnicos da SEDUC e professores universitários (envolvidos na formação de professores)”. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/escola-aprendente/>. Acesso em: 30 de out. 2019.

⁷ As competências e habilidades citadas encontram-se no Anexo B.

O que podemos perceber e concluir a partir das experiências nas escolas públicas do estado é que se torna inviável trabalhar de acordo com a matriz apresentada, que é vasta, e ainda conseguir desenvolver todas essas habilidades associadas às competências que são denominadas nessas orientações. Gallo já observara que:

Ao ensinar filosofia tomando como objetivo central o desenvolvimento de certas competências e habilidades específicas, como de leitura de textos, articulação de saberes e sua contextualização, corremos o risco de “desfilosofizar” (com o perdão do neologismo) a aula de filosofia, pela perda do conteúdo específico. Por outro lado, ao ensinar filosofia tomando como objetivo a transmissão da história da filosofia, corremos o mesmo risco, mas agora por, centrados no conteúdo, perdermos o desenvolvimento da “experiência” filosófica como prática do pensamento. (2007, p. 17)

Temos aqui duas perspectivas opostas que apresentam a ideia do que deveria ser a filosofia no ensino médio. As duas acabam se equivocando quando tratam do seu principal objetivo de ensino, pois não podemos entender o ensino da filosofia como mero conteudismo. Tão pouco como sendo um instrumento para desenvolver tantas habilidades baseadas nas competências pensadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois não é tarefa tão simples e fácil assim como apresentam.

Não que a filosofia do ensino médio seja incapaz de possibilitar aos seus estudantes o desenvolvimento dessas habilidades. Isso ocorre, mas não deve ser compreendida como regra, como objetivo primordial da filosofia. Em algumas ocasiões isso pode acontecer, em outras não. Se assim agirmos enquanto professores, tendo por objetivo o desenvolvimento dessas habilidades poderemos perder o que é próprio da filosofia, sua especificidade, ou seja, a de ser uma experiência criativa do pensamento, processo/ato de criar e recriar conceitos.

As exigências por meio dos PCNs são muitas; as orientações diversas, mas quando vamos para a realidade das nossas escolas e salas de aula, e mais especificamente, quando compreendemos a realidade da filosofia no ensino médio, percebemos o abismo entre a expectativa e a realidade.

Diante disso, os professores de disciplinas como a filosofia “enxugam” e selecionam conteúdos e temáticas a serem trabalhados nos três anos do ensino médio de acordo com o que é possível realizar. Infelizmente, essa é uma redução necessária. Se trabalhássemos com o que a SEDUC propõe como matriz anual, a filosofia não passaria de uma história da filosofia apresentada de forma bem

superficial e conteudística. E é a justamente isso que estamos nos opondo, o que defendemos é uma verdadeira experiência do pensar filosófico, pois:

Numa aula de filosofia assim concebida importa mais o processo criativo, a experimentação, fazer o movimento de pensamento, do que o ponto de chegada, a solução do problema, a veracidade do conceito criado. Importa que cada estudante possa passar pela experiência de pensar filosoficamente, de lidar com conceitos criados na história, apropriar-se deles, compreendê-los, recriá-los e, quem sabe, chegar mesmo a criar conceitos próprios. (GALLO, 2006, p. 26).

O que é disponibilizado a nós professores de filosofia é uma aula por semana e um livro didático, que os alunos também dispõem. Se nos restringirmos ao uso do livro didático, talvez nossas aulas não sejam tão atrativas, sensibilizadoras, e podem não despertar o interesse dos nossos estudantes pelas temáticas/problemas filosóficos. Sabemos que nosso público é visual, integrado aos vários tipos de mídias. Não podemos negar esta realidade e por isso é necessário pensar em uma metodologia que nos ajude nesse processo de integração entre o que é estudado na disciplina de filosofia e os discentes.

Queremos a reflexão, o diálogo de ideias e o questionamento nas aulas de filosofia. Para proporcionar isso, precisamos repensar práticas e metodologias que nos ajudem nesse difícil processo. Sílvia Gallo nos apresenta uma possibilidade para alcançar nosso objetivo.

2.2 A proposta metodológica de Sílvia Gallo ao Ensino Médio

A proposta metodológica de Sílvia Gallo a ser trabalhada no ensino médio que possibilita o desenvolvimento de uma verdadeira experiência filosófica fundamenta-se no que conhecemos por uma “Pedagogia do Conceito”, pensada e defendida por filósofos como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Gallo definirá então quatro etapas a serem desenvolvidas para uma aula de filosofia enquanto oficina de conceitos. São elas: Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceituação. É importante esclarecer que Gallo não defende uma forma engessada e definitiva de ensinar filosofia por meio do seu método, mas o entende “como proposta inicial a ser revista, repensada, recriada por aqueles que se dispuserem a experimentar a aula de filosofia nessa direção” (GALLO, 2006, p. 27).

Sílvia Gallo apresenta sua metodologia em um manual de Filosofia

elaborado e disponibilizado para uso no ensino médio. O livro didático já conta com duas edições, sendo a sua última do ano de 2016. Nele, Gallo procurou organizar os conteúdos e o processo metodológico do livro de acordo com a sua proposta para esse nível de ensino, ou seja, para que o aluno possa ser capaz de desenvolver seu pensamento, de lidar e de trabalhar com a experiência da conceituação filosófica. O manual intitula-se *Filosofia: Experiência do Pensamento*, e é dividido em unidades que se desenvolvem em torno de uma problemática mais ampla. Já nos capítulos de cada unidade, a problemática geral se ramifica em outras questões e se desenvolve sempre com o mesmo método, seguindo a lógica das quatro etapas didáticas.

O professor que optou por trabalhar com o livro didático de autoria de Sílvio Gallo tem a vantagem de ter o material didático adaptado à sua metodologia. Entretanto, os docentes que fizeram escolha por outro manual, podem inserir e adaptar suas práticas aos passos metodológicos propostos pelo autor. Muitos manuais de Filosofia quando trabalham a partir de temas/problemas filosóficos tendem a trazer recursos e aspectos exigidos na metodologia de Gallo que sem muito esforço conseguimos adaptá-los aos objetivos que apresentamos aqui.

O primeiro passo é denominado de “Sensibilização”. Nesta etapa tem-se por objetivo despertar os estudantes, chamar-lhes a atenção para as temáticas/problemas a serem discutidos. É preciso que o aluno se sinta parte dessa discussão, que se identifique com o problema, pois na sensibilização:

Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Trata-se de fazer com que os estudantes incorporem o problema, para que possam vir a criar um conceito incorporal. (GALLO, 2006, p. 28).

A função do professor nesta etapa é fazer uso de instrumentos, materiais capazes de desenvolverem a empatia dos estudantes com os temas propostos. Tendo sucesso nessa fase, tornaremos o processo mais fácil, pois teremos a atenção e a motivação necessária para trabalharmos as próximas etapas. Para isso, devemos fazer uso de recursos diferenciados, como músicas, poemas, filmes, animações, memes, gifs, quadrinhos, curtas, imagens, dentre outros instrumentos que se apresentem mais próximos da realidade cultural dos estudantes e que sejam capazes de chamar-lhes a atenção, despertar-lhes o interesse pelos temas da discussão filosófica. Rodrigo também compreende essa necessidade quando fala que:

para introduzir o aluno em uma postura filosófica é preciso partir de sua realidade, de seus modos de vivência e apreensão do real, se sua linguagem e de seus conceitos pré-filosóficos ou não-filosóficos, de seu mundo cotidiano, conscientes, contudo, de que a instauração de uma postura filosófica exige a ruptura com a cotidianidade. (2007, p. 46).

O que se propõe nesta etapa é que possamos alcançar o conteúdo filosófico por meio de um recurso não filosófico, que possamos despertar neles a sensibilidade, mobilizando-os a pensar sobre determinado assunto, ou seja, aguçando a curiosidade, o interesse, provocando as primeiras reflexões em torno do tema proposto. Percebe-se, nesse momento, a possibilidade da transversalidade⁸ entre a filosofia e as outras áreas do saber, o que poder ampliar o campo de atuação da filosofia.

Depois de apresentar a temática escolhida na “sensibilização”, chegamos no segundo momento: a “problematização”. Neste, o tema começa a ser questionado, e tem por objetivo despertar no aluno o interesse por soluções, respostas às questões propostas. Se antes o objetivo era “chamar a atenção”, agora o interesse é pelas interrogações, pelo questionamento. Com as perguntas, vem juntamente a tentativa de se achar as respostas, e isso deverá ser feito por meio do diálogo, da discussão bem fundamentada.

Nesta etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas. (GALLO, 2007, p. 28)

A problematização sempre fez parte do entendimento do que seria o pensamento filosófico. Nunca houve e não há possibilidade de haver filosofia sem perguntas, sem questionamentos, sem a dúvida problematizante. Rodrigo já acenava para essa importância da problematização como forma também de compreender que o senso comum, que as opiniões são insuficientes e limitadas na busca por respostas. Vejamos o que a autora fala desse momento do processo didático da filosofia:

A problematização da experiência vivida, quando bem conduzida, acabará por revelar os limites e insuficiências do senso comum e estabelecer a necessidade de uma reflexão mais aprofundada para o equacionamento das questões levantadas. Nesta etapa a filosofia poderá despertar interesse e

⁸ A transversalidade segundo Sílvio Gallo seria “o atravessamento mútuo dos campos de saberes, que a partir de suas peculiaridades se interpenetram, se misturam, se mestiçam, sem no entanto perder sua característica própria, que só se amplia em meio a essa multiplicidade.” (2007, p.33).

mostrar-se necessária se for apresentada como uma possibilidade de descoberta de novas significações sobre o real, para além do senso comum. (RODRIGO, 2007, p. 46).

Posterior a problematização, chegamos ao terceiro momento do método didático apresentado por Gallo: a “investigação”. As perguntas e questionamentos já estão desenvolvidos, agora é a hora de buscar as soluções, as respostas aos problemas encontrados na discussão dos temas trabalhados. É na investigação que o estudante poderá sair da compreensão do senso comum para alcançar um entendimento mais fundamentado. Rodrigo mais uma vez compartilha da ideia de Gallo quando fala que “a necessidade de um aprofundamento na análise do tema deverá demandar o recurso ao texto filosófico que, nesta altura, será solicitado por uma necessidade reflexiva vivenciada pelo estudante” (2007, p. 47).

Para o ingresso no ambiente caracteristicamente filosófico, torna-se assim necessário a utilização da própria história da filosofia. Nela, buscaremos as respostas, os conceitos, as ideias e teorias dos pensadores que possam nos ajudar a solucionar as questões ou mesmo compreendê-las melhor. A história da filosofia é vasta e riquíssima em variedade de pensamentos, haja vista o seu longo trajeto até os dias de hoje. Facilmente então poderemos encontrar filósofos ou filósofas que se debruçaram sobre questões as quais nossos estudantes agora se dedicam. O objetivo da investigação como o próprio nome sugere é investigar mais a fundo, analisar a história da filosofia em busca de respostas. Quando dizemos que nossa abordagem de ensino parte da perspectiva da apresentação inicial dos problemas, isso não quer dizer que a história da filosofia não será estudada. Apenas o ponto inicial passa a ser na problemática proposta e posteriormente buscamos nos períodos histórico-filosóficos como os pensadores trataram dessas questões, momento da etapa investigativa da metodologia de Gallo. Nesse processo, é preciso relacionar as teorias, confrontá-las, mostrar a dialogicidade que é própria do pensamento filosófico.

Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão. Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele o pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema, tal como o vivemos hoje? E na modernidade, Descartes ou Spinoza lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão? (GALLO, 2007, p. 29)

Evidentemente que tendo por objetivo o desenvolvimento do pensamento dos nossos estudantes, não poderíamos recusar nesse processo o uso da história da filosofia, afinal nosso intuito não é que eles descubram ou desenvolvam um pensamento do nada. A produção filosófica existe justamente para que possamos entender por meio de um pensador, de uma escola ou corrente filosófica a nossa realidade, por isso devemos e podemos nos amparar e nos fundamentarmos nela. O que queremos é que o estudante possa buscar nos conceitos e teorias já pensados as respostas às suas inquietações. Todavia, isso não quer dizer que ele apenas deve repetir, copiar o conceito do pensador(a). Ele deve analisar se o conceito encontrado serve para ele, se em parte resolve seu problema ou não. Na hipótese de não lhe servir integralmente, que ele possa reconstruir o conceito a partir do que foi encontrado para adaptá-lo à sua realidade.

Nessa etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas. Mas, mesmo como referencial, a história da filosofia não é tomada de forma panorâmica, mas de forma interessada. Isto é, revisitamos a história interessados por nosso problema, o que faz com que tenhamos uma visão particular da história da filosofia. Serão as várias revisitas a ela, balizadas por diferentes problemas, que possibilitarão uma visão mais geral e abrangente dela. (GALLO, 2007, p. 29).

Fica claro nessa etapa que não utilizaremos a filosofia como uma guia histórico para elaboração do planejamento, onde os pensadores são apresentados na ordem cronológica do pensamento humano. Ela deixa de ser o centro, e passa a ser um meio para alcançar o entendimento dos problemas ora discutidos. Deixa de ser o guia para a construção do currículo e passa a ser um recurso para pensarmos as questões atuais.

Nas escolas de ensino médio, podemos observar duas formas predominantes de ensinar filosofia. A primeira se pauta sobre uma abordagem histórica e a segunda sobre a divisão em temáticas e problemas. É interessante notarmos que na primeira forma, de acordo com o ordenamento histórico, podemos incorrer no erro de apresentar ideias e conceitos filosóficos aos alunos sem antes despertá-los para os problemas que levaram o pensador(a) a construir tal pensamento. É necessário que os discentes façam parte da reflexão, construam seus questionamentos e aí então busquem a tradição na intenção de solucionarem suas interrogações, pois:

Nessa perspectiva, a aprendizagem filosófica não deve começar colocando o aluno de imediato diante da diversidade de doutrinas e sistemas filosóficos. A história da filosofia ganha novo sentido quando, em lugar de apresentar-se como uma crônica do passado, passa a ser solicitada por interrogações postas no presente. A referência aos autores não constitui mera erudição ou um conhecimento pelo conhecimento, mas um recurso precioso e indispensável para pensar as questões que desafiam o homem na contemporaneidade. Esse modo de relacionar-se com a tradição filosófica institui uma reciprocidade entre a história passada e a pesquisa contemporânea, na medida em que se re-põe as questões e busca as respostas de novo, aqui e agora. (RODRIGO, 2009, p.51)

É para evitarmos equívocos como esses que de acordo com o pensamento de Gallo, faz-se necessário incluir nos nossos planejamentos de aula os dois momentos anteriores à investigação, no caso a sensibilização e a problematização, descentralizando assim, mas não excluindo a importância da história da filosofia. A segunda forma bem presente no ensino médio é aos nossos olhos a mais adequada a proposta metodológica de ensino de filosofia que aqui apresentamos, ou seja, a partir de temas/problemas. Quando tomamos por base essa perspectiva de ensino, as etapas didáticas elaboradas por Gallo mais natural e facilmente podem ser desenvolvidas.

Posteriormente à investigação, chegamos à etapa final da proposta metodológica trabalhada por Gallo: a “conceituação”. Como já visto nas sessões anteriores, esse é o momento em que culmina o que chamamos de experiência do pensamento, verdadeiramente filosófica. Gallo caracteriza a “conceituação como sendo a etapa onde:

Vamos em busca da “ecologia dos conceitos”⁹, de procurar aqueles que se relacionam com o problema que estamos investigando, identificando seus parentescos, como eles vão se transformando pela história da filosofia para adequar-se também às transformações históricas dos problemas. Aqui, nessa etapa final, trata-se de fazer o movimento filosófico propriamente dito, isto é, a criação do conceito. Se na investigação pela história da filosofia encontramos conceitos que são significativos para nosso problema, trata-se então de deslocá-los para nosso contexto, recriando-os de forma a apresentarem possíveis soluções; se, por outro lado, não encontramos

⁹ Sílvia Gallo em seu escrito *A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade* constrói uma nota para esclarecer o que seria essa “ecologia dos conceitos”. O entendimento dessa expressão seria remetido a Nietzsche em *Além do bem e do mal*. Assim também reproduzimos a passagem: “Os conceitos filosóficos individuais não são algo fortuito e que se desenvolve por si, mas crescem em relação e em parentesco um com o outro; embora surjam de modo aparentemente repentino e arbitrário na história do pensamento, não deixam de pertencer a um sistema, assim como os membros da fauna de uma região terrestre – tudo isso se confirma também pelo fato de os mais diversos filósofos preencherem repetidamente um certo esquema básico de filosofias possíveis. À mercê de um encanto invisível, tornam a descrever sempre a mesma órbita: embora se sintam independentes uns dos outros, com sua vontade crítica ou sistemática, algo neles os conduz, alguma coisa os impele numa ordem definida, um após o outro – precisamente aquela sistemática e relação inata entre os conceitos.” (Nietzsche, 1992, p. 25-26).

conceitos que deem conta de nosso problema, certamente encontramos uma série de elementos que nos permitam criar um conceito próprio. (2007, p. 30).

Podemos compreender o momento da conceituação no sentido em que Deleuze e Guattari apresentam, ou seja, como sendo ferramentas que estão à nossa disposição e que podem nos servir ou não. Como Gallo afirma, o conceito não é criado do nada, e por isso recorrendo primeiramente à história da filosofia, à nossa “caixa de ferramentas”, teremos o necessário para desenvolver a atividade da criação/adaptação/recriação conceitual. Percebe-se que o momento da conceituação não é uma tarefa simples, mas Sílvia Gallo faz questão de esclarecer esse processo. Vejamos a passagem abaixo:

Que fique claro então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, a partir do nada; são os próprios conceitos, colhidos na história da filosofia, ou seus elementos próprios, que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema. (2007, p. 31).

É esta experiência do pensar que devemos estudar e viabilizar aos nossos estudantes do ensino médio. Reafirmando, é preciso que se sintam parte da discussão (sensibilização), que questionem a realidade, seus valores, o mundo e o próprio conhecimento (problematização). Assim como também é necessário fornecermos enquanto professores a fundamentação filosófica para que os alunos consigam, mesmo que em parte obter as respostas aos seus problemas (investigação). E, no fim desse processo, que seja dada a possibilidade dos discentes desenvolverem o próprio pensamento conceitual, distanciando-se assim da mera repetição de ideias, decoradas e reafirmadas sem questionamento.

A aplicação dessa *pedagogia do conceito* em escolas da rede pública de ensino é possível, mas encontra algumas dificuldades que devem ser superadas para a sua efetividade. Isso porque cada etapa requer um tempo necessário, e tempo não é algo que temos muito em sala de aula. Como sabemos a aula de filosofia tem reservada para si apenas 50 minutos semanais durante todo o ano, com exceção de algumas poucas escolas que, por terem o sexto tempo ou por serem integrais, conseguem disponibilizar um tempo a mais para a prática filosófica. Mas grande parte das escolas não possuem essa configuração, e nós professores temos que desenvolver a aula com essa limitação do tempo. Além disso, lidamos com o fato das escolas públicas oferecerem outra limitação: a de não possuírem recursos

materiais suficientes a todos os professores da escola, o que poderia mais uma vez trazer mais uma barreira para a implantação da metodologia que propomos aqui. Se nos restringíssemos ao uso do que pode ser impresso como imagens, letras de músicas e mesmo pequenos textos, diminuiríamos em parte esse problema. Entretanto não queremos nos limitar no uso de recursos sensibilizadores, até porque os recursos audiovisuais nos trazem um bom retorno quando se trata de despertar o interesse dos estudantes aos temas que são discutidos em sala.

Diante disso, devemos nos atentar para a nossa realidade e cogitar o uso de recursos, ferramentas, ou seja, meios alternativos que ao mesmo tempo possibilitem a extensão da sala de aula e que nos ofereça opções de utilização de recursos visuais, auditivos, midiáticos diversificados, que sejam capazes de tornar a aula de filosofia mais atrativa, significativa, problematizadora, e que dê espaço para o diálogo tão necessário no campo filosófico. O segundo capítulo desse trabalho apresenta uma possibilidade de saída para o problema encontrado aqui. Vejamos a partir de uma investigação de práticas já utilizadas e de estudos já realizados como isso será possível.

3 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Desde o início dos tempos, a sociedade vem desenvolvendo ferramentas e oferecendo recursos para facilitar a nossa existência, o nosso cotidiano. O mundo e sua configuração atual são bem diferentes das gerações passadas. É inegável a evolução das ferramentas e tecnologias da informação e comunicação (TICS). Segundo Lima (2006, p.1):

Conhecidas genericamente como Tecnologias da Informação, e mais usualmente como "Novas Tecnologias da Informação", o seu conceito é recente. São tecnologias electrónicas para coligir, armazenar, processar e comunicar a informação. Podem considerar-se duas categorias de tecnologias: as que são capazes de processar a informação (como os computadores) e as que disseminam a informação, como os sistemas de telecomunicações. Actualmente estas duas categorias têm vindo a fundir-se, tendo como objectivo principal disponibilizar a informação com rapidez, segurança e exactidão.

Diante disso, devemos pensar o uso de todo esse arsenal tecnológico não apenas em prol de nossas vidas particulares. Podemos e devemos alargar esse campo de atuação em benefício da educação e do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, nós professores temos o desafio de construir estratégias e adaptar metodologias que se relacionem com a realidade educacional do público jovem, promovendo assim, uma aprendizagem que agregue mais sentido e significado ao que é ensinado no ambiente escolar.

Com o avanço e acessibilidade da internet e das tecnologias da informação, a escola deixou de ser a única via à aprendizagem e ao conhecimento científico. Deixou de caminhar sozinha e ganhou novas parcerias para atingir seus objetivos. Evidentemente, é necessário inicialmente que o(a) professor(a) esteja aberto(a) para a reavaliação de suas práticas e, por conseguinte, disponível para as transformações e modificações necessárias se tem verdadeiramente em mente proporcionar uma aprendizagem mais significativa.

Não podemos esquecer, conforme postulam Silveira e Reis (2011), que devemos compreender os estudantes enquanto “nativos digitais”, ou seja, crianças e adolescentes que já nasceram e vivem em uma realidade tecnológica, virtual. Esse conceito de “nativos digitais” origina-se e remonta a Prensky¹⁰ em seu artigo

¹⁰ Marc Prensky é pensador internacionalmente aclamado, conferencista, escritor, consultor, e criador de jogos nas áreas críticas de educação e aprendizagem. Prensky possui a titularidade de MBA em Harvard e Mestrado em Educação em Yale.

“*Nativos digitais, Imigrantes digitais*”¹¹. Nela, o autor observa e aponta uma resposta para o declínio da educação ocorrida nos Estados Unidos. Apesar de ter realizado sua análise em outro país, sua investigação também serve para compreender a nossa realidade educacional. Vejamos o que ele já alertava:

É incrível para mim que com toda a agitação e debate atual sobre o declínio da educação nos EUA, nós estejamos ignorando a principal causa desta queda. Nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado. Os alunos de hoje não mudaram apenas em termos de avanço em relação aos do passado, nem simplesmente mudaram suas gírias, roupas, enfeites corporais, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Aconteceu uma grande descontinuidade. Alguém pode até chamá-la de apenas uma “singularidade” – um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta. Esta então chamada de “singularidade” é a chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. (2001, p. 1).

Prensky nos faz aqui um alerta sobre o tipo de educação que oferecemos à nossa juventude. Será que o modelo que hoje seguimos, em nossas escolas e salas de aula, ainda consegue despertar o interesse dos nossos educandos? Será que a linguagem, as metodologias empregadas por nós ainda são capazes de alcançar as novas gerações? Como sabemos, a sociedade se modificou, e as gerações que educamos hoje são diferentes da nossa e mais diferentes ainda da geração de nossos pais e avós. Sendo assim, como ainda podemos continuar tentando ensinar da mesma forma que nós aprendemos? Provavelmente, desenvolveremos o sentimento de ineficácia do processo educativo e do nosso ensino. Um dos grandes problemas enfrentados na educação “é que os nossos instrutores Imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova.” (PRENSKY, 2001, p.2).

Nós professores, em significativa parcela, não somos “nativos digitais”, mas sim o que o autor denominou de “Imigrantes digitais”, ou seja, aqueles que viveram em uma época em que os computadores, a tecnologia virtual e a internet não eram tão presentes como hoje, e que só mais tarde adotaram aspectos dessa nova realidade tecnológica. Parte dos professores reconhecem a necessidade da transformação de suas práticas de ensino, mas outros ainda insistem em viver o passado em sala de aula. São estes que afirmam que “os aprendizes são os

¹¹ Será utilizada a versão do artigo *Digital natives, digital immigrants* traduzida e cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza, professora, tradutora e mestra em educação pela Universidade Católica de Goiás.

mesmos que eles sempre foram, e que os mesmos métodos que funcionaram com os professores quando eles eram estudantes funcionarão com seus alunos agora”. (PRENSKY, 2001, p. 3). Posicionamentos como esses desconsideram a realidade. Os alunos de hoje se comportam, vivem e aprendem de forma diferente, por isso, o ensino que se desloca e que exclui a vivência e o cotidiano dos indivíduos dificilmente será capaz de despertá-los para o processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos de hoje são diferentes. [...] “Toda vez que vou à escola tenho que diminuir minha energia”, reclama um estudante de ensino médio. É que os Nativos Digitais não podem prestar atenção ou eles não escolhem? Frequentemente do ponto de vista dos Nativos, seus instrutores Imigrantes Digitais fazem com que não valha a pena prestar atenção à sua forma de educar se comparar a tudo o que eles vivenciam – e então eles os culpam de não prestarem atenção! (PRENSKY, 2001, p. 3).

Evidentemente, a linguagem, a forma de se comunicar de um nativo é diferente da de um imigrante. E já que nós professores somos os imigrantes no sentido digital, somos nós, e não os alunos, quem deve aprender a falar a mesma língua e a adaptar os métodos de ensino a essa nova realidade estudantil. Não podemos esquecer que a dificuldade da inserção e do uso integrado das TICS no contexto e na prática de sala de aula está intimamente ligada com a ineficiente e falha disponibilidade dos cursos formação docente, ou seja, existe ainda uma lacuna quanto a capacitação dos professores para o uso das ferramentas digitais. Alguns docentes se aventuram em utilizá-las em sala, por sua própria conta ou conhecimento, mas outros se intimidam e preferem não arriscar e continuam com as práticas já conhecidas e de seu domínio. Sobre a importância da capacitação dos professores, Bento já afirmava que

Um adequado curso de capacitação para a utilização das TDIC em sala de aula deve possibilitar uma nova visão do trabalho docente. A familiarização com o computador e suas ferramentas faz com que o professor não se amedronte com a inserção da tecnologia na escola, ao contrário, com a apropriação destes recursos o professor se lançará constantemente a novos desafios estando em comunhão com o universo de seus alunos. (2014, p.7)

Muitos dos professores atuantes em sala de aula são o que de fato Prensky denominou de imigrantes digitais. O que devemos reconhecer é que infelizmente não recebemos formação profissional adequada para o trabalho com as tecnologias digitais, e por isso, a resistência por parte de muitos professores em utilizá-las em suas aulas é sempre presente. Quando mencionamos formação dos

professores não estamos apenas nos referindo aos cursos ou orientações que ensinam como usar computadores, softwares, aplicativos, plataformas digitais, e dentre outros. Evidente que isso é um passo importante e essencial, mas o que necessitamos é pensar as práticas pedagógicas associados a essa realidade, pois de nada adiantaria saber como funciona uma rede social ou uma plataforma virtual se os professores não identificarem ou souberem como adaptar e utilizar essas ferramentas de forma integrada e alinhada com os seus métodos de ensino. Elizabeth Almeida trabalha com a formação para o uso das tecnologias digitais com grupos de professores que compartilham e dialogam sobre suas experiências. Segundo a autora, não basta o domínio instrumental da tecnologia, é preciso que a formação ensine não apenas a seguir prescrições de uso, mas que proporcione aos educadores

a oportunidade de explorar as tecnologias digitais, identificar suas potencialidades educacionais, desenvolver práticas com o uso dessas tecnologias com alunos, refletir para ajudá-los a aprender e trazer suas reflexões sobre esta ação para discussão com o grupo em formação. No diálogo que se estabelece com a experiência em ato, com os colegas e com o formador, o professor poderá melhor compreendê-la à luz de teorias que o ajudem a superar o nível intuitivo da ação, refletir sobre as experiências e produzir conhecimentos para fomentar práticas pedagógicas com a integração de tecnologias de modo que esses instrumentos possam trazer contribuições efetivas à aprendizagem ativa do aluno. (ALMEIDA, 2007, p. 10)

Como se pode observar, a formação profissional dos professores não deve ser fechada em si, com determinações e prescrições já prontas. Esse processo é enriquecido e pensado a partir das práticas de ensino dos próprios professores, e por isso, sempre contínuo em descobertas e possibilidades de atuação.

Dito isso, nosso primeiro passo deve ser o de reconhecer que as ferramentas e os recursos disponibilizados pela era tecnológica que vivemos pode nos ajudar no processo educacional. Em várias de suas aplicabilidades facilitam a rotina de nossas vidas, mas precisamos aprender como utilizá-las de forma construtiva para o processo de ensino aprendizagem. Pois

não basta apenas transportar a escola para o século XXI, equipando-a com recursos tecnológicos de última geração, é preciso preparar, motivar e qualificar significativamente os professores para que estes tragam as inúmeras possibilidades de construção de conhecimento da era tecnológica para dentro e fora da sala de aula como propulsor da aprendizagem. (BENTO, 2014, p. 8)

Os materiais didáticos digitais são de variedade gigantesca. Silveira (2013) em seu artigo “Materiais didáticos digitais” já apontava várias razões para o uso dos recursos digitais e das tecnologias da informação e comunicação (TIC’S). São algumas delas: o uso de computadores atrelado aos planos de ensino como forma de motivação; simuladores virtuais que podem viabilizar novas possibilidades de experimentos quando os recursos e a limitação dos laboratórios físicos não atenderem essa demanda; a extensão da aprendizagem para além do horário da aula, que também favorece a aprendizagem autônoma; acesso aos conteúdos em formatos digitais, sejam estáticos (livros, textos em pdf e imagens), sejam dinâmicos (vídeos, animações e diferentes tipos de mídias); uso de softwares criados com fins educacionais; dentre outras razões para pensar o ambiente virtual das telinhas em favor da educação da nossa juventude.

Vejamos que a possibilidade de uso dos ambientes e ferramentas virtuais são de uma variedade grande e podem ser aplicadas a diferentes áreas do conhecimento, sendo necessária formação e capacitação aos professores dispostos a analisar e cogitar outras formas de ensino a partir da tecnologia que já é uma realidade na vida de todos nós. Assim, cabe-nos refletir que tipo de “Imigrante digital” queremos ser, pois:

Os espertos adultos imigrantes aceitam que eles não conhecem seu novo mundo e tiram vantagens de suas crianças a ajudá-los a aprender e integrar-se. Os imigrantes não-tão-espertos (ou não-tão-flexíveis) passam a maior parte de seu tempo lamentando de como eram boas as coisas em seu “velho país”. Então a menos que nós queiramos apenas esquecer a educação dos Nativos Digitais até eles crescerem e eles mesmos a conseguirem, seria melhor confrontarmos este assunto. E ao fazê-lo precisamos reconsiderar tanto a metodologia quanto o nosso assunto. (PRENSKY, 2001, p. 3).

Como apresentado acima, existe dois tipos de imigrantes digitais: aqueles que conscientes da realidade passam a tentar compreender e aprender com esse “novo mundo”, e os que diferentemente insistem em permanecer no “velho mundo”. Os professores imigrantes “espertos e flexíveis” devem então pensar em como utilizar as ferramentas do mundo tecnológico e virtual para fins educacionais, pensando em adaptações e inovações de suas práticas de ensino.

A introdução e o uso das TICs no processo educativo ainda encontram algumas barreiras e resistências entre professores. Isso se deve em parte às falhas da formação profissional dos professores que não receberam capacitação adequada

para abrirem-se a possibilidade da integração das TICS às suas práticas e metodologias de ensino. Em outra está na crença de que o professor seria o único detentor do saber, o que nos dias de hoje já se encontra ultrapassada. Sócrates e Platão, na Antiguidade, já utilizavam um método diferente de ensino. O método dialético socrático tinha por objetivo conduzir o indivíduo em direção ao conhecimento. O saber não seria apenas transferido, transmitido aos estudantes, semelhante a um objeto que presentamos a alguém. Mas sim, construído a partir da perspectiva do aluno, onde o mestre/professor caracteriza-se por ser um facilitador, intermediador entre o aprendiz e o conhecimento, o que se diferencia completamente da maneira como os profissionais da educação na antiguidade (sofistas) e alguns ainda na contemporaneidade compreendem o processo do ensino.

Na atualidade, além de reconhecer que a produção do saber se constrói a partir da realidade do estudante, sendo este protagonista do seu aprendizado, devemos considerar também a necessidade da inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação, já que vivemos uma era digital. Os recursos tecnológicos não vieram para substituir a figura do professor, mas trazem uma nova percepção sobre a sua função no processo educacional. Nessa perspectiva, entendemos que:

A introdução das novas tecnologias e sua aplicação no ensino em nada diminuiu o papel do professor. Modificou-o profundamente. O professor deixou de ser o único detentor do saber e passou a ser um gestor das aprendizagens e um parceiro de um saber coletivo. [...] Deste modo, compete-lhe exercer toda a sua influência no sentido de organizar o saber que, muitas vezes, é debitado de uma forma caótica, sem espírito crítico e sem eficácia. O novo perfil do professor levará, decididamente, a situá-lo na vanguarda do processo de mudança que a Sociedade da Informação pôs em marcha (LIMA, 2006, p. 4).

Também Lévy, filósofo de referência conhecida quando se trata da discussão sobre as novas tecnologias, já alertava sobre as mudanças necessárias no campo educacional. Segundo ele, a função principal do:

[...] professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feito de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos ao seu encargo (1999, p. 170).

O conhecimento e as informações sobre diversas áreas e ciências facilmente e rapidamente podem ser acessados pela conectividade ao mundo virtual disponível. Por isso, se pensarmos na função do professor como sendo o que já é possível via internet, esta profissão estaria com os dias contados. Portanto, a funcionalidade do professor é outra, tendo este a necessidade de adaptar-se à nova configuração dessa profissão, ou seja, a de agora apresentar-se como um mediador, um gestor da aprendizagem de seus alunos, orientando-os na busca e no acesso ao conhecimento.

Evidenciada a importância e a urgência do uso das tecnologias também no processo educativo, não podemos esquecer que a sua utilização dependerá da infraestrutura das instituições, da formação e do conhecimento dos professores sobre a área, como também da acessibilidade dos alunos a estas ferramentas. Quando se trata de escolas públicas devemos considerar que em sua maioria os materiais tecnológicos disponibilizados são insuficientes para o uso como aqui desejamos. Por isso, destacamos a importância e a necessidade mais do que urgente de investimentos na estruturação tecnológica de nossas escolas, como também na formação dos profissionais de ensino para trabalhar com materiais diferenciados. Como já previsto, Imbérnon nos relata:

Para que o uso das TIC signifique uma transformação educativa que se transforme em melhora, muitas coisas terão que mudar. Muitas estão nas mãos dos próprios professores, que terão que redesenhar seu papel e sua responsabilidade na escola atual. Mas outras tantas escapam de seu controle e se inscrevem na esfera da direção da escola, da administração e da própria sociedade (2010, p.36).

Apesar de sabermos que existem coisas na educação que não dependem apenas de nós professores, ainda assim insistiremos na busca por soluções e saídas para as adversidades que encontramos. É algo que faz parte de qualquer educador, pensar sempre a partir de nós, de nossas práticas. Se no mundo material de nossas escolas encontramos ainda dificuldades que nos impedem de trabalhar da forma que aqui propomos, devemos cogitar um novo mundo, mesmo que não físico. Estamos falando da possibilidade do uso do universo digital. Hoje, é difícil encontrarmos adolescentes que não usufruam de, pelo menos, um meio de comunicação virtual, em virtude da variedade de possibilidades existentes. Não podemos negar tal realidade, o que precisamos é que os ambientes virtuais sejam direcionados e adaptados para a aprendizagem.

Sabemos que hoje em dia já existem propriamente diferentes tipos de “AVA” (ambiente virtual de aprendizagem), criados com a intencionalidade de proporcionar o processo de ensino de forma virtual, online. Muitos desses ambientes virtuais já são utilizados por muitas universidades que oferecem os seus cursos na modalidade de educação à distância (EAD).

Ambientes digitais de aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza, de acordo com uma intencionalidade explícita e um planejamento prévio denominado *design educacional*. (ALMEIDA, 2003, p. 6)

Em cursos universitários e de formação e aprimoramento profissional, as plataformas digitais têm sido muito utilizadas. Já faz algum tempo que softwares como TelEduc, Moodle, Solar, Sócrates vêm oferecendo aos educadores a possibilidade de desenvolverem atividades educacionais que superam os limites físicos da sala de aula.

Não queremos a substituição da sala de aula física e do professor pelos ambientes virtuais de aprendizagem. O que desejamos é trabalhá-los conjuntamente, como suporte um para o outro. Enxergamos uma forma de expansão da sala de aula que consegue ultrapassar as dificuldades encontradas no sistema público de educação. Falamos aqui de um ensino híbrido, uma metodologia ativa que mescla o ensino presencial ao ensino que pode ser desenvolvido online a partir da disponibilidade das novas tecnologias. Essa mescla do ambiente virtual com o presencial favorece a aprendizagem quando alarga o horizonte de possibilidades de utilização de diferentes metodologias, práticas e recursos na promoção de um ensino mais interacionista.

Segundo Horn e Staker (2015, p. 34), o “ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle dos estudantes sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo”. Fica claro que o ensino híbrido é a promoção da educação que envolve o ensino que é desenvolvido parte no ambiente tradicional, formalizado e, em outra, na conectividade com o mundo online,

virtualizado. Essa união do campo formal com o informal tem uma mesma intencionalidade: a de ensinar e promover a aprendizagem, por isso, ambos devem estar alinhados em seus objetivos, metas, e previamente planejados e organizados para atingir sua finalidade educativa. Evidentemente, a presença do professor de modo nenhum será excluída, mas adaptada e repensada a essa possibilidade de ensino.

Várias são as perspectivas para o uso de métodos e práticas de ensino que desenvolvam o ensino híbrido. Entretanto, se queremos e optamos por sua adesão, precisamos primeiramente analisar a realidade e o perfil tanto do nosso público estudantil quanto das nossas escolas. Somente considerando e partindo das informações da nossa realidade, poderemos encontrar e obter o sucesso nas transformações que promovemos no campo educacional.

3.1 A Emergência das redes sociais e suas possibilidades

As redes sociais são utilizadas rotineiramente pelo público jovem no Brasil. Não são apenas meios de se relacionarem entre si, mas também ambientes de informação, entretenimento e lazer. O surgimento dessas novas tecnologias da informação e comunicação, desenvolvidas a partir da conectividade com a internet, constitui o que Lévy denominou por ciberespaço, ou seja:

O ciberespaço (que também chama de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (1999, p. 17).

Vivemos uma era digital. Estamos conectados diariamente aos mais variados tipos de aplicativos, plataformas e softwares. No Brasil, os ambientes mais utilizados são as redes sociais. Segundo os dados do portal de estudos e estatísticas *Statista*¹², o Facebook é a maior rede social utilizada no mundo, liderando o ranking em usuários, seguido do Youtube e WhatsApp. Entre a população brasileira não é tão diferente assim. Baseado no relatório¹³ produzido pela

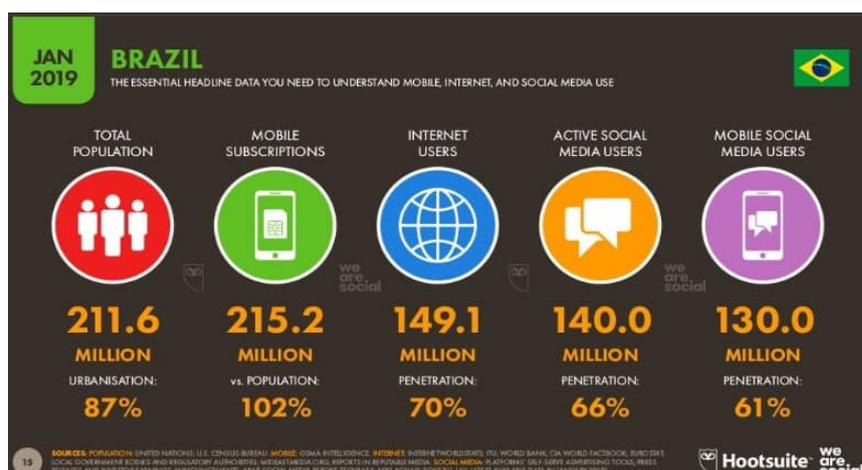
¹² A pesquisa divulgada pelo portal *Statista* é referente ao mês de setembro de 2019. Os dados podem ser acessados e verificados através do endereço eletrônico: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>.

¹³ O relatório que informa os dados sobre o ranking das redes sociais mais utilizadas no Brasil é datado de janeiro de 2019 e pode ser encontrado no site do *We Are Social* no endereço eletrônico: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>.

We Are Social, em parceria com a *Hootsuite*, observou-se, conforme mostra a imagem a seguir, que mais de 140 milhões de pessoas fazem uso das redes sociais, ocorrendo apenas uma mudança de posição entre os primeiros colocados, a saber, o Youtube está na melhor colocação, seguido pelo *Facebook* e *WhatsApp*.

Como se pode observar na imagem abaixo, em 2019 eram 215,2 milhões de assinaturas de linhas telefônicas, ou seja, um número que superava até mesmo a totalidade da população brasileira, de 211,6 milhões de pessoas. Outro dado importante a ser notado é que aproximadamente 70% da população (149,1 milhões) acessava a internet de alguma forma, e 66% (140 milhões) possuíam contas ativas nas redes sociais, sendo que 61% (130 milhões) desses usuários acessavam as redes sociais através do telefone móvel.

Figura 1 - Relatório digital do Brasil em 2019



Fonte: Portal We are Social.¹⁴

Em 2020¹⁵, com dados datados de janeiro do mesmo ano também realizados pela parceira entre a *We Are Social* e *Hootsuite*, verificou-se um aumento de 6% no número de internautas em relação a 2019, um crescimento de 8,5 milhões, totalizando 150,4 milhões de brasileiros conectados à internet. Entretanto, com relação às conexões móveis, houve uma diminuição de 1,6% (3,4 milhões) entre o ano de 2019 com relação à 2020. Apesar da diferença, os dados acerca do acesso através de dispositivos móveis ainda era o correspondente a 97% da população brasileira. O que se pode compreender é que após o surgimento e a popularização do que denominamos de *smartphones* - telefones inteligentes com múltiplas

¹⁴ Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em: 30 de out. 2019.

¹⁵ Disponível em: <https://reportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

funcionalidades, os ambientes virtuais, o ciberespaço e especialmente as redes sociais passam a ser acessados com maior frequência e rapidez, já que não estão mais limitados à necessidade dos computadores para a conexão. Ainda de acordo com a pesquisa supracitada acima, em janeiro de 2020, tínhamos 140,0 milhões de pessoas usuárias de mídias sociais no Brasil, o que em relação a abril do ano anterior representou um crescimento de aproximadamente 8,2%, ou seja, um aumento de 11 milhões de usuários.

Apesar do crescimento nos números de pessoas conectadas à internet, quando trazemos a análise para o nosso público-alvo em questão, a juventude, podemos perceber que a inclusão digital ainda está longe de ser o ideal. Segundo os dados divulgados em maio de 2020 pelo Fundo das Nações Unidas para a infância (Unicef), cerca de 4,8 milhões (17%) de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos não possuem acesso à internet em suas casas¹⁶. Isso tem-se evidenciado bastante com o enfrentamento da pandemia do Novo Coronavírus, quando redes e instituições de ensino, professores e estudantes tiveram que se adaptar à realidade do ensino remoto, e à aprendizagem e o contato com os professores e a escola ficaram restritos às ferramentas e aos ambientes virtuais. Nas regiões Norte e Nordeste, o índice de 17% passa para 21% de crianças e adolescentes sem contato nenhum com a internet. Na situação em que vivemos, onde o ensino depende quase que integralmente do acesso e conexão à internet, é de fundamental importância e urgência que as instituições políticas governamentais em suas diferentes esferas elaborem estratégias e mobilizem-se para garantir igualdade de acesso ao ciberespaço, e nesse caso, possam garantir o direito à educação e à aprendizagem dessas crianças e adolescentes.

As mídias sociais caracterizam-se como um processo de produção, disponibilização e compartilhamento de conteúdos diversos que podem secundariamente promover a interação entre as pessoas. Uma das principais formas de divulgação de conteúdos é através das redes sociais, pois estas conseguem atingir grande número de pessoas em pouco tempo. É importante salientar que redes sociais e mídias sociais não são exatamente a mesma coisa, apesar de na prática as duas terem quase que a mesma funcionalidade. A diferença que podemos observar entre as mídias sociais e as redes sociais está no objetivo para o qual elas

¹⁶ Informações retiradas do site da Unicef. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>. Acesso em: 08 de dez. 2020.

foram criadas. Ou seja, o que diferencia basicamente as mídias sociais das redes sociais é que a primeira tem como objetivo central a produção e compartilhamento de conteúdos; a interação entre os usuários pode até acontecer, mas esta não caracteriza o seu papel ou intuito principal. Já nas redes sociais, inverte-se esse entendimento, pois seu principal objetivo é promover a interação entre os seus usuários, independente de que meio se utilize para isso. O que percebemos é que atualmente essas duas realidades estão imbricadas, grande parte das plataformas criadas para produção de conteúdos também promovem a interação e o relacionamento das pessoas no compartilhamento de ideias, pensamentos e valores. Do mesmo modo acontece com as redes sociais, na promoção e interação com outros usuários, muitas redes alargam o seu campo de atuação ao possibilitarem também a utilização de seus recursos para a criação e produção de diferentes tipos de conteúdos midiáticos.

De uma forma ou de outra, independentemente se cumprem apenas o papel aos quais se propõem ou se alargam suas possibilidades quanto aos seus usos, a realidade é que tanto as redes sociais como as mídias sociais são utilizadas em todo o mundo, e de forma bem expressiva no Brasil. Como sabemos, muitas são as opções existentes de mídias e redes sociais. Além do Facebook, WhatsApp, Youtube que são as mais conhecidas e utilizadas pela população, ainda temos Messenger, Twitter, Wechat, LinkedIn, Snapchat, Pinterest, dentre tantas outras existentes.

A cada ano surgem novas redes sociais que apostam em diferentes funcionalidades na intenção de atrair as pessoas. Mas o que caracteriza uma rede social, o que a define? Marteleto compreende como sendo “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (2001, p. 72). De forma semelhante, Silva e Ferreira apresentam a rede social como “um conjunto de pessoas (ou empresas, ou qualquer outra entidade socialmente criada) interligadas (conectadas) por um conjunto de relações sociais tais como amizade, relações de trabalho, trocas comerciais ou de informações” (2007, p. 2). Dessa forma, as redes sociais no sentido tecnológico, virtual, podem apresentar-se de maneiras diferentes, mas preservam um objetivo em comum: o de conectar as pessoas via internet, promovendo a interação por meio do compartilhamento e da troca de informações, sejam do âmbito pessoal, político, comercial, seja profissional.

Assim, temos o que denominamos de comunidades virtuais, pessoas conectadas que interagem e se comunicam transcendendo as barreiras geográficas. Atualmente, basta o acesso à internet para termos a possibilidade de conhecer, interagir e compartilhar informações com pessoas de diferentes lugares do mundo. Sobre o conceito de comunidades virtuais, Schlemmer e Carvalho apresentam como:

redes eletrônicas de comunicação interativa autodefinidas, organizadas em torno de um interesse ou finalidade compartilhados. Podem abarcar e integrar diferentes formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos, devido às suas diversificações, multimedialidades e versatilidades. O desenvolvimento de comunidades virtuais se apoia na interconexão e se constitui por meio de contatos e interações de todos os tipos. (2005, p. 2)

A internet e o conjunto das redes sociais criaram um espaço para interação e comunicação jamais pensado, informações e diversos tipos de conteúdo estão ao alcance de pessoas de todo o mundo. A conectividade ao mundo virtual, à internet e às redes sociais já são uma realidade na vida da juventude brasileira. Entretanto, muito ainda se vê de negativo na relação dos jovens com o ciberespaço. Todavia, todo e qualquer ambiente seja ele físico ou não tem seus riscos e perigos, o que depende muito mais da forma e do intuito que a ele atribuímos. Ou seja, ao mesmo tempo que a internet e as redes sociais nos proporcionam acesso à informação a nível mundial, uma comunicação rápida entre as pessoas e formas de interação e entretenimento, estas também podem, ao mesmo tempo, serem palcos de atos de assédio, discursos de ódios, disseminação de notícias falsas (*fake news*) e invasão de privacidade dos usuários.

Quanto a legislação específica para os crimes praticados via internet, tivemos duas leis sancionadas em 2012. A primeira é a Lei dos Crimes Cibernéticos nº 12.737/2012¹⁷, também conhecida como Lei Carolina Dieckmann que tipifica crimes de delitos informáticos e estabelece punições de reclusão e detenção, além de multas que variam de acordo com a gravidade dos delitos cometidos. Tivemos sancionada também em novembro de 2012 a Lei nº 12.735¹⁸, que em seu Art. 4º determinou que os órgãos da polícia judiciária deveriam estruturar setores e equipes

¹⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm. Acesso em: 08 de dez. 2020.

¹⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12735.htm. Acesso em: 08 de dez. 2020.

especializadas para o combate às ações criminosas praticadas nos meios digitais e informatizados de comunicação.

Quando um delito está previsto no Código Penal, seja ele realizado no mundo virtual, seja físico, os crimes deverão ser punidos da mesma maneira. Hoje, já temos em vários estados brasileiros as delegacias especializadas em crimes digitais e informáticos. Mais recentemente, no Ceará, com o aumento de divulgação de notícias falsas, o governo do estado criou a DRCC – Delegacia de Repressão aos Crimes Cibernéticos. Segundo Marcus Rattacaso, delegado-geral da polícia civil do Ceará, o crescimento da acessibilidade a internet e as redes trouxe consigo ferramentas que auxiliam e facilitam a vida do cidadão, mas que ao mesmo tempo acabaram dando espaço à prática de crimes que violam a liberdade e a segurança dos usuários. Com DRCC, a polícia do estado afirma está mais preparada e especializada para o combate aos crimes de origem virtual.¹⁹

Já em 2014, tivemos a Lei 12.965²⁰ conhecida como Marco Civil da Internet, que estabeleceu os direitos e deveres dos usuários, bem como as garantias e os princípios a serem respeitados no Brasil no uso da internet. Assim, foram determinadas uma série de diretrizes para fundamentar a atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios para proteger a privacidade das pessoas e repelir os crimes praticados pela conexão aos meios digitais. Mais recentemente, o senado através do projeto de lei 4.161/2020 apresentado pelo senador Marcos do Val (Podemos-ES) analisa a possibilidade de punições mais rigorosas para os crimes de estelionato e fraude praticados via internet, além da multa, a pena seria acrescida em dois terços do que é atualmente em lei.²¹

Apesar das legislações específicas, muitos atos de injúria, difamação, violação de dados e disseminação de informações falsas continuam existindo. Mas isso acontece até em meios físicos, ou seja, infelizmente não é porque uma ação foi caracterizada como criminosa que ela deixa de existir e ser praticada. Como dissemos, as ferramentas disponibilizadas pela acessibilidade aos meios digitais e

¹⁹ As informações citadas acima podem ser acessadas no site oficial do governo do estado Ceará. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2020/09/25/governo-do-estado-do-ceara-cria-delegacia-exclusiva-para-combater-crimes-ciberneticos/>. Acesso em: 08 de dez. 2020.

²⁰ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em: 08 de dez. 2020.

²¹ As informações sobre o Projeto de Lei nº 4161, de 2020 podem ser acessadas no site da Agência do Senado. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/143937>. Acesso em: 08 de dez. 2020.

informatizados trazem muitas possibilidades de aplicação e utilização. Infelizmente, assim como podemos usá-las de forma positiva, outros podem fazer uso de maneira negativa e delituosa. De toda forma, o que devemos compreender é que existem normas e leis específicas para regradar o comportamento das pessoas, instituições ou empresas no mundo virtual/digital, caso desobedecidas, a parte ou as partes lesadas possuem todo o direito de realizar as denúncias e serem reparadas pela justiça.

O que não podemos, entretanto, é focalizar apenas em seu lado negativo, é preciso conhecê-lo evidentemente, mas precisamos explorar as ferramentas que estão ao nosso alcance para transformá-las em objetos contribuidores de nossa atuação em sociedade, seja no âmbito pessoal, político, social, seja educacional. É preciso que pais, professores, instituições de ensino e a sociedade de uma forma geral pensem, repensem e encontrem formas positivas e seguras no uso dessas tecnologias. As redes sociais tão visitadas pelo público jovem podem transformar-se em ambientes não apenas de interação/informação, mas também de aprendizagem. Moreira já alertava para a possibilidade da relação entre a aprendizagem e a expansão das novas tecnologias da informação e comunicação, quando fala que:

Os usos das tecnologias de informação e comunicação reivindicam outros modos de ver os jovens e suas pequenas máquinas, não apenas os de submissão, de vício e fuga da realidade, normalmente empregados quando estamos indefesos diante de uma ameaça incompreensível. A questão do pertencimento, da conquista da autonomia e afastamento dos pais para se tornar adulto parece acompanhar o jovem em suas andanças nas redes. (2015, p.35-36).

É preciso analisar e observar as redes sociais sobre diferentes perspectivas. Com a disponibilidade e a variedade de recursos que estão integrados na configuração das redes sociais, se bem pensadas poderão contribuir não apenas para a comunicação e interação entre os jovens, mas como uma forma diferenciada de buscar e acessar o conhecimento com maior autonomia. Outros pesquisadores já defendiam que a aprendizagem pode ser:

Promovida pelo compartilhamento e o uso da informação, os quais, como resultado, possibilitam novos aportes, entre eles os mais significativos são os novos conhecimentos e as novas habilidades. As redes que constituem espaços em que o compartilhamento da informação e do conhecimento é proficiente e natural são espaços também de aprendizagem e, assim, tornam-se um ambiente para o desenvolvimento e para a inovação. (ALCARÁ, DI CHIARA e TOMAÉL, 2005, p. 102).

O que queremos é que os ambientes das redes sociais tão visitados pelos nossos estudantes possam ser visualizados como espaços possíveis para a aprendizagem. Logicamente esses espaços da forma como projetamos utilizá-los exigem planejamento e estudo para adaptá-los aos nossos objetivos, caso contrário, corremos o risco de nos perdermos nessa missão. Nosso primeiro passo é definir quais dessas redes podem ser utilizadas para a nossa finalidade e que se alinham não apenas com a nossa realidade, mas também com a dos estudantes da escola pública.

3.2 Pensando o Facebook e o Ensino de Filosofia

O Facebook surgiu em 2004 com Mark Zuckerberg e mais três universitários de Harvard: Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz. De início era uma rede privada universitária criada para comunicação e interação entre os estudantes da universidade. Dessa forma, seu uso tinha um público restrito. Pouco tempo depois, em 2005, expandiu-se para outras instituições de ensino; e em 2006 tivemos a ampliação da rede aberta a qualquer internauta interessado. No ano seguinte, além da troca de mensagens e do compartilhamento de fotos, tornou-se possível também a reprodução e o compartilhamento de vídeos, o que fez a rede se popularizar ainda mais, alcançando seus 58 milhões de usuários. Desde então, a rede veio inovando e apresentando novas funcionalidades que garantiram um número sempre crescente de adeptos da página virtual.

Conforme apresentado anteriormente, entre todas as redes sociais existentes no mundo, e de modo específico no Brasil, o Facebook mostrou-se como uma das maiores em números de usuários com conta ativas. Como sabemos, essa ferramenta virtual não foi criada para fins educacionais, entretanto diante dos recursos que são oferecidos, é possível repensar e redirecionar o seu uso também para o processo de ensino-aprendizagem. Sobre o potencial da rede social como recurso educativo, pesquisadores já haviam concluído que o Facebook:

Pode potencializar a comunicação e a partilha de informação e conhecimento, e pode permitir o desenvolvimento de capacidades e estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e interativas, abertas e criativas, possibilitando uma maior participação dos intervenientes, um melhor aproveitamento dos recursos e maior mobilidade de informação e conhecimento. (JANUÁRIO; MOREIRA, 2014, p. 68).

Como apresentado, podemos identificar certas vantagens na apropriação de redes como Facebook para o campo educacional: serve como um meio de comunicação que facilita o diálogo entre professores e alunos e entre os próprios estudantes; facilita o compartilhamento de informações e conteúdos em diferentes formatos, o que pode mais facilmente despertar o interesse dos estudantes; realiza o que chamamos de extensão da escola e da sala de aula, permitindo um espaço/tempo maior dedicado à aprendizagem; pode ampliar o número de estudantes participantes nas discussões dos conteúdos trabalhados, já que o tempo de sala de aula deixa de ser uma limitação, dentre outras possibilidades que abordaremos mais à frente.

Poderíamos questionar que muitas vantagens que o Facebook oferece também seriam encontradas em plataformas de ensino já utilizadas com finalidades educacionais. Todavia, não podemos esquecer de que grande parte dos estudantes já estão inseridos no ambiente virtual do Facebook, já dominam suas ferramentas e compreendem a dinâmica do espaço, além de dedicarem parte considerável do seu dia para acompanhar as atualizações da página. Nessa perspectiva, o que visualizamos é a possibilidade de transformar parte desse tempo gasto nas redes sociais em tempo, em momento de aprendizagem.

De acordo com a pesquisa da *We Are Social e Hootsuite* efetuada em janeiro de 2019, pode-se observar que aproximadamente 140 milhões de pessoas já possuem contas ativas em redes sociais no Brasil, e 92% dos usuários, o que corresponde a 130 milhões, realizam o acesso através dos telefones móveis. Nossos alunos estão imersos nas ferramentas tecnológicas oferecidas e disponibilizadas nos aparelhos celulares *smartphones*, e geralmente é por meio deles que grande parte acompanha as redes sociais.

Como sabemos, nem sempre as escolas dispõem de um aparato tecnológico e material para suprir as necessidades de aulas que trabalhem com reprodução multimídia. Nesse ponto, encontramos possíveis soluções para duas situações: ao aliar as redes sociais ao processo ensino-aprendizagem, conseguimos trabalhar, unir a realidade do aluno “nativo digital” ao processo educacional, e ao mesmo tempo superamos ou, pelo menos, traçamos estratégias para ultrapassar a precariedade material/tecnológica das instituições públicas nas quais estamos inseridos. Desse modo, o que antes era muitas vezes identificado como um

empecilho em sala de aula, agora pode nos fornecer uma saída para pensarmos práticas de ensino que nos ajudem no processo de ensino dos nossos estudantes.

A rede social tem suas vantagens e já vem sendo utilizada em diversas áreas para finalidades educacionais e de aprendizagem. Para o ensino de filosofia em questão, é possível utilizar os muitos benefícios que esse ambiente nos proporciona. É possível desenvolver metodologias próprias da disciplina a partir da unificação do mundo virtual com o material, sem separações, mas sendo um como extensão do outro. Januário e Moreira já alertavam para a emergente necessidade desses da junção dos dois universos:

Não obstante, não podemos escamotear o facto das redes sociais serem o habitat das gerações que, atualmente, recebemos nas nossas escolas. E por isso, incorporar as redes sociais na escola parece-nos um passo inevitável para mantermos a proximidade com os nossos estudantes. (2014, p.68).

Como já afirmado, não se pode pensar o processo de ensino-aprendizagem desconexo da realidade tecnológica em que todos nós estamos inseridos. Vemos então uma necessidade cada dia mais presente, a de pensarmos em formas de introduzirmos as ferramentas tecnológicas e midiáticas próprias da era digital nas metodologias de ensino de Filosofia.

Como apresentado no primeiro capítulo, parte 2 do nosso trabalho, compreendemos o ensino de filosofia enquanto uma experiência do pensamento produtora de ideias e conceitos. Para promover tal experiência, precisamos, nesse processo, de elementos que muitas vezes as escolas não nos oferecem. Apenas os manuais utilizados isoladamente podem ser insuficientes. Estes contribuem na sistematização e na investigação dos conteúdos, mas não podemos restringir as aulas apenas ao seu uso. A aula de filosofia possui outros momentos a serem desenvolvidos até alcançar a conceituação. Por isso, educadores têm pensado em meios mais próximos do dia a dia como redes sociais, a exemplo do Facebook, que conseguem oferecer mais alternativas para o processo educativo.

Atualmente, essas pessoas têm encontrado ou descoberto algumas aplicações úteis na educação. As redes sociais podem gerar novas sinergias entre os membros de uma comunidade educativa, como por exemplo: facilita o compartilhamento de informações envolvendo temas estudados em sala de aula, o estudo em grupo, a divulgação dos mais diversos conteúdos informativos, o compartilhamento de recursos (documentos, apresentações, links, vídeos) e, sobretudo, de projetos e fortalece o envolvimento dos alunos e professores e cria um canal de

comunicação entre eles e outras instituições de ensino. (LORENZO, 2013, p.56).

A utilização das redes sociais, e de modo específico do Facebook no ensino de filosofia, apresenta um potencial de recursos e ferramentas que, aliadas à metodologia proposta por Sílvio Gallo, pode ser capaz de desenvolver uma verdadeira experiência filosófica que promova o diálogo, o questionamento e a investigação filosófica. Vejamos um pouco mais do que estamos aqui defendendo.

Assim como muitos pensadores e educadores, Cerletti (2009, p.87) reconhece que “a filosofia se constrói no diálogo”, necessitando deste para se desenvolver. Na verdade, desde a Antiguidade já existe esse entendimento. Filósofos como Sócrates e Platão já utilizavam o método dialético como forma de construir o conhecimento²². A rede social Facebook promove justamente aquilo que é essencial para o pensamento filosófico, ou seja, aquilo que move e mantém a filosofia sempre ativa e viva; o diálogo, a participação nas discussões estabelecidas. Antes da popularização das redes sociais, a comunicação e a criação de conteúdos eram construídas apenas por uma minoria. De acordo com Couto essa configuração passiva da maioria:

Encontrou na televisão a sua mais clara e simples expressão. Uma empresa, um canal, umas poucas pessoas produtoras de conteúdo, transmitiam para a maioria calada o que devia e merecia ser visto, consumido. De modo geral, as pessoas eram reduzidas ao consumo: de produtos, informações e saberes. Durante várias décadas, para muitas pessoas, a vida podia ser resumida em trabalhar, dormir e ver TV. Não é difícil perceber a monotonia desse passado recente em que poucas pessoas podiam ter voz e se expressar em meios de comunicação de massa. Não é difícil perceber os usos políticos e restritivos de liberdades sociais e pessoais quando as poucas pessoas que podiam criar e difundir conteúdos “ditavam” supostas verdades e modos de ser. (2014, p. 49-50).

Com o aprimoramento da tecnologia e o desenvolvimento da web 2.0, que tornou possível o surgimento das comunidades em redes, o modelo hierarquizado de transmissão de informações foi substituído. Com isso, a população alcançou

²² O método dialético desenvolvido por Sócrates e reafirmado por Platão em seus escritos filosóficos, como a própria denominação sugere, baseia-se no diálogo como forma de alcançar o conhecimento. Podemos compreendê-los em dois momentos. A primeira fase chamamos de ironia, onde Sócrates elaborava uma pergunta simulando dúvida a respeito, daí a justificativa à denominação desse primeiro momento. Seu objetivo era despir os interlocutores de falsas opiniões e ideias, refutar as afirmações e quando necessário levá-los a reconhecer que não sabiam (ignorância socrática). Quando isso ocorre, chegamos ao segundo momento de seu método, denominado “maiêutica”. Leva este nome em referência a mãe de Sócrates significa parto das ideias. Assim como sua mãe, Sócrates se identificava como um parteiro, não um parteiro de bebês, mas o parteiro de ideias, que auxiliava os indivíduos no árduo parto do conhecimento.

maior participação e liberdade para expressarem-se nos meios de comunicação. Hoje, como sabemos, qualquer pessoa pode ser um produtor de conteúdos na internet, e mais ainda, qualquer pessoa pode comentar, tecer diálogos sobre os mais variados temas nas comunidades interativas das páginas de redes sociais.

No tocante a filosofia, é de extrema importância que os estudantes se sintam livres para expressarem suas ideias e pensamentos, caso isso não aconteça, teríamos a estagnação da criatividade do pensar. Nesse sentido, “a chamada revolução da web 2.0 parece realizar com sucesso o objetivo de ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias, produtos e saberes. As práticas de expressão de si não cessam de ser estimuladas e valorizadas” (COUTO, 2014, p. 52).

Como apontado, o diálogo e a participação dos estudantes são instrumentos necessários e de grande valor nas aulas de filosofia, pois somente a partir disso temos uma aula efetivamente filosófica. Entretanto, debates e discussões em salas de aula nem sempre ocorrem da maneira que desejamos, pois não são todos os estudantes que se sentem à vontade para se expressarem na frente de seus colegas, e isso ocorre por variados motivos²³, um deles é a timidez.

Além disso, uma aula de 50 minutos é insuficiente para desenvolver um debate e promover o diálogo com um maior número de alunos, fazendo com que na maioria das vezes, a discussão permaneça incompleta, ou que muitos alunos fiquem de fora do diálogo. Como sabemos, a metodologia de Silvio Gallo tem quatro momentos a serem desenvolvidos para se chegar à experiência filosófica. Na configuração das aulas de filosofia atualmente, torna-se inviável desenvolvê-la no tempo de uma aula. Cada etapa tem um tempo minimamente necessário, e se a utilizarmos de qualquer forma, correremos o risco de não alcançarmos o nosso objetivo. Entretanto, quando trazemos nossa proposta para o ambiente virtual Facebook, utilizando-o como uma extensão da sala de aula física, observamos que muitos dos nossos problemas encontram soluções. No ambiente virtual das redes, o quadro muda sua configuração. Vejamos então algumas das vantagens do seu uso para o ensino de filosofia:

1) Não há mais a limitação de tempo antes tão problemática para as aulas de filosofia, já que esta encontra uma forma de expansão no Facebook;

²³ Além da timidez, podemos acrescentar como fatores que dificultam a realização de debates e discussões em sala de aula: o tempo insuficiente de aula para a filosofia; a falta de motivação interna; a sensibilização aos temas que nem sempre ocorrem; a falsa ideia acomodada na mente dos estudantes de que o conhecimento encontra-se com o professor, e estes seriam assim meros expectadores da aula; dentre outras questões.

- 2) Facilita a utilização da metodologia de Sílvio Gallo em seus quatro momentos essenciais para a experiência filosófica que deve ser desenvolvida conjuntamente com a sala de aula comum das escolas ensino médio;
- 3) A timidez dos estudantes tende a diminuir, primeiro por não estarem frente a frente, “face a face” com os colegas e o professor, segundo porque a participação e compartilhamento de ideias sempre foi e ainda é bastante valorizado e incentivado entre as diversas redes sociais;
- 4) A comunicação é mais facilmente estabelecida, possibilitando uma maior participação dos discentes nas discussões e temas trabalhados;
- 5) Adquire-se a possibilidade de trabalhar junto aos nossos alunos com os mais variados tipos de multimídias, o que no ambiente formal da sala de aula era limitado, pela precariedade de recursos que infelizmente as escolas públicas apresentam;
- 6) Favorece o momento da “sensibilização”, já que atrai o estudante para as temáticas abordadas pela exploração dos diferentes tipos de recursos multimídias disponíveis na página virtual;
- 7) Dar a oportunidade do conhecimento ser construído e alcançado também a partir da prática do estudante, descentralizando em parte o saber e o conhecimento somente da figura do professor. O conhecimento passa assim a ser fruto de uma construção conjunta entre todos os agentes envolvidos, mediada e orientada pelo professor;
- 8) Motiva o estudante para a investigação filosófica, todavia sempre orientada pelo(a) professor(a) a buscar as respostas às problemáticas levantadas;
- 9) Traz o habitat natural (digital, tecnológico, virtual) da nossa juventude para dentro do cenário educacional.

Diante do que foi visto, consideramos que o uso do Facebook se apresenta como uma possibilidade de desenvolver efetivamente uma metodologia de ensino de filosofia que tem grandes chances de promover uma rica experiência do pensamento. Por meio da união da sala de aula presencial com o universo virtual da rede social, encontramos muitas ferramentas de colaboração para o diálogo e para a experiência filosófica. Como argumenta Januário e Moreira,

sendo o Facebook, por excelência um espaço de interação e comunicação, o professor pode aproveitar as muitas horas que os seus estudantes passam conectados, para utilizá-lo como um espaço de partilha de conteúdos multimídia, de vídeos, de músicas, de fragmentos de filmes ou de peças de teatro, relacionados com os temas lecionados. Para, além disso,

pode, também, aproveitar esse tempo para promover discussões e debates sobre os assuntos tratados. (2014, p. 79)

Nossa tarefa consiste então em transformar, adaptar esse espaço para desenvolvermos o processo da produção filosófica de forma responsável, já que como sabemos a rede social Facebook não foi projetada para ser um AVA (ambiente virtual de aprendizagem). Dessa forma, exige-se do professor planejamento para estabelecer a melhor maneira de trabalhar com essa plataforma virtual, tornando-a eficiente como espaço de interação e colaboração na construção do conhecimento.

4 A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK NO ENSINO DE FILOSOFIA

4.1 Conhecendo a rede social

Hoje, o Facebook²⁴ é um dos sites de redes sociais mais utilizado no Brasil e no mundo. Desde sua criação em 2004, a página vem inovando e oferecendo a cada dia mais recursos e ferramentas que enriquecem o acesso e a navegação virtual dos seus usuários. O Facebook apresenta-se como uma forma de promover e facilitar por meio da conectividade à internet a interação, a comunicação e o compartilhamento de conteúdos em diferentes formatos, seja na forma de textos, imagens, notícias, vídeos, seja mesmo de links originados de outras páginas. Na página oficial inicial fica evidenciado o principal objetivo da rede social. Vejamos abaixo na figura 2:

Figura 2 - Página oficial inicial do Facebook.



Fonte: Facebook (2020).

Em termos e serviços, o Facebook enquanto empresa se apresenta como uma produtora, criadora de “tecnologias e serviços para que as pessoas possam se conectar umas às outras, criar comunidades e expandir seus negócios” (Facebook, 2020). Sendo assim, fica mais evidente sua funcionalidade, ou seja, a de facilitar o contato, a comunicação e a interação entre os indivíduos, de conectar e compartilhar

²⁴ Segundo o site We are social em pesquisa atualiza em 25 de janeiro de 2020, o Facebook continua sendo a plataforma mais utilizada no mundo, com 2,449 milhões de usuários. Disponível em: <https://wearesocial.com/digital-2020>, pg. 95. Acesso em: 27 de jul. 2020.

conteúdos, aproximando as pessoas com o mundo por meio do rompimento das barreiras e limitações geográficas.

Para fazer uso da rede social, seja por meio de aplicativos de aparelhos celulares, ou mesmo pelo acesso à página pelo navegador, é necessário a criação de uma conta e perfil, onde deve ser fornecido informações pessoais básicas para o cadastramento, que é gratuito. Ao criar o perfil, o usuário concorda e aceita os termos de serviços do ambiente virtual. Neles é possível compreender um pouco mais da política de uso do Facebook, como também do Messenger (responsável pela troca de mensagens), e outros produtos, recursos, aplicativos, serviços, tecnologias e softwares que são oferecidos e disponibilizados conjuntamente. Os termos de serviços da página estão divididos em cinco grupos de informações que enumeradamente apresentamos sintetizados logo abaixo.

1. Os serviços fornecidos – descreve os produtos e serviços oferecidos ao usuário e como estes funcionam.
2. Como os serviços são financiados – esclarece como a empresa Facebook obtém rendimentos através de anúncios de outras empresas e organizações, já que oferece os serviços gratuitamente aos seus adeptos.
3. Compromisso com o Facebook e com nossa comunidade – apresenta os compromissos e responsabilidades que o usuário deverá assumir ao fazer uso dos serviços. Divididos nas seguintes orientações: “Quem pode usar o Facebook; O que você pode compartilhar e fazer no Facebook; As permissões que você nos concede; Limites no uso de nossa propriedade intelectual” (FACEBOOK, 2020).
4. Disposições adicionais – trata da atualização dos termos de serviços, de suas violações e consequências. Refere-se ainda aos limites de responsabilidade e segurança atrelados a empresa, das contestações e reivindicações dos usuários, dentre outras questões.
5. Outros termos e políticas que podem ser aplicadas ao usuário – traz outros termos, políticas e diretrizes quanto ao uso e produção de conteúdos e dos serviços ofertados.²⁵

Ao apropriarmo-nos dessa ferramenta de grande potencial comunicativo e de interação social, devemos ter atenção e o cuidado em estar de acordo com as

²⁵ Os termos e serviços apresentados resumidamente estão de acordo com a última revisão efetivada pela empresa, realizada em 31 de julho de 2019 e sem mudanças efetuadas até a presente data. Encontram-se disponíveis na página oficial do Facebook, no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/legal/terms/update>. Acessado em 31 de jan. 2020.

políticas de uso e recomendações presentes nos termos de aceitação. Não devemos desprezar o conhecimento de um espaço que aderimos e que para muitos de seus usuários já constitui parte da rotina de suas ações cotidianas. Igualmente ao mundo físico, “real”, o mundo virtual também tem suas regras. Como usuários, devemos conhecer não apenas o que podemos fazer, mas também aquilo que é reprovável, que pode ferir o direito e a liberdade do outro. Por isso, ao aceitar fazer uso e parte de uma comunidade virtual, é de suma importância compreendermos suas normas, suas aplicabilidades, e conseqüentemente conhecermos os limites de nossas ações enquanto usuários.

Os “Padrões da Comunidade” foram criados com o objetivo de diminuir experiências de abuso, risco de danos e comportamentos violentos e/ou desrespeitosos, que possam ameaçar a segurança pública ou pessoal dos indivíduos. Funcionam assim como um guia orientador sobre o que é ou não permitido no Facebook.

Nosso comprometimento com a expressão é uma prioridade, mas reconhecemos que a internet cria novas e muitas oportunidades de abuso. Por isso, quando limitamos a expressão, isso é feito com base em um ou mais dos seguintes valores:

Autenticidade: queremos garantir que o conteúdo que as pessoas estão vendo no Facebook é autêntico. Acreditamos que a autenticidade cria um ambiente melhor para o compartilhamento, e é por isso que não queremos que as pessoas usem o Facebook para falsificar a própria identidade ou o que estão fazendo.

Segurança: temos o compromisso de fazer com que o Facebook seja um lugar seguro. Manifestações contendo ameaças podem intimidar, excluir ou silenciar pessoas, e não isso não é permitido no Facebook.

Privacidade: temos o compromisso de proteger a privacidade e as informações pessoais. A privacidade dá às pessoas a liberdade de ser quem elas realmente são, escolher como e quando compartilhar no Facebook e criar conexões mais facilmente.

Dignidade: acreditamos que todas as pessoas são iguais no que diz respeito à dignidade e a direitos. Esperamos que as pessoas respeitem a dignidade alheia e não assediem ou difamem terceiros. (FACEBOOK, 2020, p. 1)

Como sabemos, a liberdade de expressão é uma garantia assegurada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e está expressa e presente também na Constituição Federativa Brasileira em seu Artº. 5, incisos IV e IX. No inciso IV, encontramos: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Já no IX, os termos são: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. (BRASIL, 2016, p. 13). A liberdade de expressão constitui um princípio e garantia de

direito fundamental de qualquer cidadão, devendo estar presente em todo sistema verdadeiramente democrático, que zele e viva um estado democrático de direito.

Entretanto, ao contrário do que se pode imaginar, a liberdade de expressão também tem suas limitações, não é absoluta, sem exceções. De acordo com o exposto, vimos que de fato somos livres para manifestarmos nossos pensamentos, contanto que não o façamos no anonimato, ou seja, aos nos expressarmos, precisamos nos identificar diante dos outros e da sociedade. Outro aspecto a observar é que ainda no Art. 5º, inciso X, a constituição indica que não se pode violar “a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação” (BRASIL, 2016, p. 13). Dessa forma, podemos utilizar nosso direito a expressão, todavia não o podemos usá-lo para ferir ou violar o direito, garantia do outro, ou seja, a liberdade de um não deve impossibilitar a liberdade de outro, e muito menos desrespeitar outros princípios assegurados pela constitucionalidade.

É baseado nesse pensamento que a empresa Facebook elaborou os seus “Padrões de Comunidade”, para nortear a forma de uso de seus serviços, páginas e aplicativos. Apesar de assumir o comprometimento de potencializar a expressão e a comunicação, não poderiam oferecê-los de qualquer forma. Discriminação, assédio, incitação ao ódio, a violência e/ou quaisquer discursos, atos e comportamentos que possam ferir a dignidade humana dos indivíduos devem ser reprovados, responsabilizados e punidos na esfera virtual. E, dependendo da gravidade e necessidade, levados para além desse ambiente às instituições e autoridades competentes para análise judicial e legal. Como vimos, já existem legislações específicas para análise e julgamento de crimes cometidos no âmbito virtual.

Além disso, o Facebook também estabelece diretrizes que esclarecem os comportamentos reprováveis e as possíveis consequências por suas violações. Vejamos no quadro a seguir como estão apresentadas.

Quadro 1 – Diretrizes da empresa Facebook para adequado uso de seus serviços

Diretrizes dos Padrões da Comunidade	
I. Comportamento criminoso e violento	1. Violência e incitação 2. Organizações e indivíduos perigosos 3. Coordenação de danos e divulgação de crime 4. Produtos controlados 5. Fraude e dolo
II. Segurança	6. Automutilação e suicídio 7. Exploração sexual, abuso ou nudez infantil 8. Exploração sexual de adultos 9. Bullying e assédio 10. Exploração humana 11. Violações de privacidade e direitos de privacidade de imagem
III. Conteúdo questionável	12. Discurso de ódio 13. Violência e conteúdo explícito 14. Nudez adulta e atividades sexuais 15. Abordagem sexual 16. Conteúdo cruel e insensível
IV. Integridade e Autenticidade	17. Representação falsa 18. Spam 19. Segurança cibernética 20. Comportamento não autêntico 21. Notícias falsas 22. Mídia manipulada 23. Perfil memorial
V. Com respeito à propriedade intelectual	24. Propriedade intelectual
VI. Solicitações relativas a conteúdo	25. Solicitações de usuários 26. Proteção adicional de menores

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Facebook (2020).²⁶

²⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/communitystandards/additional_information. Acesso em: 30 de ago. 2020.

Ao todo, são 26 diretrizes que orientam e apresentam os comportamentos que devem ser evitados, que podem apresentar algum tipo de risco de dano ou que possa ferir os direitos humanos e a segurança da sociedade e dos indivíduos. O mundo virtual tornou-se nos dias atuais uma extensão das práticas, ações e pensamentos das pessoas. Sendo assim, regras para o bom comportamento e uso devem ser apresentados e exigidos de seus usuários.

Para fazer cumprir e zelar por suas diretrizes, foram estabelecidas punições para as transgressões dos usuários. A violação à política de uso e dos “Padrões da Comunidade” são repreendidas e corrigidas de acordo com a gravidade e especificidade dos atos cometidos. Sobre essa questão, a empresa Facebook assim se posiciona:

As consequências da violação dos Padrões da Comunidade variam de acordo com a gravidade e com o histórico do usuário na plataforma. Por exemplo, podemos notificar alguém por uma primeira violação, mas se a pessoa persistir na violação de nossas políticas, podemos restringir sua possibilidade de publicar no Facebook ou mesmo desativar seu perfil. Também podemos notificar as autoridades quando julgarmos haver um risco real de danos físicos ou ameaça direta à segurança pública. (FACEBOOK, 2020, p. 1).²⁷

A identificação dos atos que desrespeitem e descumprem as diretrizes pode também ser realizada por outras pessoas. Ao identificar os atos de violações por parte de alguém, alguma organização ou instituição que utilize os serviços, os usuários podem denunciar os conteúdos com postagens transgressoras, sejam estas originadas de quaisquer tipos de páginas, grupos, perfis, conteúdos ou comentários. Outra possibilidade um pouco mais restrita à experiência e ao julgamento individual dos usuários é a permissão, por exemplo, para escolher bloquear pessoas e/ou conteúdos, assim como deixar de seguir ou ocultar aquilo ou alguém que já não mais agrada, que não esteja de acordo com os interesses de cada um.

4.1.1 Principais funcionalidades da rede social

Perfil personalizado: ao criar uma conta no Facebook, é possível personalizar a página do perfil dos usuários, que é pública. Assim, pode ser inserido uma pequena

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/introduction>. Acesso em: 30 de ago. de 2020.

biografia na sessão inicial, contendo também outras informações básicas como cidade de origem, cidade natal, local de trabalho, instituições de ensino onde estudou ou estuda, e status de relacionamento. Além disso, podem ser adicionados uma foto de perfil e uma foto de capa para melhor e fácil identificação dos indivíduos.

Encontrar amigos: é possível buscar e adicionar pessoas por meio de convites de amizade de várias localidades do Brasil e do mundo. Na página, podemos encontrar sugestões de amizades apresentadas de acordo com as informações fornecidas no perfil e pelos amigos em comum entre os usuários. Ao aceitar o convite de alguém ou ter seu convite enviado aceito por outro, ambos podem acompanhar e visualizar as atualizações e postagens efetuadas na rede social.

Feed de Notícias: nessa sessão, têm-se a opção de compartilhar conteúdos nos mais variados formatos e apresentações, revelando opiniões, sensações, atividades, compartilhando notícias, GIFS, imagens, vídeos e textos. Assim como também existem recursos para pedir recomendações, fazer *live* (vídeo ao vivo), fazer *check-in* em lugares visitados e participar de salas de vídeos.

Story: nos *Stories*, pode-se compartilhar, por exemplo, uma foto ou vídeo, mas com o diferencial de ficarem disponíveis por um tempo determinado de 24 horas, o que os diferencia das postagens feitas apenas no *feed* de notícias que permanecem salvas e visíveis.

Watch: esse recurso funciona como um buscador de vídeos. Assim, permite ao usuário pesquisar, assistir vídeos recentes e/ou mais vistos, como também elaborar listas e salvar os conteúdos de interesse.

Messenger: funciona como um aplicativo/recurso integrado ao Facebook que proporciona aos seus utilizadores trocarem mensagens de forma instantânea. Oferecendo não apenas a troca de mensagens por texto, mas também o envio de arquivos e conteúdos em diferentes formatos e mídias, tendo a funcionalidade ainda de realizar chamadas de vídeos ou ligações de voz.

Grupos: na sessão Grupos, os utilizadores da rede podem buscar por grupos de pessoas que compartilham dos mesmos interesses. Cada usuário pode criar seus próprios grupos e participar de outros, contanto que tenham sua solicitação de participação na comunidade aceita. Cada grupo conta com seus administradores e moderadores que fazem a análise e o julgamento dos conteúdos que são postados pelo seu público. Não transgredindo e seguindo as orientações e regras do ambiente

da comunidade, os participantes têm liberdade para discutir e interagir entre eles, seja curtindo, comentando ou postando algum conteúdo.

Ferramentas de interação: a rede social estimula a interação entre os indivíduos por meio da pergunta “No que você está pensando?”, que surge logo no início da página. Com essa questão, pretende-se que os usuários expressem um pouco dos seus pensamentos, sentimentos, ideias sobre os acontecimentos relacionados a sua existência e convivência social. Para enriquecer as postagens, o Facebook apresenta as opções que manifestam reações e formas de expressarem a adesão/aprovação ou o desagrado com o conteúdo visualizado. Assim temos a alternativa de participar de forma mais atuante e posicionada tecendo comentários ou apenas reagindo aos *posts*. No botão “curtir”, temos ainda a possibilidade de interação por meio das reações como “amei” (muita agradabilidade), “haha” (risada), “uau” (surpresa, espanto), “triste” (desapontamento, tristeza) e “Grr” (desaprovação, raiva, irritação). Atualmente também conta com a botão de reação “força” (apoio, solidariedade) criado durante o enfrentamento a crise do Novo Coronavírus.

Figura 3 – Ferramentas de interação disponibilizadas pela rede social Facebook



Fonte: *print screen* da publicação da página da rede social Facebook (2020).²⁸

Páginas: a criação de páginas no Facebook permite, por exemplo, dar maior visibilidade principalmente para pessoas com seus negócios e empresas. Além disso, as páginas são utilizadas por organizações, grupos e personalidades que

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/450320605711245/>. Acesso em: 03 de mar. 2020.

querem conseguir mais adeptos, que é denominado no ambiente das redes sociais de “fãs”. Diferente dos perfis pessoais que restringem o número de no máximo 5 mil amigos, as páginas permitem uma adesão ilimitada de pessoas.

Muitas são as funcionalidades disponíveis na rede social Facebook. Além das já apresentadas acima, podemos citar ainda outros recursos que podem ser explorados na rede, como por exemplo: realizar e participar de campanhas de arrecadação de fundos, sejam estas para organizações ou para fins pessoais; construir listas de amigos; interagir com outras pessoas em jogos de diferentes categorias; conferir previsão do tempo; participar de grupos de compras e vendas; recordar e compartilhar lembranças de postagens antigas, conferir vagas de emprego nas proximidades, acompanhar e utilizar ofertas de anunciantes, salvar publicações de interesse, dentre outras sessões disponíveis.

4.2 O uso dos grupos como espaços de interação e aprendizagem

Várias são as possibilidades da utilização do Facebook como espaço de aprendizagem e interação entre docentes e discentes. Ao considerar questões básicas de privacidade e optar pelo uso da rede social como um recurso auxiliar a aprendizagem filosófica, decidimos por desenvolver uma proposta que preserve o espaço da vida particular de cada um, sejam estes professores ou alunos.

Os grupos da rede social Facebook podem ser públicos ou privados. Tendo a configuração de público, qualquer pessoa pode visualizar o que é publicado e os membros participantes. Sendo o grupo privado, apenas os membros podem ter acesso aos conteúdos e visualizar os indivíduos que fazem parte. Outra possibilidade é da ocultação do grupo. O administrador tem a opção em escolher se seu grupo pode ser encontrado por qualquer pessoa ou se apenas pelos membros que participam. É importante ressaltar que mesmo o grupo possuindo a configuração de privacidade privada, este ainda poderá ser encontrado por qualquer pessoa, caso o administrador tenha optado por deixá-lo visível. Já se for configurado como grupo não visível, a adesão e participação do espaço dependerá do administrador ou moderador para inserir e adicionar membros ao grupo.

Dessa forma, entende-se que a melhor configuração para fins educacionais e que preserva a individualidade e a privacidade de estudantes e professores está na utilização de grupos fechados e visíveis. Nessa estrutura, o

aluno pode encontrar o grupo e solicitar participação, mas esta apenas será efetivada mediante aprovação do administrador ou moderador do espaço. Assim é possível ter maior controle sobre os participantes, já que estes são no espaço real da sala de aula, alunos, indivíduos que podem sofrer punições e advertências formais pelo seu comportamento, entendendo o ambiente virtual como extensão da sala de aula comum.

Outro ponto a ressaltar sobre a configuração dos grupos ao uso educacional do Facebook está na possibilidade de optar pela tipologia do grupo que melhor atende às necessidades de cada comunidade criada. Por isso, têm-se os seguintes tipos: Geral, Compra e Venda, Jogos, Aprendizado social, Empregos e Trabalho. Tratando-se do ambiente para uso docente, duas são as tipologias mais adequadas, podem ser configurados como de Aprendizado Social ou Geral. A tipologia Geral trabalha com recursos padrões, não diferenciados, mas ainda assim são e podem ser utilizados para agregar valor ao processo de ensino-aprendizagem. Já no formato de Aprendizado social, além dos recursos padrões ofertados como todos os outros, os docentes podem contar com a possibilidade de organizar os conteúdos e atividades por unidade temática, além de dar a opção para a criação e aplicação de testes com os alunos membros participantes.

Dependendo dos objetivos, metas e metodologias a serem utilizadas no ambiente virtual, o professor(a) pode optar pela configuração do grupo que mais lhe convém. Analisando os objetivos que temos por intenção alcançar no que concerne a experiência filosófica em seu nível médio de ensino, escolhemos e recomendamos o uso da tipologia Aprendizado social, pois esta configuração de página permite uma melhor organização do espaço e dos conteúdos a serem trabalhados e postados na rede social, além de possuir os mesmos recursos que quaisquer outros grupos apresentam.

4.2.1 Orientações para adaptação e configuração do ambiente

Para a disponibilização do espaço virtual de interação e aprendizagem ao corpo discente, algumas configurações e informações devem ser do conhecimento dos professores que optarem por essa prática de ensino. Nessa perspectiva, apresentamos os principais passos norteadores no que diz ao formato e apresentação do ambiente virtual para uso educacional.

Passo 1 – Cadastro e criação do perfil

O primeiro passo para a criação de um grupo é a realização do cadastro na rede social na página oficial do Facebook. Para isso, deverá ser informado alguns dados e informações básicas sobre a identidade do professor (a). O perfil poderá ser personificado com fotos e informações que ajudem na identificação do docente diante dos estudantes na rede social. Com relação aos perfis dos alunos, é interessante e pertinente que sejam aconselhados a se apresentarem com seus verdadeiros nomes, sem o uso de apelidos ou nomes fantasiosos. Tal ação facilitará não só a identificação do aluno, como todo o processo de acompanhamento, moderação e avaliação dos comentários e intervenções efetuadas.

Passo 2 – Criação do grupo

Para a criação, configuração e adaptação do espaço aos interesses educacionais e mais especificadamente à experiência filosófica em nível médio de ensino, sugerimos que os professores usuários do ambiente aceitem as recomendações apresentadas no passo a passo a seguir que utilizamos como exemplo para essa etapa:

1 - Ao fazer login na rede social, clicamos em **grupos** na sessão **explorar** localizada no canto superior esquerdo da página inicial.

2 – Clicamos em **+ criar grupo**. Nesse momento, surge a tela para atribuir um nome ao grupo, escolher as configurações de privacidade e adicionar membros. Orientamos que o nível de privacidade seja privado e visível, o que possibilita que qualquer pessoa/aluno encontre o grupo na rede social, mas apenas os membros aceitos pela moderação possam participar visualizando as postagens e interagindo na comunidade.

No exemplo utilizado abaixo, escolhemos o nome do grupo “Penso, logo existo!”, na tentativa de salientar a ligação e a importância do pensamento filosófico para a existência humana. Ao adicionar pessoas ao grupo, tem-se a opção de inserir uma pequena nota no envio do convite, informando, por exemplo, sobre o objetivo e atividade da comunidade criada. Vejamos o exemplo preenchido a seguir:

Figura 4 – Criação de um grupo no Facebook

Fonte: *print screen* da janela de criação de grupos da página da rede social Facebook (2020).

Preenchido as informações de acordo com o modelo acima, clicamos no canto inferior a direita em **criar**. Ao fazer isso, o espaço virtual será criado e já será possível personalizá-lo de acordo com os objetivos pensados para a grupo. Iniciamos pela imagem a ser utilizada na capa do grupo. Escolha de preferência uma imagem que consiga aproximar os alunos com o mundo filosófico. Para fazer isso, basta na página inicial clicar em **carregar foto** (se a fonte de origem for o aparelho telefone ou computador) ou em **escolher foto** (caso a fonte da imagem seja a própria rede social).

Passamos agora às configurações mais específicas do espaço. Logo abaixo da imagem da capa temos uma barra de atividades, clicamos em **Mais** e

depois em **Editar configurações do grupo**. Fizemos o preenchimento dos campos e as alterações necessárias para atender às necessidades do grupo. Apresentamos no quadro abaixo o modelo que construímos, bem como as informações incluídas em cada campo para que possam servir de exemplo para nortear o procedimento.

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais
(continua)

Campos informativos	Informações inseridas
Nome do grupo	Penso, logo existo!
Tipo de grupo	Aprendizado social.
Descrição (na descrição, usamos o espaço para apresentar a comunidade, suas regras e recomendações de uso do grupo.	<p>Olá! Sejam todos e todas bem-vindos ao grupo de filosofia "Penso, logo existo!".</p> <p>Nossa comunidade tem por objetivo proporcionar a reflexão filosófica e ampliá-la para além da sala de aula, expandindo-a para os ambientes virtuais. Nosso intuito é o de criar um ambiente ao diálogo e de discussão saudável, ou seja, um ambiente destinado à produção de ideias, ao questionamento e a tentativa de encontrar respostas às questões por meio da filosofia. Para garantir o bom desempenho e organização do grupo, é necessário a observância às regras e as recomendações abaixo:</p> <hr/> <p>REGRAS E RECOMENDAÇÕES</p> <p>1ª. Não será permitido ofensa pessoal. O membro que incorrer em ofensa pessoal será convidado a se retratar publicamente ou será banido - à critério da moderação. Em casos mais graves poderá ser penalizado ainda com perda de pontuação na disciplina, e o caso levado a coordenação da escola.</p> <p>2ª. Não serão tolerados posts ou comentários em que o objetivo seja simplesmente o de atacar a posição de algum participante baseado apenas em opiniões sem fundamentos</p>

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais
(continuação)

Campos informativos	Informações inseridas
<p>Descrição (na descrição, usamos o espaço para apresentar comunidade, suas regras e recomendações de uso do grupo.</p>	<p>ou puro achismos. O diálogo será sempre incentivado da melhor forma possível, ou seja, de forma educada e com respeito a individualidade de cada membro participante.</p> <p>3ª. Não serão aprovados posts com propaganda, divulgação de outros grupos e conteúdos que não estejam afinados com o propósito central do grupo, ou seja, o de dialogar sobre questões e ideias filosóficas.</p> <p>4ª. Não serão aceitas contas “fake”. A aprovação de sua participação dependerá da sua identificação como aluno da escola e da turma correspondente em que estuda. Lembrando que os alunos menores de idade só poderão participar com a devida permissão de seus pais/responsáveis que será averiguada por meio da assinatura de um termo de consentimento.</p> <p>5ª. Marcar a moderação sempre que um membro estiver perdendo a razoabilidade. Quando isso ocorrer, recomendamos que não continuem a discussão e aguardem o encaminhamento da moderação.</p> <p>6ª. Diante de um novo post, observe-o por inteiro, reflita antes de comentar e acompanhe a discussão e as respostas. Poste novos questionamentos e/ou dúvidas. Assim, desenvolveremos o pensamento e as ideias de forma coletiva, com a colaboração de cada um.</p> <p>7ª. Busque fundamentos para as suas intervenções, vá além do que a moderação insere no corpo da postagem. Você tem o conhecimento na pontinha das mãos, seja o autor dos seus posicionamentos.</p> <p>8ª. Interaja e dialogue com as outras pessoas da mesma forma que gostaria que fizessem com você.</p> <p>9ª. Ao final de cada comentário e contribuição, identifique-se</p>

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais
(continuação)

Campos informativos	Informações inseridas
Descrição (na descrição, usamos o espaço para apresentar a comunidade, suas regras e recomendações de uso do grupo).	com seu nome e turma a qual pertence. 10 ^a . O grupo também poderá ser utilizado para a divulgação e compartilhamento de informações acerca da disciplina e/ou da escola. OBS: Casos omissos nas regras e recomendações acima serão avaliados pela moderação/administração do grupo. Sejam todos bem-vindos e bem-vindas!
Localização	Maranguape, Ceará, Brasil.
Tags (As tags ajudam as pessoas a encontrar grupos que podem ser de seu interesse).	Filosofia
Aplicativos (Ferramentas e recursos oferecidos por outros negócios).	OBS: Nesse momento, sem necessidade de acordo com nossos objetivos. Optamos por não vincular nenhum aplicativo ao grupo.
Páginas vinculadas (possibilidade de vinculação de uma página do Facebook ao grupo criado).	Filosofando na rede (página criada no Facebook) OBS: Essa opção de vinculação de páginas ao grupo é uma alternativa para interagir a partir de uma página do Facebook, assim o professor não precisaria utilizar, expor diretamente sua conta pessoal para moderar, participar e movimentar o grupo. A construção da página pode ser feita nesse mesmo tópico de configuração. Lembramos que é apenas uma opção, assim, atrelar ou não uma página ao grupo não fará diferença no desenvolvimento de nossos objetivos.
Cor	Escolha ao critério do criador do espaço. (visualização disponível apenas para dispositivos móveis).

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais
(continuação)

Campos informativos	Informações inseridas
Endereço da Web (link para encontrar o grupo na rede social).	facebook.com/groups/filosofandonarede
Privacidade	Grupo Privado
Ocultar grupo:	Visível
Selos (permite que os usuários ganhem selos para estimular a participação):	OBS: Uso opcional. Optamos por usar inicialmente o selo disponível “Membro fundador”: os usuários ganham o selo quando ajudam a construir o grupo por meio de publicações e compartilhamentos enquanto o grupo ainda está no início. Outros selos vão ficando disponíveis de acordo com o desenvolvimento do espaço.
Tópicos da publicação (permite organizar as publicações por tópicos, sessões).	Selecionamos: “Unidades de aprendizado social - Neste guia, você pode fazer com que os recursos do grupo sejam mais fáceis de encontrar e ajudar as pessoas a aprender coisas novas” (FACEBOOK, 2020) “Sala de vídeo - Assista aos vídeos com outras pessoas no grupo e comente ou reaja aos vídeos junto a elas” (FACEBOOK, 2020).
Aprovação de membros.	“Somente administradores e moderadores”.
Pré-aprovações de entrada (pré-aprovar as pessoas com base na participação delas em outros grupos ou usando o endereço de e-mail delas).	OBS: Opcional.

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais
(continuação)

Campos informativos	Informações inseridas
<p>Solicitações de novos membros (possibilidade de elaborar até três perguntas aos interessados em fazer parte do grupo):</p>	<p>Pergunta 1 Qual seu nome completo e de qual turma da escola você pertence?</p> <p>Pergunta 2 Tem interesse em participar das discussões no grupo?</p> <p>Pergunta 3 Aceita seguir as regras para o bom proveito e uso desse espaço de aprendizagem e interação social?</p> <p>Preenchido os três campos de perguntas, selecionamos em seguida a opção: “incluir as regras do seu grupo e pedir que os membros pendentes selecionem que estão de acordo”. Dessa forma, atrelamos a permissão de participação pela aceitação das regras no ato da solicitação de entrada no grupo.</p> <p>De acordo com as respostas obtidas, a administração/moderação do grupo, nesse caso o professor ou professora pode decidir entre aceitar ou não as solicitações de participação na comunidade virtual.</p>
<p>Aprovação automática de membros:</p>	<p>OBS: Não utilizamos essa opção. Entendemos que toda solicitação de participação deve passar por uma análise para aprovação pelo administrador ou moderador do grupo.</p>
<p>Solicitações de participação de Páginas:</p>	<p>Optamos por “Não permitir que as páginas participem como membros do grupo. As páginas que já são membros do grupo ficarão no seu grupo.” (FACEBOOK, 2020)</p> <p>OBS: É necessária a devida identificação do aluno nos comentários e atividades no grupo. Ao permitir que outras páginas participem como membros, essa identificação poderá não ser possível.</p>
<p>Permissões de publicação:</p>	<p>“Somente administradores”. Isso não quer dizer que os alunos não possam postar, mas para isso será necessário autorização dos administradores.</p>

Quadro 2 – Guia de configuração do grupo virtual para finalidades educacionais (conclusão)

Campos informativos	Informações inseridas
Aprovação de publicações:	“Todas as publicações do grupo devem ser aprovadas por um administrador ou um moderador”.
Alertas de palavra-chave (alertam quando os membros do grupo usam certas palavras ou frases):	OBS: Opcional, mas de início não inserimos nenhuma palavra ou frase para alerta de seus usos. Isso poderá ser realizado ao longo da experiência com os discentes, para ágil identificação de palavras ou expressões que possam soar frequentemente ofensivas e/ou desrespeitosas aos usuários.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Facebook (2020).

Ao configurarmos o ambiente virtual de acordo com o proposto acima, diminuimos os riscos com relação a problemas futuros de seu uso. E adequamos o espaço para a finalidade da aprendizagem filosófica e educacional, além de oferecer maior segurança aos seus usuários. Um dos passos bem importantes e necessários está na aprovação da participação apenas de alunos matriculados na disciplina e na escola na qual o professor/professora leciona. Por questões de segurança, essa limitação deve ser imposta. E por isso, a configuração do pedido de participação deve ocorrer como proposto acima, ou seja, ao solicitarem entrada na comunidade virtual, os discentes visualizam uma tela em que precisam responder as três perguntas sobre a sua identidade, intenções e adequações às normas do grupo. Para melhor entendimento, vejamos na página seguinte como isso será visualizado pelos estudantes que pretenderem se tornarem membros e solicitarem entrada na comunidade.

Figura 5 – Janela visualizada pelos alunos ao solicitarem participação no grupo.

The image shows a screenshot of a Facebook group application form. At the top, it says 'Responder às perguntas' with a close button (X). Below that, there is a profile picture and the name 'Penso, logo existo!' with 'Grupo Privado · 3 membros' underneath. A paragraph of text explains that participation is pending approval and that users must answer questions from group administrators. The form contains three questions, each with a text input field: 'Qual seu nome completo e de qual turma da escola você pertence?', 'Tem interesse em participar das discussões no grupo?', and 'Aceita seguir as regras para o bom proveito e uso desse espaço de aprendizagem e interação social?'. Below the questions is a section for 'Regras do grupo dos administradores' with a checkbox for 'Concordo com as regras do grupo' and two numbered rules: '1 Seja simpático(a) e gentil' and '2 Nenhum discurso de ódio ou bullying'. At the bottom right, there is a blue 'Enviar' button.

Fonte: *print screen* da janela de solicitação de entrada no grupo criado. Facebook (2020).²⁹

Seguindo os passos para criação e configuração do ambiente, o espaço estará disponível para uso efetivo. Assim, já é possível adicionar membros, desenvolver atividades e realizar publicações. Entretanto, é preciso que o professor (a) conheça anteriormente suas possibilidades de ações enquanto membro moderador do grupo. Vejamos algumas dessas funcionalidades no Quadro 3 logo abaixo.

²⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/search/groups/?q=penso%20logo%20existo&pa=SERP_TAB. Acesso em: 03 de março de 2020.

Quadro 3 – Ações de moderação e acompanhamento da comunidade virtual disponíveis para uso e administração do docente (continua)

Atividades da moderação do grupo	Descrição
Atividade do administrador	É possível visualizar todas as atividades e movimentações do grupo, sejam de administradores, sejam membros.
Publicações pendentes	Configuramos o grupo para que qualquer pessoa possa publicar, todavia, a postagem fica pendente. Nessa aba visualizamos todas as publicações pendentes que necessitam de aprovação. Se aprovadas, são publicadas, se reprovadas são excluídas.
Tópicos de publicações	Permite a moderação organizar as postagens em tópicos. Assim, como escolhemos unidades de aprendizado social, podemos dividir, por exemplo, em unidades de temas e/ou problemas filosóficos.
Publicações programadas	Visualiza-se publicações programadas para postagens.
Solicitações de entrada	O professor/moderador(a) tem acesso a todos os pedidos de solicitações de participação no grupo. Nessa sessão, é onde podemos visualizar as respostas das perguntas que os membros pendentes responderam e enviaram quando solicitaram entrada.
Notificações de aprovação	Aqui, optamos por receber notificações tanto de pedidos de entrada como de publicações no grupo.
Criar regras	Nessa aba, o professor(a) tem acesso às regras do grupo, podendo modificá-las ou inserir novas orientações de conduta aos usuários.
Perguntas de participação	Têm-se acesso às perguntas criadas para condição de envio do pedido de participação no grupo, podendo excluí-las ou editá-las.
Denunciado por um membro	Quando um membro do grupo posta ou faz comentários inadequados e sofre uma denúncia, o

Quadro 3 – Ações de moderação e acompanhamento da comunidade virtual disponíveis para uso e administração do docente (conclusão)

Atividades da moderação do grupo	Descrição
Denunciado por um membro	conteúdo reprovável será visualizado nessa aba. Aqui então, a moderação pode optar pela punição mais apropriada a cada caso, o que pode variar entre silenciamento, bloqueio ou ainda remoção do membro responsável pelo conteúdo.
Sinalizado automaticamente	Quando um membro se manifestar em alguma atividade do grupo com comentários ou postagens que possam estar em desacordo com os Padrões da Comunidade do Facebook (abordados no início do capítulo), as publicações serão sinalizadas automaticamente e direcionadas para a tomada de providências moderação. Caso esta ignore o conteúdo, depois de 30 dias, o Facebook executa a exclusão definitiva dos itens irregulares.
Alertas de palavra-chave	Quando utilizadas alertas para palavras-chave (principalmente para rápida identificação de ofensa ou desrespeito pessoal) dentro do ambiente virtual, elas e os membros autores são visualizados nesta aba, onde o professor/moderador(a) pode analisar o conteúdo e decidir sobre os procedimentos cabíveis.
Aprovação automática de membros	Nessa aba, tem-se a possibilidade de configurar a aprovação automática de membros participantes. Por se tratar de um público específico (alunos das escolas que lecionamos), optamos por não fazer uso desta funcionalidade.

Quadro elaborado pela autora. Fonte: Facebook (2020).

Provavelmente uma das principais dificuldades na adesão de redes sociais para finalidades educacionais pelos professores centra-se no receio por parte deles em não conseguir obter o controle do espaço virtual e dos

membros/estudantes participantes. Devemos compreender que as atividades desenvolvidas na virtualidade, não deixam de ser formas de observar e avaliar o desempenho e as habilidades filosóficas dos discentes, isso pode ser feito de acordo com o nível de interação dos discentes no grupo, onde o professor(a) avalia a participação através de critérios como: publicação de comentários (respostas às questões lançadas na problematização ou construção/aprofundamento dos questionamentos); reações interativas; diálogos tecidos; contribuição com o momento investigativo do tema proposto (busca de fontes na história da filosofia), dentre outros critérios que podem ser criados para integrar a avaliação filosófica virtual.

Na forma como propomos, esta forma virtual de aprendizagem não pode ser uma imposição, mas uma opção aos discentes, e por isso, os estudantes que optarem por não aderirem não devem ser prejudicados ou penalizados. Já aqueles que sentirem a necessidade da ampliação da discussão filosófica e optarem pela continuidade da experiência filosófica para além da sala de aula poderão encontrar no ambiente virtual essa oportunidade.

Para que o acompanhamento do professor às atuações dos alunos seja mais facilmente realizado, o estudante ao interagir de alguma forma no espaço virtual deve se identificar em sua postagem, conforme encontramos nas orientações das regras da comunidade virtual. É essencial que não apenas essa recomendação, mas todas sejam claramente compreendidas e observadas pelo corpo discente. É fundamental, por isso, conforme apresentamos no guia anteriormente, que as “regras e recomendações” apareçam logo na descrição da comunidade virtual, antecedidas apenas no corpo da apresentação pelos objetivos da comunidade virtual de filosofia.

Orientamos que a apresentação da proposta seja feita primeiramente à gestão escolar para averiguação de comum acordo e consentimento da instituição de ensino, que poderá ser oficializado em documento para fins comprobatórios. Posteriormente, essa discussão acerca das condutas, bem como das regras e recomendações deverá ser feita impreterivelmente e sem exceções em sala de aula, em um momento planejado e designado especificadamente para a apresentação da proposta virtual de aprendizagem da disciplina de filosofia. Como opção para essa etapa, ao final da exposição e discussão, os alunos que manifestarem interesse em participar do projeto podem assinar um termo de compromisso e responsabilidade

sobre a aceitação, concordância e obediência às regras da comunidade virtual. No caso do aluno menor de idade, os pais ou responsáveis podem assinar para permitir a participação do aluno e responsabilizarem-se pela atuação do estudante, sob pena de sofrerem as mesmas penalizações e advertências que recebem no ambiente escolar comum.

4.3 A Metodologia de Gallo aplicada ao ambiente virtual

É válido lembrar que a metodologia proposta por Sílvia Gallo fora pensada para uso com estudantes do ensino médio. Assim, precisamos deixar claro que ao inseri-la e aplicá-la no ambiente virtual de grupos da rede social Facebook, o que pretendemos é promover uma extensão da sala de aula. Não queremos substituir a experiência de sala de aula pela experiência virtual. Sabemos da importância das relações afetivas que naturalmente se estabelecem entre os professores e seus alunos, bem como da necessidade por parte dos alunos em terem a figura sempre presente do professor (a) como ser capaz de transmitir e orientá-los no processo da busca do saber e do conhecimento científico/filosófico. É por isso que pensamos uma proposta para que o ambiente virtual e o físico possam trabalhar alinhadamente, um como extensão do outro, agregando ao processo de ensino maior valor por meio da gama de possibilidades de uso de ambos os espaços.

Como vimos nos capítulos anteriores, a metodologia de Sílvia Gallo é desenvolvida em quatro etapas fundamentais, denominadas por ele como “experiência do pensamento”. Os passos não seguem uma ordem cronologicamente pensada para ser rigorosamente aplicada. A filosofia constrói-se a partir do diálogo, sendo assim as etapas de sensibilização, problematização, investigação e conceituação desenvolvem-se dialeticamente, sem necessariamente seguir essa ordem. Como exemplo, entendemos que a sensibilização assim como a problematização podem ocorrer em momentos e a partir de elementos do imaginário do estudante que nós não considerássemos. Assim como também não temos o controle sobre o momento em que ocorre a conceituação ou mesmo sobre a forma como os conceitos vão se tecendo na mente dos discentes. Pode ser até que esse momento ocorra mais tardiamente na sua existência. O que queremos explicitar é que nenhuma metodologia, por mais brilhante e eficiente que possa parecer é capaz

de controlar a forma do pensamento humano. Entretanto, o que projetamos a partir das quatro etapas é oferecer ferramentas que proporcionem maior entendimento e interesse pelo pensamento dos teóricos presentes na história da filosofia ao trazermos a problemática para ser vivida e refletida pelos discentes. Dessa forma, projetamos ampliar a possibilidade de despertar nos estudantes de ensino médio não apenas a sede pelo produto filosófico, como também o engajamento pelo processo da sua busca, realizado pelo exercício de seu próprio pensamento. Como afirmou Kant,

só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os. (1980, p.407)

Em outras palavras, o ato do filosofar não se desliga de seu processo, e o produto não pode ser apreendido e em última instância aprendido sem que o próprio indivíduo passe e desenvolva ele mesmo o exercício da razão, do pensamento. Por isso, compreendemos que ensinar filosofia precisamente no ensino médio não é apenas realizar a apresentação dos conteúdos e teorias elaboradas pelos mais diferentes filósofos e filósofas já existentes na história da humanidade. Partimos da perspectiva da necessidade do estudante sentir-se parte da reflexão, que consiga ver sentido no que é discutido e que consiga extrair, ressignificar ou mesmo produzir um conceito, um entendimento filosófico para a sua realidade enquanto indivíduo e enquanto parte integrante da sociedade.

Para consolidarmos nossa proposta, devemos abandonar a perspectiva do ensino de filosofia focada apenas na abordagem conteudística, ou seja, da preocupação extrema em apresentar cronologicamente e rigorosamente a história do pensamento filosófico. Como já apresentado, nossa trajetória está orientada no trabalho filosófico a partir de problemáticas, o que por sua vez não inviabiliza e não exclui a necessidade do estudo da história da filosofia, necessária ao momento de investigação da problemática, apenas descentraliza-a. O que guiará nossa atividade tanto em sala de aula como no ambiente virtual tem como ponto de partida a perspectiva da produção de problemas e questões que possam de alguma forma se relacionarem com a experiência, a vida, as indagações e o cotidiano dos nossos estudantes.

Como mencionado no capítulo inicial, o livro que Gallo elaborou para utilização no ensino médio nos permite trabalhar perfeitamente e alinhadamente com essa perspectiva do ensino em torno dos problemas. Entretanto, o fato dos professores não trabalharem e terem optado por utilizar um material de apoio diferente do de Gallo não inviabiliza a aplicação de seu método. Todos os livros por mais diferentes que sejam, trazem uma coisa em comum, ou seja, o momento da investigação, a apresentação e o estudo do pensamento e das teorias dos filósofos, parte necessária ao desenvolvimento e a construção conceitual bem fundamentada. As outras etapas, como sensibilização e a problematização podem ser mais facilmente desenvolvidas com o uso de outros elementos, cabe apenas ao professor planejar e escolher os recursos que tenham maior chance e potencial para a sensibilizar e “tocar” os alunos. Feito isso, passamos para a consolidação da problematização e logo poderemos partir para a construção do pensamento conceitual.

Diante disso, temos enquanto profissionais do ensino de filosofia a necessidade de filtrar os conteúdos, os temas e questões que devem ser trabalhados no decorrer dos três anos. Evidentemente, não elaboramos um currículo para ser seguido pelos professores. Reconhecemos a liberdade na construção dos planos curriculares, e o que menos queremos é engessar as práticas de ensino. O que precisamos compreender e ressaltamos, é que independentemente do conteúdo escolhido para ser estudado em sala, este deve ser apresentado em forma de problema, de uma questão que possa levar o estudante a querer encontrar sua solução, resolvê-la, desejar compreendê-la a partir da prática e do exercício do pensamento racional.

4.3.1 Modelos de utilização para as temáticas do ensino médio

A elaboração do planejamento pedagógico dos professores é peça fundamental na prática docente, haja vista que não podemos pensar as atividades sem estas estarem correlacionadas a determinados objetivos, recursos, metodologias e práticas avaliativas. Como afirmou Almeida:

seja qual for a abordagem educacional, realizar atividades educativas por meio de tecnologias digitais requer um cuidado especial no momento da concepção da atividade, definição dos objetivos, planejamento e proposição

de estratégias, estrutura dos conteúdos de estudo e mecanismos de avaliação. Trata-se assim de um novo contexto educativo mediatizado pelas tecnologias digitais, cuja compreensão implica em articular a gestão de sistemas com as dimensões tecnológica, pedagógica e teórico-metodológica. (2007, p.09).

Assim, devemos definir não apenas as finalidades de nossas práticas, como também os conteúdos e a forma de abordagem metodológica e avaliativa. Modificações, entretanto, podem e naturalmente ocorrem, e em casos assim as adaptações serão necessárias, já que nem sempre as coisas acontecem como esperado.

Apresentamos nessa etapa de nosso trabalho, os modelos a serem tomados por base para o uso no ambiente virtual do Facebook através da tipologia de grupo educacional. Como entendemos que o planejamento é essencial nesse processo, ao apresentar os modelos a serem utilizados, atrelados a cada um, anexamos também o plano que fundamenta a atuação do docente em sala de aula e, conseqüentemente, também no ambiente virtual. Dessa forma, expomos dois modelos/planos para cada série, nível de ensino.

Entendemos que no primeiro ano, devemos sempre iniciar o ano letivo com a apresentação introdutória do pensamento filosófico, trabalhando suas características, seu surgimento e desenvolvimento, bem como diferenciando-o de outras formas de saber e de compreensão da realidade. Dito isso, vejamos como ficou o primeiro plano de aula projetado para a série inicial do ensino médio.

Quadro 4 – Plano de Aula nº 1 (continua)

PLANO DE AULA			
Série: 1º ano	Tema/problema: O que é a filosofia?	Disciplina: Filosofia	
Período de referência: 1º Período.		Duração: 2 h/aula.	
Descrição do Conteúdo: Filosofia de vida x Filosofia do especialista; Kant e o processo do filosofar; Dermeval Saviani e a conceituação de Filosofia; Sócrates e Pitágoras como exemplos de Filósofos.			
Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
- Introduzir o aluno no campo da investigação	Aulas expositivas e dialogadas. 1.Sensibilização	- Quadro Branco e Pincéis para	- Participação e desempenho em sala e no

Quadro 4 – Plano de Aula nº 1 (conclusão)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<p>filosófica.</p> <p>- Caracterizar o pensamento filosófico, diferenciando-o de outras formas do saber.</p> <p>- Promover a reflexão e o diálogo sobre a importância da filosofia e de seus conceitos para a nossa realidade.</p>	<p>Charges (presentes no próprio livro e vídeo a ser postado na rede social);</p> <p>2. Problematização se desenvolve a partir de questões centrais, como:</p> <p>O que é a experiência filosófica? Todos nós podemos ser filósofos? O que é um filósofo? O que caracteriza a reflexão filosófica? Para que serve a Filosofia?</p> <p>3. Investigação a partir dos filósofos citados no livro e também por meio do material disponibilizado e buscado via web.</p> <p>4. Conceituação será desenvolvida a partir do exercício da reflexão e das discussões pautadas nas questões propostas em sala e no ambiente virtual.</p>	<p>exposição de conceitos-chaves do conteúdo tratado.</p> <p>- Livro didático (Uso das Charges, leitura de fragmentos filosóficos e resolução de questões).</p> <p>- Vídeo – A importância da filosofia.</p> <p>- Rede social Facebook como recurso metodológico complementar e auxiliar.</p>	<p>ambiente virtual da rede social (caráter optativo);</p> <p>- Atividades;</p> <p>- Frequência;</p> <p>- Comportamento.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

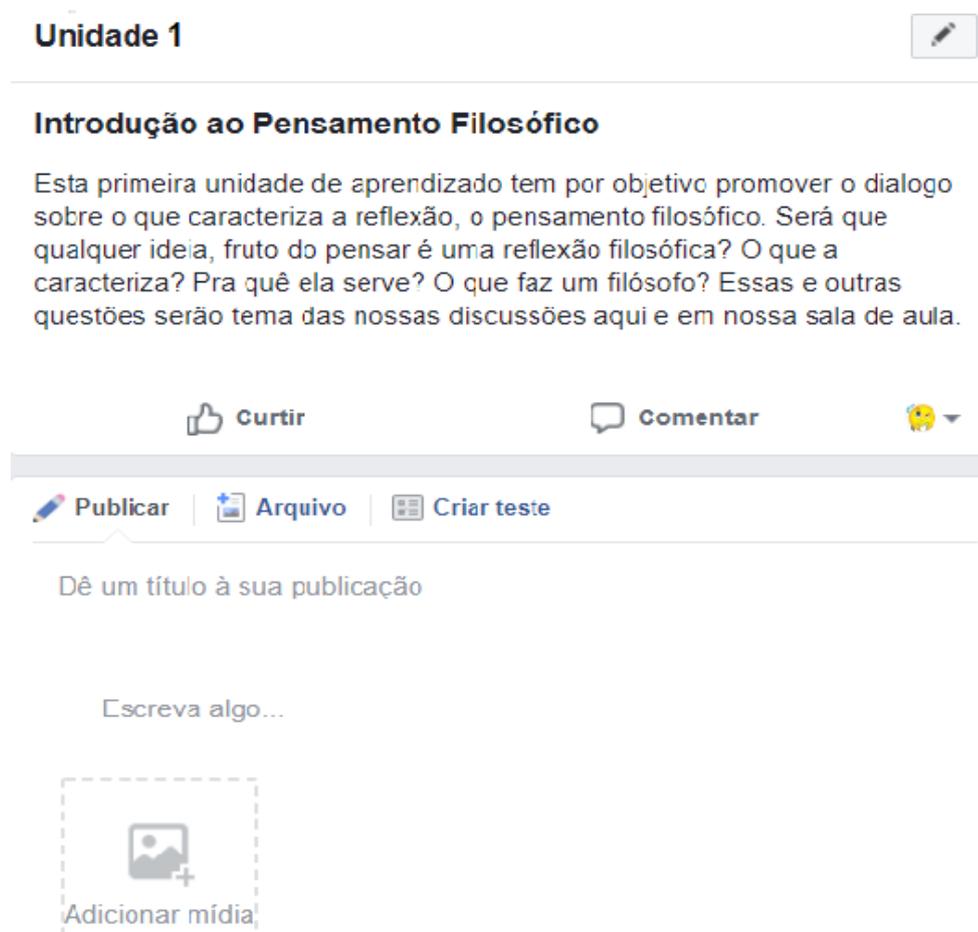
Salientamos que como a metodologia de Gallo será desenvolvida em ambos os espaços para o ensino da filosofia, não precisamos nos limitar quanto ao uso dos recursos de sensibilização/problematização, já que estas são etapas fundamentais para despertar e chamar a atenção de nossos alunos acerca das questões filosóficas. Evidentemente na rede social Facebook, temos a nossa

disposição uma variedade de recursos que no campo da sala de aula, muitas vezes temos maior dificuldade de utilizá-los, por motivos que já exploramos anteriormente.

Nesse primeiro plano, por exemplo, estão listados dois elementos sensibilizadores, um para a sala de aula (charges do livro didático – para uso em sala) e outro para uso virtual (vídeo musical). As oportunidades no campo virtual para a sensibilização são muitas, cabe apenas ao professor explorar as ferramentas e conteúdos disponíveis a fim de encontrar os artifícios que apresentem maior potencial de desenvolvimento e eficácia no ensino da disciplina. O que não podemos, entretanto, é ignorar a importância desta etapa no processo da reflexão filosófica, principalmente ao tratar-se de estudantes de ensino médio. Vejamos agora como o plano pode ser desenvolvido em meio virtual.

O primeiro passo para realizar uma postagem é criar uma unidade de ensino. Como vimos na apresentação geral do Facebook, a plataforma oferece várias tipologias de grupos e optamos pela de “Aprendizado Social”, que oferece funcionalidades que vão além do grupo comum, como por exemplo a possibilidade de organizar as publicações em unidades por conteúdos ou temas e também a opção de acompanhar o desenvolvimento e o nível de interação dos membros/alunos com os conteúdos publicados. Como já configuramos o nosso grupo, vamos nesse momento apenas mostrar como se dá o processo de criação de uma unidade. Vejamos a seguir.

Figura 6 - Modelo de Unidade criada para o 1º ano: Introdução ao Pensamento Filosófico.



Fonte: *print screen* da janela de criação da unidade no grupo. Facebook (2020).³⁰

1. Na página inicial do grupo, clicamos em **Unidades** e depois na aba **+ Criar Unidade**.
2. Ao surgir a janela para dar nome e descrever a unidade, preenchemos o campo com informações que ajudem os estudantes a compreenderem qual a finalidade, o objetivo da unidade criada.

Como o nosso Plano de Aula nº 1 é destinado a primeira série do ensino médio, e refere-se ao primeiro período do ano letivo, optamos por denominar a unidade por “Introdução ao pensamento filosófico”.

Depois do preenchimento dos campos da janela acima, já é possível publicar um conteúdo com uso variado de mídias, postar um arquivo em diferentes formatos ou criar testes de questões objetivas com correção automática, relativas ao conteúdo e/ou a disciplina de filosofia. Em nosso estudo, focamos em exemplificar

³⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/learning_content?filter=629352027911410. Acesso em: 20 de abr. de 2020

como a metodologia das quatro etapas metodológicas se desenvolve no uso das ferramentas do grupo virtual. Vejamos então como pode ser feita a postagem de acordo com o plano de aula estruturado mais acima.

De início precisamos dar um título a publicação, optamos por “A importância da filosofia”, já que é basicamente disso que o vídeo musical escolhido trata. Seguimos os seguintes passos:

1. Definimos o título da publicação - “A importância da Filosofia”.
2. Por tratar-se de um vídeo com origem no Youtube, não precisamos baixá-lo, apenas copiamos o link e colamos no espaço da publicação.
3. Em **Escreva algo...**, acrescentamos as questões centrais problematizantes para a fomentação do diálogo com os estudantes e entre eles também. Depois disso, clicamos em **Publicar**. Assim construímos o conteúdo escolhido dentro da unidade temática, vejamos como ficou sua apresentação.

O elemento para a **sensibilização** escolhido é uma paródia musical do canal do Dom Quixote do Youtube, que apresenta uma variedade de produções musicais no formato sempre de paródias que tratam dos conteúdos filosóficos de uma forma mais descontraída e de linguagem mais acessível. Ao utilizarmos inicialmente um recurso mais próximo da realidade e da cultura dos estudantes, adquirimos maiores chances de atraí-los e ganharmos o interesse necessário para o debate das questões filosóficas da nossa disciplina.

A criação das questões para a **problematização** desenvolve-se alinhada à sensibilização. Assim, as questões problemas têm o propósito de gerar no corpo discente o reconhecimento da problemática como sendo sua também, ou seja, de fazer o educando tomar o problema para si, e a partir disso, sentir que é preciso resolvê-lo, despertando-o para a necessidade de buscar as respostas e soluções para a problemática objeto de estudo e reflexão. Dessa forma construímos o conteúdo escolhido dentro da unidade temática, vejamos como ficou sua apresentação.

Figura 7 – Exemplo 1 de aplicação da sensibilização e da problematização

A importância da Filosofia

Assista ao vídeo musical abaixo e tente compreender a mensagem da letra utilizada. Depois disso, baseado em nossa aula de hoje, pense, reflita, dialogue com seus colegas e tente responder no campo das comentários os questionamentos apresentados logo abaixo:

Pra que serve a filosofia? Qual a importância da filosofia nos dias de hoje? Todos nós podemos ser filósofos(as)? 🤔🤔🤔

Se quiser lance outras questões. Nosso objetivo aqui é desenvolver o diálogo e a discussão saudável, e sua participação é fundamental nesse processo. 😊😊

Ao fazer seu comentário, não esquece de se identificar e informar a turma a qual pertence, certo?!

https://www.youtube.com/watch?v=MzUONXW8KMo&fbclid=IwAR1Zvt4EYvo_a9sWbz4FjGVFVlzaWagdtjyNvOsJdLB2rFbixZKdB1hFoUI

Mas isso vai mudar

YOUTUBE.COM

Problematização

Sensibilização

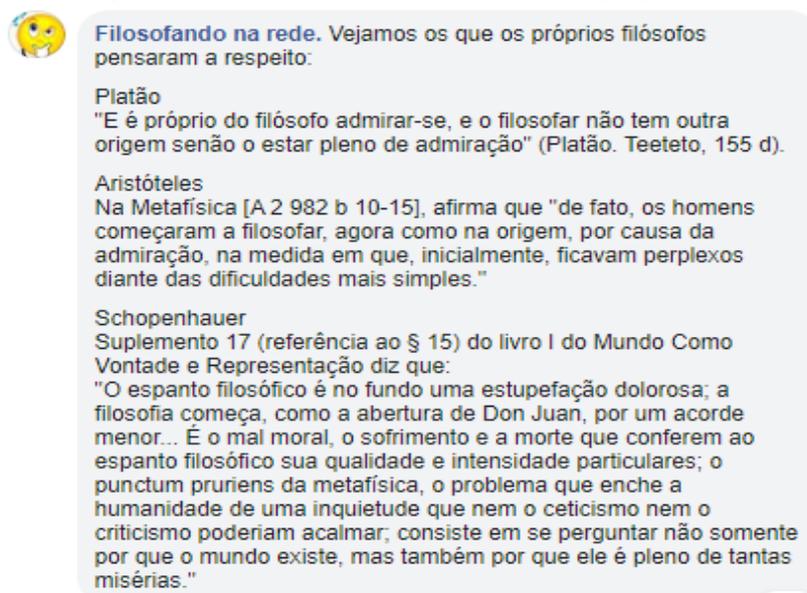
Fonte: *print screen* da publicação no modelo de grupo Penso, logo existo. Facebook (2020).³¹

Como contamos com uma aula inicial em sala na instituição escolar em nosso plano de aula nº1, o momento de fundamento da **investigação** pode ficar por conta em parte da exposição do professor, que deve dar as informações necessárias ao entendimento do aluno, sem, entretanto, esgotar a problemática proposta. Fazemos aqui como o próprio Sócrates fazia, mostramos o caminho, orientamos, apresentamos as informações necessárias, mas sempre deixamos que os próprios aprendizes desenvolvam o movimento da busca pelo conhecimento. Se fizermos por eles, nada terão aprendido. Se fizerem sozinhos, poderão se perder no caminho. Mas, se fizerem com a nossa ajuda e orientação, passarão eles mesmos pelo processo de criação do próprio pensar, o que aqui denominamos sobre o entendimento de Gallo de exercício da **produção conceitual**.

³¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

Os professores no ambiente virtual assumem a atividade de moderação e orientação das discussões. Dessa forma, caso haja necessidade, devem intervir, seja orientando os diálogos entre os alunos, ou fornecendo a base para a fundamentação e a reflexão, para que transcendam o campo da mera opinião. Por exemplo, a postagem planejada acima está alinhada com a aula desenvolvida em sala de aula, mas caso o professor sinta a necessidade, ele deve inserir ou complementar o conteúdo publicado com outras informações que favoreçam o momento da investigação e facilitem dando base para a etapa conceitual. Expomos logo abaixo uma opção complementar da etapa investigativa para o ambiente virtual.

Figura 8 – Exemplo 1 da aplicação da etapa investigação no ambiente virtual



Fonte: *print screen* da publicação no modelo de grupo Penso, logo existo. Facebook (2020).³²

Para esse momento, é de grande importância que os professores escolham muito bem os textos e/ou fragmentos dos pensamentos dos filósofos que serão utilizados para o momento da investigação na etapa virtual. Sendo agora o estudante um construtor ativo do seu próprio conhecimento, se porventura, os conteúdos ficarem confusos, em um nível de compreensão que supera a sua capacidade e nível para entendê-los, poderemos ter casos de desistências no meio do processo investigativo filosófico. E é por esse motivo que mais uma vez salientamos e reafirmamos aqui a necessidade do trabalho conjunto da realidade do mundo virtual com a sala de aula dos discentes. Uma não pode andar desalinhada

³² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

com a outra, não podemos, por exemplo, exigir do estudante que ele entenda Kant, Hegel ou Platão sem nunca terem os vistos em sala de aula antes. Por isso, é preciso que o professor(a) mediador(a) do ambiente virtual se assegure de que o nível, os conteúdos e a forma de abordagem no espaço virtual estão de acordo com a realidade a qual trabalha.

Na etapa da **conceituação** é fundamental fomentar tanto a dialogicidade dos estudantes entre eles mesmos, como também com os conteúdos e teorias filosóficas. É preciso opor os pensamentos, apresentar ideias diferentes para que o estudante possa refletir e se posicionar acerca da problematização apresentada. Conceituar não quer dizer exclusivamente que o aluno deve necessariamente criar, produzir novos conceitos, afinal como falamos em capítulos anteriores, não temos o objetivo exclusivo que o aluno crie algo do zero, do nada. Não desprezamos essa possibilidade, e seria fantástico aos olhos de Gallo e aos nossos também se isso acontecesse. Entretanto, o que esperamos e tentamos promover através da metodologia do educador e filósofo no momento da conceituação, é que o aluno tenha os meios para compreender o movimento do pensamento realizado pelos filósofos na construção de suas teorias. Nessa perspectiva, podemos então entender a conceituação como o momento em que o aluno tem contato com os conceitos, os compreende e a partir daí é capaz de se posicionar, seja readaptando, recriando uma ideia de um filósofo, seja concordando integralmente com ele ou mesmo pensando contrariamente ao pensador. Independente de qualquer uma dessas possibilidades, se o aluno é capaz de acompanhar o movimento da reflexão desenvolvida e consegue dialogar com o conteúdo do pensar filosófico, compreendemos que este foi capaz de pensar conceitualmente. Vejamos nas palavras de Gallo sobre os objetivos da conceituação:

Experimental o pensamento refazendo os percursos do pensamento dos filósofos, sendo capazes de dialogar com os textos, de neles encontrar ferramentas conceituais para enfrentar os problemas que estamos investigando. Essa é a meta da etapa da conceituação, que finaliza os quatro passos didáticos de um aprendizado ativo da filosofia. (GALLO, 2016, p. 337).

Para a consolidação da conceituação é fundamental que o aluno seja convidado a expressar seu pensamento também na forma da escrita dissertativa, pois entendemos que essa prática ajuda o estudante a sistematizar e organizar melhor as ideias e o processo do pensamento desenvolvido. Tanto em sala de aula,

como no ambiente virtual, o professor deve sempre optar por atividades reflexivas que possam avaliar a compreensão e a escrita dos alunos acerca dos problemas e conteúdos filosóficos apresentados.

No ambiente virtual, centro das investigações do nosso trabalho, a conceituação se desenrola a partir da busca dos discentes por respostas às questões produzidas no momento da problematização. A manifestação do pensamento, o diálogo entre os estudantes e as respostas aos pontos problematizantes explorados podem ser desenvolvidos no espaço dos comentários das postagens. Nesse campo é possível acompanhar cronologicamente todo o processo de desenvolvimento do pensamento dos estudantes, avaliando-os e quando necessário realizando as intervenções.

Evidentemente, ao longo do processo dialógico e de exposição do pensamento dos alunos, outros questionamentos podem ser propostos através do professor(a) ou mesmo por parte dos próprios estudantes. É interessante nutrir sempre a problematização, para que o diálogo continue sempre vivo e a experiência filosófica se desenvolva enquanto a entendemos, ou seja, como uma busca contínua pelo conhecimento acerca do mundo, das coisas e de nós mesmos.

No primeiro modelo e plano de aula proposto, tentamos exemplificar como as etapas da proposta metodológica de Gallo podem ser aplicadas e desenvolvidas no ambiente virtual de forma conjunta com a prática da sala de aula. Salientamos sempre a importância da etapa da investigação ser inicialmente desenvolvida em sala, pois partimos do pressuposto enquanto professores que fornecemos pelo menos a fundamentação básica para o estudante ir em busca de outras respostas e conceitos filosóficos. Por outro lado, o recurso auxiliar da rede social Facebook facilita e enriquece principalmente as etapas de sensibilização e conceituação. Na sensibilização, por fornecer um leque de opções na reprodução de elementos para tocar e despertar o interesse do estudante pelas problemáticas filosóficas. E na conceituação por facilitar o diálogo necessário entre os estudantes, bem como também por possibilitar que um maior número de alunos, caso sintam interesse, expressem suas ideias e pensamentos com mais calma e tranquilidade, sem a pressão do olhar direto do outro.

Depois de exemplificar detalhadamente como visualizamos cada momento das etapas da metodologia que aqui propomos, passamos adiante com o segundo modelo de aplicação para o primeiro ano do ensino médio. Para esse

exemplo, decidimos por trabalhar com a problematização do conhecimento filosófico na teoria platônica. Tal conteúdo pode ser estudado tanto em Introdução à Filosofia, o que nesse caso, daria continuidade a unidade anterior, como também pode ser tratada em uma nova abordagem problematizadora da Teoria do Conhecimento, se a opção for por trabalhar outros pensamentos e teorias relacionados a essa área.

Não há a necessidade de criar uma unidade para cada plano de aula realizado, visto que o conteúdo ficaria exposto de forma muito fragmentada, e é preciso facilitar a percepção da ligação entre os conteúdos e conceitos filosóficos estudados. O que orientamos é que o professor ou professora possa organizar os conteúdos de acordo com a perspectiva/problema ou por área problematizadora trabalhada. Para melhor organização, sugerimos que a divisão das unidades seja feita em no mínimo 4 unidades (uma por bimestre), ou no máximo 8 unidades (uma unidade mensalmente). Sendo assim, nosso segundo modelo de plano fora pensado para dar continuidade e desenvolver a primeira unidade já criada de introdução ao pensamento filosófico. Vejamos logo abaixo.

Quadro 5 - Plano de Aula nº 2 (continua)

PLANO DE AULA			
Série: 1º ano	Tema/problema: A busca pelo conhecimento.	Disciplina: Filosofia	
Período de referência: 1º Período.		Duração: 2 h/aula.	
Descrição do Conteúdo: Alegoria da Caverna; Dualismo platônico; Teoria platônica do conhecimento.			
Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
- Promover a reflexão sobre o que é ser um filósofo e como se dá o processo da busca do conhecimento na visão platônica.	Aulas expositivas e dialogadas e uso do recurso auxiliar virtual: 1. Sensibilização - Em sala: 1ª opção - O professor(a) pode fazer a seleção de algumas cenas do filme Matrix	- Projetor, Notebook e caixa de som (1ª opção). - Quadro Branco e Pincéis: para	- Participação e desempenho em sala e no ambiente virtual da rede social (a segunda de caráter optativo);

Quadro 5 - Plano de Aula nº 2 (continuação)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<p>- Relacionar o mito da caverna de Platão com o filme Matrix, apontando suas semelhanças e trazendo as reflexões para problematizar a realidade em que vivemos.</p> <p>- Compreender os principais conceitos filosóficos trabalhados e apresentados por Platão na <i>Alegoria da Caverna</i>.</p> <p>- Realizar a leitura do fragmento do livro "A República" de exposição da teoria platônica do conhecimento para que os alunos possam ir se familiarizando com a linguagem filosófica.</p> <p>- Possibilitar a</p>	<p>para reprodução, bem como do vídeo musical de apresentação da <i>Alegoria da Caverna de Platão</i>. 2ª opção - Caso isso não seja possível, o professor(a) pode apenas apresentar brevemente as histórias, tecendo comentários que possibilitem linkar o filme com a <i>Alegoria Platônica</i>.</p> <p>- No Facebook: apresentação dos 2 vídeos (cena principal do filme e o vídeo musical apresentando o <i>Mito da Caverna</i>).</p> <p>2. Problemática</p> <p>Desenvolve-se a partir de questões centrais apresentadas tanto em sala como na rede social. Exemplos: O que é o real? Como alcançar o conhecimento verdadeiro? Como distinguir o real da ilusão? Que aspectos do filme Matrix podemos</p>	<p>exposição oral de pontos essenciais ao entendimento (2ª opção).</p> <p>- Livro didático (Leitura de fragmentos necessários)</p> <p>- Rede social Facebook como recurso metodológico complementar e auxiliar às etapas pensadas na metodologia das aulas. Para essa aula, a rede apresenta possibilidades para o desenvolvimento conjunto com a sala de aula nas quatro etapas metodológicas.</p>	<p>- Atividades;</p> <p>- Frequência;</p> <p>-Comportamento.</p>

Quadro 5 - Plano de Aula nº 2 (conclusão)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
discussão e o diálogo entre os estudantes ao refletirem sobre a perspectiva platônica acerca do conhecimento.	relacionar com a <i>Alegoria da Caverna</i> de Platão? Vivemos imersos em alguma caverna ou Matrix? Quais? 3. Investigação Leitura e discussão de fragmentos do livro <i>A República</i> para aprofundamento das reflexões propostas. (Material impresso e virtual). 4. Conceituação Será desenvolvida a partir do diálogo e das discussões iniciados em sala e expandidos para o ambiente virtual Facebook.		

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Como já falado, uma das maiores vantagens do uso virtual da rede social Facebook através dos grupos de aprendizado virtual é que não encontramos limitação quando ao uso de recursos midiáticos para a tentativa de sensibilizar e despertar o estudante para os problemas filosóficos propostos. Para esse plano de aula, utilizaremos mais de um recurso sensibilizador. Antes de realizar a postagem virtual, já devemos ter iniciado em sala, em uma aula pelo menos, a discussão que será expandida para o Facebook. Como dissemos, nesse primeiro momento de contato com o problema filosófico, é sempre bom que seja realizado primeiramente em sala, para somente depois ser estendido para o campo virtual. Dessa forma, nos asseguramos um pouco mais de que o estudante possui a bagagem mínima

necessária para compreender e desenvolver a discussão e o diálogo na plataforma virtual com os seus pares.

Em sala, o professor pode utilizar primeiramente os 2 vídeos disponíveis ambos na plataforma do Youtube para iniciar a etapa de sensibilização. Caso a reprodução dos materiais audiovisuais não sejam possíveis em sua escola para aquela aula, tem-se a opção de apenas fazer menção ao filme Matrix, ressaltando seus pontos de maior conexão com o conteúdo filosófico. Com relação ao uso da letra musical apresentada no vídeo que trabalha com a exposição da Alegoria da Caverna de Platão, pode-se baixar apenas o áudio do vídeo e apresentar a letra em material impresso para que os alunos possam acompanhá-la durante a audição. Fazendo isso, seria apenas necessária uma caixa de som para sua reprodução e cópias dos versos musicais. Independente da opção dos elementos sensibilizadores escolhidos, estes devem ser o ponto de partida para a problematização filosófica. Posterior a esse momento, chegamos na investigação que em sala poderá ser auxiliada pelo próprio livro didático. Para a etapa da conceituação, na tentativa de conhecer a perspectiva de pensamento dos alunos, o professor(a) pode elaborar um item com resposta dissertativa para verificar se o estudante compreendeu os conceitos estudados, se por exemplo, concorda ou apresenta uma visão ou posicionamento diferente.

Outro ponto em que podemos ganhar muito com o uso do Facebook como ferramenta auxiliadora do processo de ensino da filosofia, é exatamente no momento da conceituação. Podemos dizer que essa etapa tende a ser assim como a sensibilização as que mais poderiam ser beneficiadas e enriquecidas com a utilização do Facebook como ferramenta de aprendizagem filosófica de apoio. Imaginemos o plano de aula acima em execução no tempo de aula que possuímos atualmente. Será que ao chegar na quarta etapa, depois de assistir aos vídeos, realizar as leituras necessárias, ainda teríamos tempo suficiente para as discussões e para a exposição dos pensamentos de ao menos metade do número de alunos presentes em média em uma sala de aula da rede pública de ensino? O espaço de sala de aula sozinho poderá não dar conta, além do tempo, outras adversidades já faladas antes dificultam esse desenvolvimento. Contando com o auxílio da rede social Facebook, temos a possibilidade de ampliar para o momento da conceituação não apenas o tempo para dialogicidade tão importante na experiência filosófica,

como também o índice de participação dos estudantes na exposição de seus pensamentos frente as problemáticas propostas para reflexão e discussão.

Depois de esclarecer esse ponto, voltamos agora para a exposição do plano de aula nº2 destinado ao primeiro ano do ensino médio. Com relação a execução em sala de aula, apresentamos algumas possibilidades que se enriquecem quando alargamos o espaço de aprendizagem também para o campo virtual. Seguindo as orientações sugeridas acima, vejamos como paralelamente o plano se desenvolve no grupo configurado para auxiliar e enriquecer o ensino da filosofia.

Como dissemos, o segundo plano de aula proposto fora pensado para dar continuidade a Unidade 1, intitulada “Introdução ao pensamento filosófico”. Dessa forma, não precisamos criar nesse momento outra unidade, mas apenas realizar a postagem dentro da unidade já existente. Para isso, seguimos os seguintes passos:

1. Depois de fazer o login, na página inicial clicamos em **Grupos** e depois selecionamos o grupo criado para esta finalidade;
2. Em **Unidades**, selecionamos a unidade que queremos inserir a postagem, nesse caso Unidade 1 – Introdução ao Pensamento Filosófico. Ao fazer isso, a descrição da Unidade é apresentada e podemos prosseguir com a publicação.
3. Em **Publicar**, definimos o título da publicação: “Matrix e o mito da caverna de Platão”.
4. Em **Escreva algo...** inserimos as questões problematizantes e em seguida adicionamos o link do primeiro vídeo sensibilizador, um recorte do filme Matrix. Finalizamos, clicando em **Publicar**.
5. No conteúdo publicado, na aba dos comentários, copiamos o link do segundo vídeo utilizado como elemento sensibilizador, nesse caso o vídeo musical de apresentação sintetizada da Alegoria da Caverna de Platão.
6. Ainda nos comentários, postamos um pequeno fragmento explicando a representação de cada elemento apresentado na alegoria platônica. Esse passo fundamenta o processo investigativo e de compreensão dos conceitos filosóficos. Vejamos como ficou a visualização da postagem depois de seguidos os passos acima.

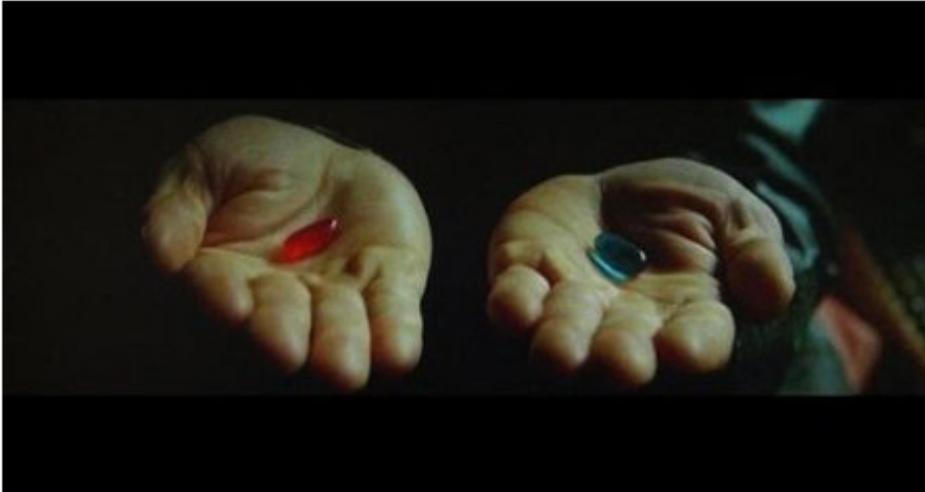
Figura 9 – Exemplo 2 de sensibilização e problematização

 **Matrix e o mito da caverna de Platão.** ...

Depois de estudarmos em sala sobre a Alegoria da Caverna de Platão, assista a cena do filme Matrix abaixo e tente apontar pontos em comum entre as duas obras. O que a Matrix e a Caverna de Platão possuem em comum? O que hoje tem nos impedido de alcançar o conhecimento verdadeiro sobre o mundo e de nós mesmos? Você está imerso em alguma caverna, em alguma matrix? Quais ilusões nos enganam hoje e nos prendem em cavernas que não nos permitem enxergar a verdade? 😞😞😞 Observe o conteúdo presente nos vídeos, reflita e tente responder ou levantar novos questionamentos acerca do tema. Não esquece de se identificar ao final do comentário com o seu nome e série! 😊😊

Mito da caverna é uma metáfora criada pelo filósofo grego Platão, que consiste na tentativa de explicar a condição de ignorância em que vivem os seres humanos e o que seria necessário para atingir o verdadeiro "mundo real", baseado na razão acima dos sentidos.

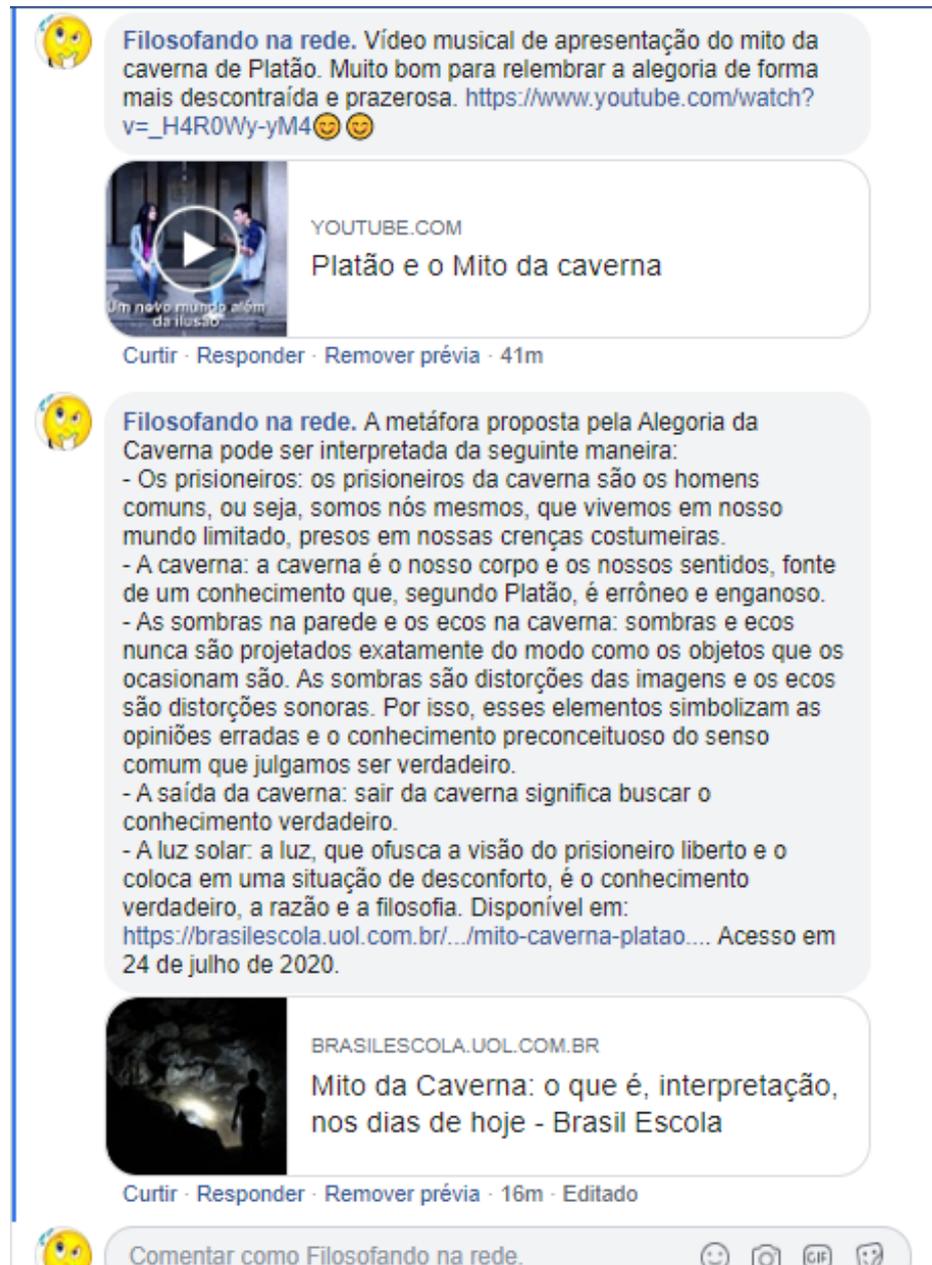
<https://www.youtube.com/watch?v=7bZtJQxPNqI>



YOUTUBE.COM
Matrix - Pílula.
Famosa cena do filme Matrix. Dublado Português.

Fonte: *print screen* da publicação no modelo de grupo Penso, logo existo. Facebook (2020).

Figura 10 – Exemplo 2 da aplicação da etapa investigação no ambiente virtual



Filosofando na rede. Vídeo musical de apresentação do mito da caverna de Platão. Muito bom para relembrar a alegoria de forma mais descontraída e prazerosa. https://www.youtube.com/watch?v=_H4R0Wy-yM4 😊😊

Filosofando na rede. A metáfora proposta pela Alegoria da Caverna pode ser interpretada da seguinte maneira:

- Os prisioneiros: os prisioneiros da caverna são os homens comuns, ou seja, somos nós mesmos, que vivemos em nosso mundo limitado, presos em nossas crenças costumeiras.
- A caverna: a caverna é o nosso corpo e os nossos sentidos, fonte de um conhecimento que, segundo Platão, é errôneo e enganoso.
- As sombras na parede e os ecos na caverna: sombras e ecos nunca são projetados exatamente do modo como os objetos que os ocasionam são. As sombras são distorções das imagens e os ecos são distorções sonoras. Por isso, esses elementos simbolizam as opiniões erradas e o conhecimento preconceituoso do senso comum que julgamos ser verdadeiro.
- A saída da caverna: sair da caverna significa buscar o conhecimento verdadeiro.
- A luz solar: a luz, que ofusca a visão do prisioneiro liberto e o coloca em uma situação de desconforto, é o conhecimento verdadeiro, a razão e a filosofia. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/.../mito-caverna-platao....> Acesso em 24 de julho de 2020.

Filosofando na rede. Mito da Caverna: o que é, interpretação, nos dias de hoje - Brasil Escola

Comentar como Filosofando na rede.

Fonte: *print screen* da publicação no modelo de grupo Penso, logo existo. Facebook (2020).

Trabalhar com essa questão da busca do conhecimento em Platão traz um leque de possibilidades de analogias com elementos próprios do campo cultural dos estudantes. Muitos desenhos e animações já foram associados e comparados com a Alegoria da Caverna platônica, como são os casos, por exemplo, de episódios de Naruto e mesmo da Caverna do Dragão. Além disso, também se tem utilizado muito das versões em histórias quadrinhos para fazer a apresentação do mito platônico. Um dos mais famosos é a versão de 2002 produzida por Maurício de

Souza, nela a saída caverna das sombras e da ignorância em direção a luz do conhecimento é abordada com humor, além de atualizá-la para pensarmos as próprias ilusões dos nossos tempos.

Figura 11 - Trecho de O Mito da Caverna em quadrinhos de Maurício de Souza



Fonte: *print screen* da postagem presente na página Livre pensamento.³³

Todos esses exemplos podem ser utilizados como elementos sensibilizadores. Muitas são as possibilidades, cabe apenas a nós escolhermos os de maiores potenciais de acordo com o público para o qual estamos planejando e elaborando nossas aulas.

Apresentados os modelos de utilização do Facebook para a primeira série do ensino médio, passamos agora aos exemplos pensados para o ano subsequente. Para o segundo ano, baseados na disposição temática de alguns livros didáticos, escolhemos por trabalhar com a área problematizadora da filosofia moral, campo

³³ Disponível em: <https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>. Acesso em: 25 de jul. 2020.

vasto da filosofia e que nos permite o desenvolvimento de vários conceitos da área relacionando-os e os conectando mais facilmente com a realidade vivida e sentida diariamente pelos estudantes. Iniciamos novamente pelo plano de aula, vejamos logo abaixo.

Quadro 6 - Plano de Aula nº 3 (continua)

PLANO DE AULA			
Série: 2º ano	Tema/problema: Ética: por que e para quê?	Disciplina: Filosofia	
Período de referência: 1º Período		Duração: 2 h/aula.	
Descrição do Conteúdo: Moral x Ética: Relações e diferenciações; Dever, compromisso e consciência moral.			
Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<ul style="list-style-type: none"> - Introduzir os estudantes no âmbito das discussões e investigações do campo da filosofia moral. - Caracterizar ética e moral. - Promover a reflexão acerca da oposição entre o lado social e o pessoal. 	<ul style="list-style-type: none"> Aulas expositivas e dialogadas. 1. Sensibilização - Em sala: Uso de exemplos cotidianos por meio da oralidade. - No Facebook: Utilização dos quadrinhos de Calvin e Haroldo. 2. Problematização Desenvolve-se a partir de questões centrais apresentadas tanto em sala como a rede social. Exemplos: O que é a filosofia moral? Como os valores, a moral interferem em nossas ações? O que caracteriza as nossas ações como moralmente boas ou 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro Branco e Pincéis: Exposição de palavras e conceitos essenciais. - Livro didático (Leitura de fragmentos importantes ao entendimento dos conceitos básicos ao tratarmos do campo da filosofia moral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação e desempenho em sala e no ambiente virtual da rede social (caráter optativo); - Atividades; - Frequência;

Quadro 6 - Plano de Aula nº 3 (conclusão)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
- Compreender o que caracteriza o sujeito ético-moral.	<p>más?</p> <p>3. Investigação</p> <p>A partir do conteúdo do livro didático os alunos serão convidados a buscar e aprofundar as questões levantadas.</p> <p>4. Conceituação</p> <p>Será desenvolvida a partir do exercício e da reflexão das questões propostas através da discussão em sala e no ambiente virtual.</p>	<p>- Rede social Facebook</p> <p>como recurso metodológico complementar e auxiliar às etapas pensadas na metodologia das aulas.</p>	- Comportamento.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Assim como no modelo de plano de Aulas 1 e 2 (correspondente a primeira série do ensino médio), os planos 3 e 4 destinados ao segundo ano, serão organizados da mesma forma. Primeiro, criamos a unidade de ensino e depois passamos a elaboração da proposta de postagem dentro da Unidade. Como o tema/problema trabalhado trata das nossas ações, dos nossos comportamentos e valores, optamos pelo título de “A Filosofia Moral”, remetendo aqui de forma bem direta a área de investigação filosófica destinada a pensar e a dialogar sobre essas questões. Na criação da unidade, seguimos os mesmos passos definidos dos primeiros planos. Vejamos a seguir como ficou a descrição da Unidade 1 da 2ª série.

Figura 12 - Modelo de Unidade criada para o 2º ano: A Filosofia Moral



Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 2º ano no grupo da rede social Facebook (2020).³⁴

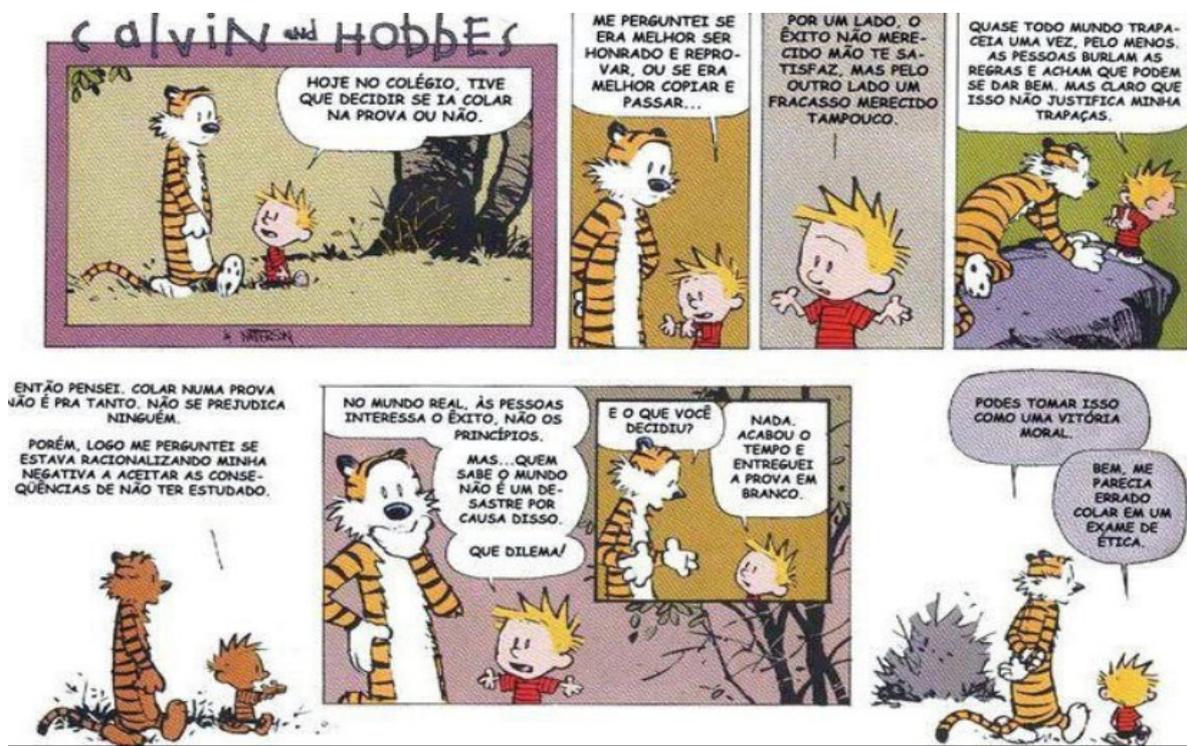
Feito isso, podemos iniciar a publicação. Vejamos como esse plano se desenvolve de acordo com o segundo modelo de apresentação da nossa proposta de utilização do Facebook como um recurso auxiliar e colaborador ao ensino da filosofia no ensino médio. Para a construção da primeira postagem dentro da unidade 1 – A Filosofia Moral, seguimos os passos abaixo em sua construção:

1. Definimos o título da publicação, no caso, “A Filosofia Moral no cotidiano”.
2. Em **Escreva algo...**, apresentamos a problematização e as orientações necessárias para interação e participação dos estudantes na postagem.

³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/pensologoexisto2ano/>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

3. Clicamos em **Adicionar mídia** e anexamos o arquivo dos quadrinhos que servirá como elemento sensibilizador. Por fim, apenas clicamos em **Publicar**.

Figura 13 – Elemento 1 de sensibilização para a reflexão acerca da Filosofia Moral.



Fonte: *print screen* do exemplo de elemento sensibilizador utilizado no grupo projetado para a série do 2º ano. Facebook (2020).³⁵

Começamos apresentando o momento da sensibilização. Diferentemente dos nossos primeiros exemplos de aplicações, utilizamos como elemento sensibilizador uma tirinha em quadrinhos. Lembramos sempre que nessa etapa não deve existir a limitação de recursos sensibilizadores. Se o professor analisar, encontrar e quiser atrelar outros elementos combinando-os ou mesmo confrontando-os entre eles, que esteja livre para assim fazer. A tirinha tenta trazer a reflexão sobre um ato recorrente na vida das pessoas, ou seja, a dúvida sobre como agir diante de determinadas situações. Escolhemos esse quadrinho por sabermos que “a cola” em atividades e provas são comuns no cotidiano dos estudantes, e por isso, tem maior potencial e chance de estabelecer uma relação e aproximar a investigação filosófica da moralidade com a vida e os problemas vividos e sentidos pelos estudantes.

³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/pensologoexisto2ano/>. Acesso em: 03 de mai. 2020.

Seguimos os mesmos passos do primeiro modelo, atribuímos um título a publicação, inserimos o elemento sensibilizador e atrelado a ele a problematização inicial. Abaixo podemos visualizar como ficou sua apresentação no ambiente virtual.

Figura 14 – Exemplo de publicação no modelo de unidade do 2º ano

The image shows a screenshot of a Facebook post. On the left is a comic strip from Calvin and Hobbes. The title is 'calvin and hobbes'. The panels contain the following text:

HOJE NO COLÉGIO, TIVE QUE DECIDIR SE IA COLAR NA PROVA OU NÃO.

ME PERGUNTEI SE ERA MELHOR SER HONRADO E REPROVAR, OU SE ERA MELHOR COPIAR E PASSAR...

POR UM LADO, O ÊXITO NÃO MERECE- TISFAZ, MAS PELO OUTRO LADO UM FRACASSO MERECEDO TAMPOUCO.

QUASE TODO MUNDO TRAPA- CEIA UMA VEZ, PELO MENOS. AS PESSOAS BURLAM AS REGRAS E ACHAM QUE PODEM SE DAR BEM, MAS CLARO QUE ISSO NÃO JUSTIFICA MINHA TRAPAÇAS.

ENTÃO PENSEI. COLAR NUMA PROVA NÃO É PRA TANTO. NÃO SE PREJUDICA NINGUÉM.

PORÉM, LOGO ME PERGUNTEI SE ESTAVA RACIONALIZANDO MINHA NEGATIVA A ACEITAR AS CONSEQUÊNCIAS DE NÃO TER ESTUDADO.

NO MUNDO REAL, AS PESSOAS INTERESSA O ÊXITO, NÃO OS PRINCÍPIOS.

MAS, QUEM SABE O MUNDO NÃO É UM DESASTRE POR CAUSA DISSO QUE DILEMA!

E O QUE VOCÊ DECIDIU?

NADA. ACABOU O TEMPO E ENTREGUEI A PROVA EM BRANCO.

PODES TOMAR ISSO COMO UMA VITÓRIA MORAL.

BEM, ME PARECE ERRADO COLAR EM UM EXAME DE ÉTICA.

On the right side of the screenshot is a Facebook post interface. The profile name is 'Filosofando na rede.' and the post title is 'Penso, logo existo!'. The post text reads: 'Observe os quadrinhos, reflitam e tentem responder algumas das questões abaixo. Você já viveu ou presenciou alguma situação semelhante à retratada nos quadrinhos? Diante de situações como essas, como devemos agir? Como saber o que é certo e o que é errado? O que isso tem de ligação com as noções de ética e moral?'. Below the text are interaction buttons: 'Curtir', 'Comentar', and 'Comentar como Filosofan...'. There are also icons for 'Marcar foto', 'Adicionar lo...', and 'Editar'.

Fonte: *print screen* da publicação na unidade temática criada no grupo projetado para a série do 2º ano. Facebook (2020)

No momento da investigação optamos por desenvolvê-lo inicialmente em sala de aula, pois como tratamos aqui de um conteúdo introdutório à reflexão da Filosofia Moral, este será o primeiro contato dos estudantes com esse campo filosófico. Dessa forma, tal publicação apenas seria disponibilizada aos estudantes posteriormente a aula de introdução ao conteúdo realizada em sala. Não que o processo investigação deva se limitar a realização em sala, apenas entendemos que antes de estabelecer e abrir a discussão sobre quaisquer conteúdos propostos, é preciso que o professor(a) exponha primeiramente os principais pontos acerca do tema/problema a ser trabalhado. Entretanto, isso não inviabiliza a possibilidade da investigação ser explorada também pela rede social, ao contrário, iniciar esse estudo em sala fornecerá mais base para a discussão e fundamentação tanto para a continuidade da investigação como para o desenvolvimento da conceituação filosófica. Se queremos superar o campo da opinião e dos achismos e soluções

simplistas, necessitamos fornecer os recursos e as ferramentas para que os nossos estudantes possam desenvolver o pensamento propriamente filosófico.

Como podemos observar, algumas etapas podem se desenvolver melhores no ambiente virtual. O interessante seria que pudéssemos desenvolver todas em ambos os espaços, mas como sabemos isso nem sempre é possível. Por isso, ao fazermos a análise de aplicação das etapas, percebemos que algumas ganham mais espaço no ambiente virtual da rede social Facebook, como é o caso dos momentos de sensibilização e conceituação. Na sensibilização por termos a oportunidade de utilizar uma grande variedade de recursos audiovisuais que podem mais facilmente despertar o interesse dos nossos estudantes. E a conceituação, quando realizada também no ambiente da rede social, permite ao professor(a) conhecer melhor o entendimento e o pensamento de um maior número de alunos, já que agora o tempo para exposição não é mais tão restrito como é em sala. Essa exposição e a própria discussão sobre os conteúdos filosóficos serão desenvolvidos também virtualmente, ou seja, depois de estudado e apresentado o conteúdo e conceitos básicos em sala, os discentes serão convidados a exporem suas ideias e posicionamentos de forma fundamentada na aba dos comentários da publicação da rede social do Facebook.

Já a investigação é o momento que se desenvolve quando surge a dúvida, quando a problematização é realizada de tal forma que o estudante se identifica com o problema estudado e a partir de então vai na busca por respostas e soluções. Como dissemos, a fundamentação filosófica deve ser realizada inicialmente em sala, sem, entretanto, esgotar todas as dúvidas. É preciso que o estudante seja motivado a prosseguir na busca por soluções aos problemas que agora também os encara como sendo seus. Nesse momento, tanto em sala como virtualmente será função do professor guiar o aluno em direção ao saber, sem exatamente, entregá-lo como pronto e acabado.

Essa primeira aula introdutória acerca da Filosofia Moral é fundamental para a continuidade das aulas posteriores sobre a área temática. É geralmente nesse primeiro contato que tendem a surgir e são apontadas grandes questões e problemáticas das mais diversas, e que não só podem, mas devem ser melhores investigadas, fundamentadas e desenvolvidas. Como por exemplo, é o caso da questão dos valores, que logo de início são trabalhados, mas que continuam

permeando toda e qualquer discussão que envolvam as ações e o comportamento humano conscientemente moral.

Vários foram os pensadores que se dedicaram e apresentaram suas teorias axiológicas ao longo da história, entretanto, para a discussão inicial sobre a relatividade ou universalidade dos valores escolhemos por explicitar o pensamento de dois grandes filósofos e de dois tempos bastante diferentes; Platão e Friedrich Nietzsche, dois pensadores conhecidos pela divergência de pensamentos frente a vários conceitos filosóficos. Por isso, nosso segundo modelo para uso do ambiente virtual de aplicação da metodologia de ensino proposta por Sílvio Gallo tem por base a discussão sobre a universalidade e a historicidade dos valores. Partimos então para o respectivo plano de aula referente a segunda série do ensino médio.

Quadro 7 - Plano de Aula nº 4 (continua)

PLANO DE AULA			
Série: 2º ano	Tema/problema: Valores: Relativos ou Absolutos?	Disciplina: Filosofia	
Período de referência: 1º Período		Duração: 2 h/aula.	
Descrição do Conteúdo: Teoria Axialógica; Universalidade (Platão) X Relatividade dos valores (Nietzsche);			
Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
- Explorar e promover a reflexão e a discussão acerca da importância dos valores para as ações humanas. - Compreender e diferenciar a perspectiva de	Aulas expositivas e dialogadas. 1.Sensibilização - Em sala: Uso de exemplos na história da humanidade ou de elementos existentes no livro didático da disciplina - No Facebook: utilização de imagens do movimento nazista, no	- Quadro Branco e Pincéis: Exposição de palavras e conceitos essenciais. - Livro didático (Leitura de	- Participação e desempenho em sala e no ambiente virtual da rede social (caráter optativo); - Atividades;

Quadro 7 - Plano de Aula nº 4 (conclusão)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<p>pensamento acerca do valor em Platão e em Nietzsche.</p> <p>- Problematizar a partir de elementos históricos a ideia do valor no intuito de melhor compreender as teorias de ambos os filósofos em análise.</p>	<p>intuito de sensibilizar, despertar o estudante para a problemática proposta.</p> <p>2. Problematização Desenvolve-se a partir do confronto da teoria platônica com o pensamento nietzschiano.</p> <p>3. Investigação A partir da aula de abordagem das teorias e baseado no conteúdo do livro didático, os alunos serão convidados a buscar e aprofundar as questões levantadas.</p> <p>4. Conceituação Desenvolve-se a partir do momento em que o discente inicia a tentativa de responder aos questionamentos propostos, dialogando, concordando ou discordando das teorias apresentadas.</p>	<p>fragmentos importantes ao entendimento dos conceitos básicos de ambas as teorias em estudo.</p> <p>- Rede social Facebook como recurso metodológico complementar e auxiliar às etapas pensadas na metodologia das aulas.</p>	<p>- Frequência;</p> <p>- Comportamento.</p>

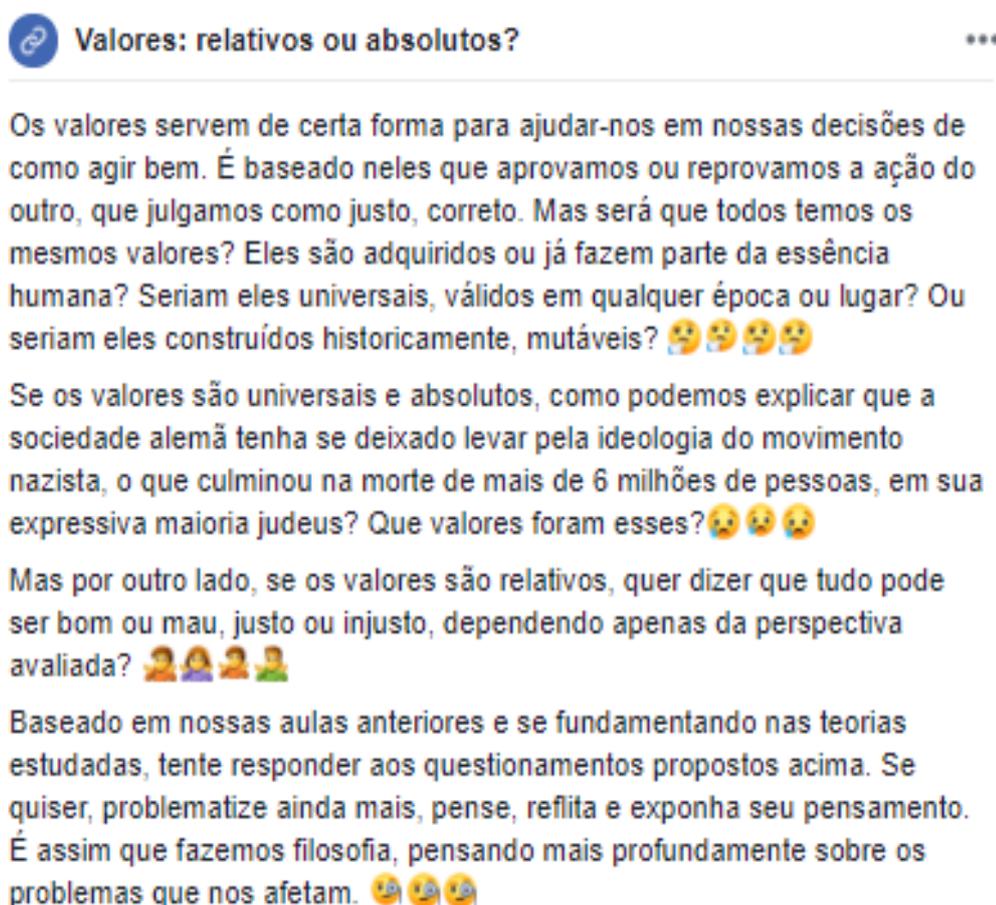
Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Exposto o plano de aula, passamos agora para a construção da postagem no ambiente virtual. Nosso primeiro passo é localizar nossa unidade de aprendizado social. Para isso, sempre seguimos os mesmos passos, são eles:

1. Na aba **Grupos**, localizamos o grupo criado para o nosso objetivo, nesse caso, o grupo com a titulação “Penso, logo existo!”
2. Em **Unidades**, selecionamos a unidade vinculada ao conteúdo: “A Filosofia Moral”.
3. Em **Publicar**, atrelamos um título a publicação: “Valores: relativos ou absolutos?”.
4. Já em **Escreva algo...**, inserimos a problematização e o elemento sensibilizador (endereço eletrônico com imagens do campo de concentração de Auschwitz). Depois disso, apenas clicamos em **Publicar**.

Vejamos agora como ficou a apresentação visual da postagem em sua integralidade.

Figura 15 – Exemplo 2 de problematização acerca da Filosofia Moral



Fonte: *print screen* da publicação na unidade temática criada no grupo projetado para a série do 2º ano. Facebook (2020).

Figura 16 – Exemplo 2 de sensibilização acerca da Filosofia Mora



Fonte: *print screen* da publicação na unidade temática criada no grupo projetado para a série do 2º ano. Facebook (2020).

Como podemos observar, a postagem acima não inicia a reflexão com a apresentação imediata dos conceitos. Seu principal objetivo é apresentar provocações que despertem o interesse do estudante em tentar compreender as questões propostas. Evidentemente, a aula em sala que introduz a problemática deve acontecer anteriormente a postagem, o que dará ao discente o ponto de partida para desenvolver o pensamento fundamentado e ampliar a discussão no intuito de alcançar o conceito filosófico que melhor lhe serve.

Ao indagar, ao questionar filosoficamente vamos aos poucos encontrando na história da filosofia algumas respostas que podem ajudar na construção da compreensão do problema. Para esse plano, pode ser que alguns discentes se posicionem na perspectiva platônica, outros de acordo com o pensamento nietzschiano, talvez outros filtrando um pouco de cada teoria. Todavia, o que realmente importa nesse momento é que o estudante possa ele mesmo realizar, desenvolver a experiência do pensamento, seja esta por meio da apropriação, da

adaptação, da criação ou recriação conceitual. Independente dessas variações, se uma dessas possibilidades se concretiza, podemos dizer que alcançamos nosso objetivo quanto ao que compreendemos como ensino da filosofia, ou seja, promovemos o pensar conceitual, o pensar propriamente filosófico.

Apresentamos até aqui quatro modelos que tentam exemplificar como a metodologia proposta por Gallo pode ser desenvolvida em sala de aula e em conjunto com o grupo de aprendizado social do Facebook. Como podemos observar, todos os modelos seguem a mesma lógica de desenvolvimento: apresentamos o tema problema tentando sensibilizar com algum elemento que possa aproximar, despertar o estudante à problemática trabalhada; em seguida, utilizamos de provocações, questionamentos que associam o problema com a realidade vivida e sentida; em um terceiro momento fornecemos o conhecimento dos conceitos básicos para o desenvolvimento da etapa investigativa e dialógica; e por fim, disponibilizamos o espaço para que possam expor seus posicionamentos, pensamentos e ideias.

Chegamos, então, aos modelos projetados para a série final do ensino médio. Para suas reproduções, seguimos a mesma ordem de execução das aulas anteriores. Sendo assim, inicialmente foi necessário criar a unidade de ensino que possibilita a postagem das publicações de forma mais organizada e sistematizada de acordo com as áreas temáticas tratadas em cada série. Para isso, utilizamos os passos de criação de uma nova unidade já expostos anteriormente no modelo de unidade da primeira e da segunda série.

Figura 17 - Modelo de Unidade criada para o 3º ano: Filosofia Política

Filosofia Política

O objetivo desta unidade é trabalhar de forma conjunta com a sala de aula comum de nossa escola para promover e enriquecer o diálogo, a discussão e a reflexão sobre questões essenciais e introdutórias ao campo da Filosofia Política. Dentre os nossos objetivos para essa unidade, temos:

- Compreender a ideia da política para o bem comum inerentes as teorias políticas clássicas da antiguidade;
- Diferenciar a sofocracia de Platão da politeia de Aristóteles;
- Compreender diferentes conceitos de política;
- Refletir a partir das teorias estudadas questões cotidianas da nossa realidade.

Fonte: *print screen* da unidade para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020)³⁶

³⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 07 de junho de

Para o terceiro ano, elaboramos o plano de aula com questões inerentes a política e suas problematizações e conceitos filosóficos, começando por suas origens no mundo do pensamento grego clássico. Por isso, na criação da unidade, optamos por defini-la de “A Política do bem comum”. Nela, as postagens serão produzidas na intenção de promover a compreensão e o diálogo do verdadeiro e originário sentido dado pelos antigos para a palavra e o campo político. Vejamos então como ficou o primeiro plano dessa unidade de ensino.

Quadro 8 - Plano de Aula nº 5 (continua)

PLANO DE AULA			
Série: 3º ano	Tema/problema: O que é a política? (Aristóteles)	Disciplina: Filosofia	
Período de referência: 1º Período		Duração: 3 h/aula.	
Descrição do Conteúdo: O bem comum; O homem, animal político; A vida moral e a vida política.			
Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<ul style="list-style-type: none"> - Introduzir o aluno no campo de investigação da filosofia política. - Apresentar o conceito de política segundo a filosofia de Aristóteles. - Promover a reflexão acerca da indissolúvel relação 	<ul style="list-style-type: none"> Aulas expositivas e dialogadas. 1.Sensibilização - Em sala: citação de exemplos cotidianos por meio da oralidade. - No Facebook: Utilização de duas tirinhas que exploram ações incoerentes ao tratarmos da ética e da política. 2. Problematização Desenvolve-se a partir de questões centrais em ambos os ambientes, 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro Branco e Pincéis: Exposição da teoria e dos conceitos essenciais. - Livro didático (Leitura de fragmentos importantes ao entendimento dos conceitos básicos da 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação e desempenho em sala e no ambiente virtual da rede social (caráter optativo); - Atividades; - Frequência;

Quadro 8 - Plano de Aula nº 5 (conclusão)

Objetivos:	Metodologia:	Recursos:	Avaliação:
<p>aristotélica entre a ética e a política.</p> <p>- Impulsionar a reflexão acerca da responsabilidade social de cada indivíduo inserido na sociedade.</p>	<p>como: O que é a política? Qual a sua finalidade? Para que nos serve? Como a política necessita e se relaciona com a ética?</p> <p>3. Investigação A partir do conteúdo do livro didático os alunos serão convidados a buscar e a aprofundar as questões levantadas.</p> <p>4. Conceituação - Em sala: será proposta a atividade com questões subjetivas de exploração dos conceitos filosóficos apresentados. - No ambiente virtual: a partir do elemento sensibilizador e problematizador serão convidados a refletirem e dialogarem sobre o conteúdo exposto.</p>	<p>teoria política aristotélica.</p> <p>- Rede social Facebook como recurso metodológico complementar e auxiliar às etapas pensadas na metodologia das aulas da disciplina.</p>	<p>- Comportamento.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Para a primeira postagem na Unidade “A Política do bem comum”., referente a teoria política clássica grega, seguimos os seguintes passos na sua elaboração:

1. Definimos inicialmente o título da publicação: “Entre o discurso e a prática”.

2. Em **Escreva algo...**, apresentamos a problematização e as orientações necessárias para motivação da interação e participação dos estudantes na postagem.
3. Clicamos em **Adicionar mídia** e anexamos o arquivo das charges como elemento de sensibilização e aprofundador da problematização.
5. Finalizamos e clicamos em **Publicar**.

Figura 18 - Exemplo 1 de problematização no modelo de unidade do 3º ano

 **Entre o discurso e a prática.** ...

Observem as imagens abaixo e tentem apontar o que há de incoerente na postura dos personagens centrais.

Depois de analisar as imagens, reflita sobre as seguintes ideias:

Se cada um de nós passasse a seguir rigorosamente as regras de trânsito, haveria menos acidentes com vítimas? 😞

Se cada um de nós deixasse de comprar produtos roubados, deixaria de haver estímulo para o roubo? 😞

Se cada um de nós pesquisasse e acompanhasse a trajetória de seu candidato, teríamos menos políticos corruptos? 😞

Quando falamos em política, quase que instantaneamente vem atrelada a essa palavra a ideia da corrupção, do roubo e do desvio de dinheiro público. Será que a política apenas é feita por aqueles que foram eleitos para nos representarem? E a corrupção, aonde está? Nós enquanto cidadãos não somos seres políticos? Estamos imunes a realização de atos corruptos? Como as nossas ações cotidianas podem modificar a realidade corrupta em que vivemos? 😞😞😞

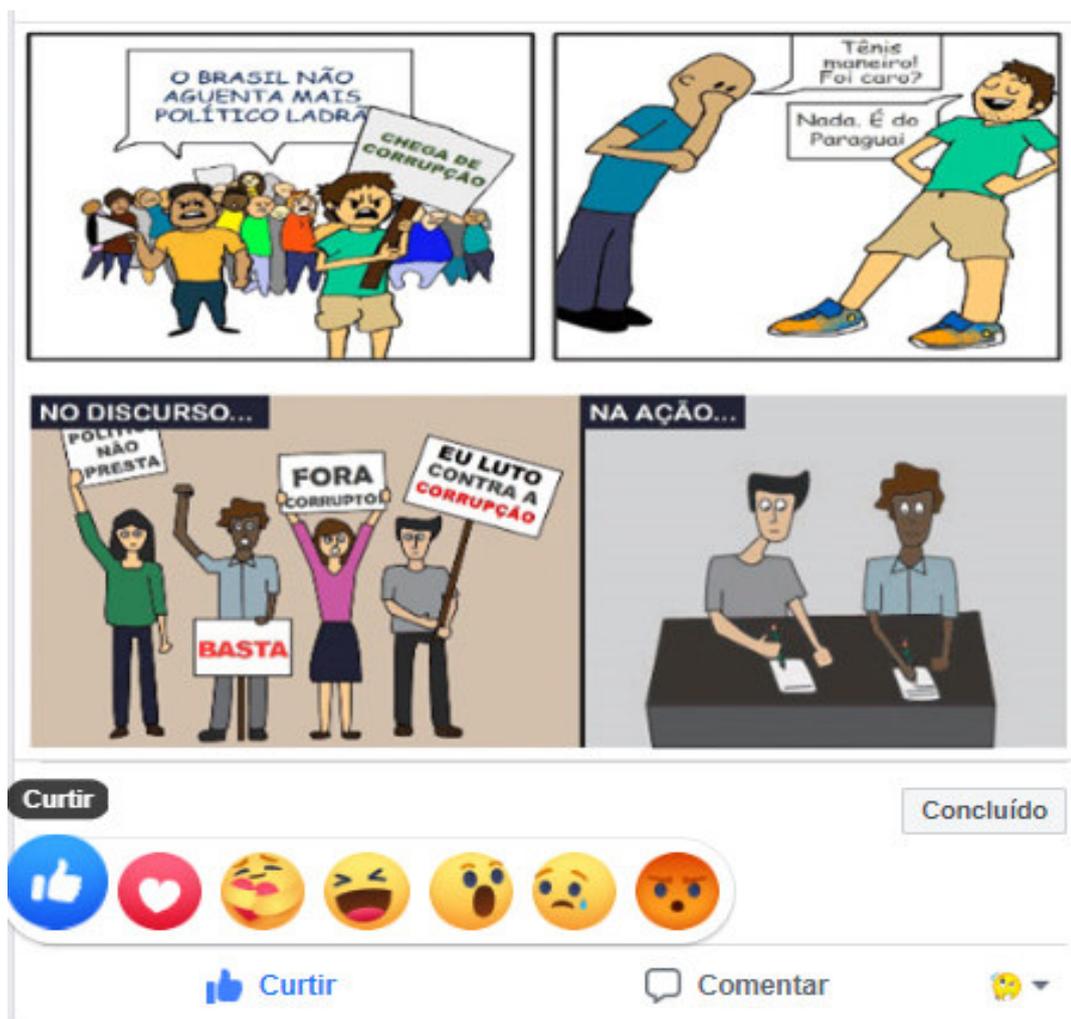
Lembrem-se da nossa aula sobre a política em Aristóteles para formular seu posicionamento a respeito dos questionamentos acima. 😊😊

Ao deixar o seu comentário, não esqueça de identificar-se com seu nome e turma a qual pertence, ok?! 😊😊

Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020).³⁷

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

Figura 19 - Exemplo 1 de sensibilização no modelo de unidade do 3º ano.



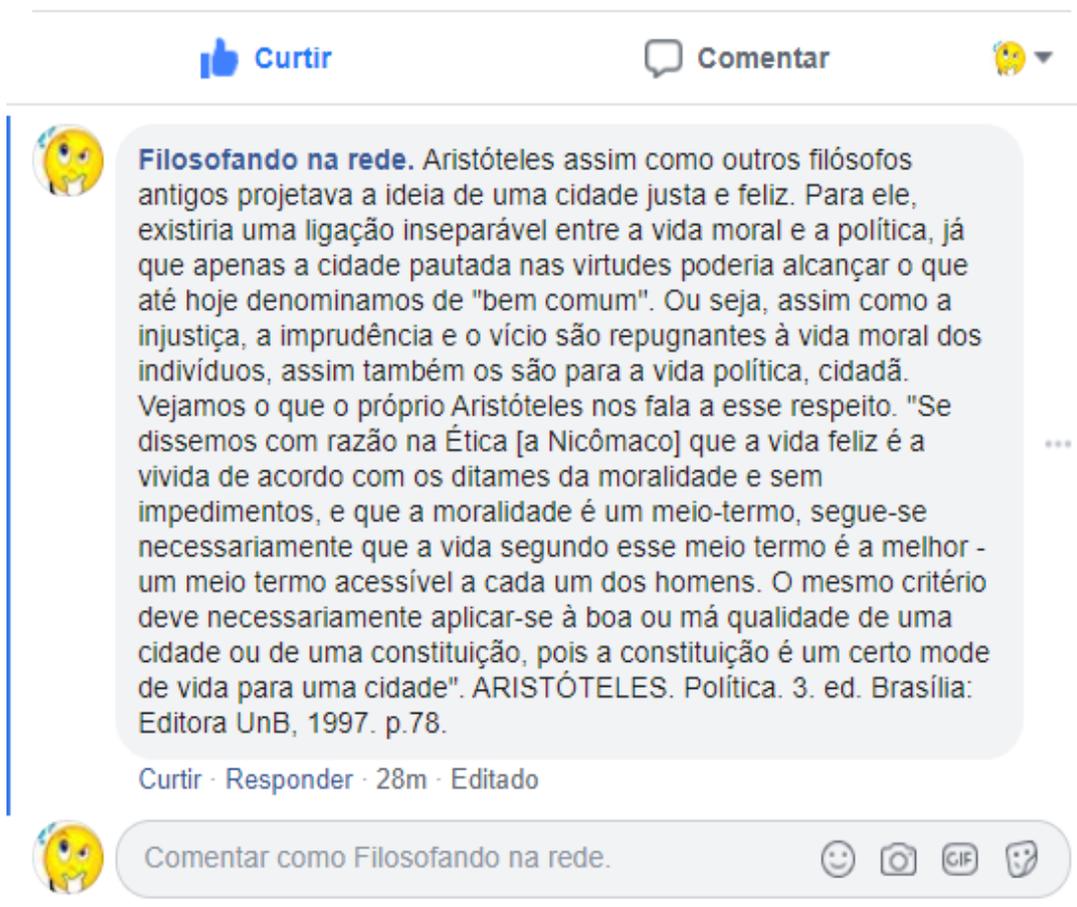
Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020).³⁸

Como já definido, os conteúdos tratados na disciplina de filosofia serão trabalhados de forma aliada entre o espaço virtual e o formal da sala de aula. Essa publicação, por exemplo, poderia ser postada posteriormente a uma aula em sala de introdução à filosofia política de Aristóteles. Depois de apresentar os principais pontos de sua teoria, o aluno será convidado a dialogar e a expor seu pensamento também no ambiente virtual. Alinhado com a sala de aula presencial, o grupo criado no Facebook conta com mais um elemento sensibilizador e pode dar continuidade a problematização do tema em análise. Mesmo com a fundamentação teórica já iniciada em sala, o que é basilar, o professor(a) deve ir orientando a discussão inserindo elementos que contribuam para o momento da investigação filosófica.

³⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 06 de julho de 2020.

Vejam os exemplos de uma possibilidade de intervenção que tem por finalidade esclarecer alguns pontos centrais do pensamento do filósofo Aristóteles à discussão iniciada de acordo com o plano de aula proposto.

Figura 20 - Exemplo de intervenção docente na etapa da investigação



Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020)³⁹

As intervenções ou mesmo orientações devem acompanhar o diálogo dos estudantes. Ou seja, ao perceber, por exemplo, o entendimento equivocado de um conceito filosófico, ou a necessidade de fomentar e aprofundar o diálogo ou ainda de apresentar novos conceitos aos estudantes, o professor deve fazer isso utilizando o campo dos comentários das postagens, pois assim a lógica de pensamento se desenvolve conjuntamente, e o processo dialógico tende a ser melhor compreendido e acompanhado pelos participantes. O importante é que forneçamos os elementos necessários para que os estudantes sejam capazes de ultrapassar o campo das

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

opiniões superficiais e dos meros achismos infundados.

No momento da investigação, temos a possibilidade de explorar junto aos alunos participantes um pouco mais a história do pensamento filosófico. Podemos fazê-lo utilizando fragmentos de textos filosóficos ou apresentando a partir de nossa própria linguagem e interpretação. Todavia, é sempre importante que em algum momento o aluno tenha contato direto com o texto filosófico e não apenas com os textos facilitadores. Mas isso deve ser feito criteriosamente, ou seja, antes de apresentar o texto ao discente é preciso nos assegurarmos de que seu nível esteja adequado e de acordo com o processo de estudo antes desenvolvido. Como no modelo proposto acima, tem-se a opção de mesclar a apresentação do pensamento, quer dizer, utiliza-se tanto o texto filosófico original, como também a interpretação de outrem, seja do professor, seja de um comentador filosófico.

O Plano de aula referente a terceira série do ensino médio foi elaborado para aplicação em 3 horas-aula. Como já dito anteriormente, desenvolvemos ainda em um segundo modelo de aplicação virtual. Neste, optamos por utilizar como elemento sensibilizador o poema de Bertolt Brecht para o momento da sensibilização. Como estamos trabalhando com a visão aristotélica da política, nosso objetivo nessa proposta é que os alunos consigam a partir da leitura do poema de Brecht associá-lo e relacioná-lo ao pensamento aristotélico de que todo homem é um animal político. Ao disponibilizar tal publicação virtualmente, é preciso que em sala se esteja trabalhado simultaneamente com o pensamento político aristotélico que gerou o entendimento do homem como animal político, social. Sugerimos a leitura e estudo em sala de aula do próprio texto do filósofo, e a partir de então, disponibiliza-se a publicação para fomentar a continuidade da experiência do pensamento filosófico também virtualmente.

Segue o trecho que de acordo com esse modelo de plano elaborado pode ser trabalhado em sala inicialmente. Trata-se de um recorte da introdução do livro *A política* de Aristóteles e que traz a concepção do ser humano como animal naturalmente político.

Quadro 9 – Elemento textual para utilização em sala e anterior a discussão virtual.

A sociedade que se formou da reunião de várias aldeias constitui a Cidade, que tem a faculdade de se bastar a si mesma, sendo organizada não apenas para conservar a existência, mas também para buscar o bem-estar. Esta sociedade, portanto, também está nos desígnios da natureza, como todas as outras que são seus elementos. Ora, a natureza de cada coisa é propriamente seu fim. Assim, quando um ser é feito, de qualquer espécie que ele seja – homem, cavalo, família -, dizemos que ele está na natureza. Além disso, a coisa que, pela mesma razão, ultrapassa as outras e se aproxima mais do objeto proposto deve ser considerada melhor. Bastar-se a si mesma é uma meta a que tende toda a produção da natureza e é também o mais perfeito estado. É, portanto, evidente que toda Cidade está na natureza e que o homem é naturalmente feito para a sociedade política. [...] Assim, o homem é um animal cívico [político], mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um único órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil. O Estado, ou sociedade política, é até mesmo o primeiro objeto a que se propôs a natureza. O todo existe necessariamente antes da parte. As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da Cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre com os membros da Cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou é um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade. ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Martins Fontes, 1991. P. 3-5

Depois de explorado e trabalhado o texto no ambiente da sala de aula com toda a turma, só então podemos ampliar a discussão para o nosso grupo filosófico virtual. Seguem-se abaixo os passos realizados para a construção do modelo nº 2 de publicação virtual para a terceira série do ensino médio.

1. Na página inicial do grupo clicamos em **Unidades** e selecionamos a unidade trabalhada, nesse caso, **“A Política do bem comum”**. Ao fazer isso, será possível ver a apresentação da unidade e a publicação já realizada. Logo abaixo da descrição da unidade, encontra-se o campo para novas publicações.
2. Em **Publicar**, inserimos o título da publicação. Dessa vez, optamos por uma provocação logo na titulação: **“Animal político ou analfabeto político?”**
3. Em **Escreva algo...**, inserimos o poema **“O Analfabeto político”** de Brecht como elemento sensibilizador e motivador para a problematização filosófica. Copiamos também o link de um vídeo de recitação do poema da plataforma do YouTube gravado pela Cia. do Porão (Núcleo 33 de teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul) e recitado por Renata Vasquez. Em seguida, iniciamos a problematização e as orientações necessárias para motivação da interação e participação dos estudantes na postagem.

Figura 21 - Exemplo 2 de elemento sensibilizador – Poema de Brecht



Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020)⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 06 de julho de

4. Verificamos se todos os elementos foram inseridos corretamente e finalizamos a publicação clicando em **Publicar**. Vejamos abaixo como ficou o exemplo da problematização para esse modelo de aplicação.

Figura 22 - Exemplo 2 de elemento problematizador do segundo modelo de aplicação para a 3ª série.

Na nossa aula sobre o pensamento político aristotélico exploramos o seu clássico pensamento de que o ser humano é um animal político e de que a sociedade nada mais seria do que a realização dessa natureza humana. Brecht ao tratar dessa temática em seu poema O Analfabeto político constrói sua crítica aos indivíduos que se dizem aversos a política. Considerando o pensamento de ambos os autores, reflitamos sobre o seguinte:

- É possível não participar da política? Ela está fora de nossas ações cotidianas?
- O que seria esse analfabeto político exposto por Brecht?
- O que é ser um cidadão?
- As ações políticas na atualidade estão mais próxima àquela descrita por Brecht ou por Aristóteles?

Evidentemente, não é preciso que respondam a todos esses questionamentos, eles apenas servem como guia a nossa reflexão e diálogo. Esteja livre para expor seu pensamento no campo dos comentários. Só não esquece de se identificar informando seu nome e turma no final do comentário, ok?! (<https://www.youtube.com/watch?v=Vg22b8Knf0U>)



Fonte: *print screen* da unidade criada para a série do 3º ano no grupo da rede social Facebook (2020)⁴¹

A segunda postagem do modelo de unidade direcionada ao 3º ano do ensino médio tem por intuito promover a partir do poema de Brecht a reflexão sobre a necessidade de discutirmos, falarmos e pensarmos a política, já que ela está imbricada de acordo com a visão aristotélica não apenas em nossa realidade social como também de forma mais íntima na própria natureza humana dotada de racionalidade.

Tratar dos conceitos e teorias políticas na disciplina de filosofia pode tornar-se mais atrativo quando conseguimos estabelecer a relação direta das ideias

2020.

⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/filosofandonarede/>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

estudadas em sala com a própria prática cotidiana. É aquilo que repetidamente expomos, ou seja, a necessidade em atribuir sentido e de aproximar as reflexões filosóficas com as reflexões da própria realidade do estudante. Ao unificar e fazer o elo entre as duas dimensões, podemos mais facilmente promover o entendimento e a compreensão do que antes poderia aparentar complicado e desconectado com a existência vivida e sentida dos discentes.

Ao escolher como elemento sensibilizador o poema de Brecht temos essa intenção. Facilmente encontramos falas e ações de pessoas que preferem não se envolverem com a política, que demonstram desprezo e até mesmo raiva em ser questionado a tratar dessas questões. Essa alienação política presenciada cotidianamente será o ponto de partida para iniciarmos a reflexão e a fundamentarmos a partir da teoria do filósofo Aristóteles.

Na elaboração de nossos planos de aula e postagens virtuais é sempre essa perspectiva que devemos ter em mente. Buscar questionar primeiramente a vivência do estudante para que tenhamos base para desenvolver os conteúdos propriamente filosóficos. Expô-los sem essa ligação que aqui defendemos especificadamente para o nível médio de ensino, é incorrer no erro de querer ensinar a filosofia sem atrelá-la ao que deveria ser seu principal objetivo, qual seja, a promoção da experiência do pensar crítico e criativo.

Chegamos aqui ao último modelo de unidade e postagem virtual de demonstração da possibilidade do uso da rede social Facebook como ferramenta auxiliar ao ensino de filosofia no nível médio de ensino. Utilizamos seis modelos de postagens no intuito de esclarecer como a metodologia de Sílvio Gallo em suas quatro etapas podem ser trabalhadas no ambiente virtual para contribuir com o ensino da disciplina. Como dissemos, o que apresentamos são apenas modelos, exemplos adaptáveis de como é possível utilizar uma rede social como o Facebook tão utilizada no mundo atual a favor também do processo de ensino e aprendizagem, especificadamente com relação ao ensino da filosofia.

4.3.2 Informações adicionais para uso das Unidades do Grupo de Aprendizado Social.

Como vimos, a grande vantagem de utilizar a tipologia de aprendizado social na configuração do grupo com finalidade educacional centra-se na viabilidade de organizar os conteúdos das postagens em unidades de acordo com as temáticas

ou problemas trabalhados na disciplina. Além do que já foi exposto durante a apresentação dos modelos de aplicação para o ensino da filosofia, podemos ainda pontuar outros aspectos positivos quanto a organização e ao acompanhamento dos conteúdos trabalhados virtualmente na formatação em unidades de aprendizado social. Sintetizamos as alternativas nos tópicos abaixo.

- Editar, remover ou reorganizar as unidades e suas publicações: para isso, basta na página inicial do grupo selecionar a unidade a ser modificada, clicar no lado direito da titulação onde aparecem três pontos, semelhante ao sinal de reticências e selecionar a opção desejada, ou seja, mover, excluir ou editar unidade. Na edição, as opções disponíveis são para reordenar, excluir publicações ou modificar o título e a descrição da unidade.

- Selecionar publicações como concluídas: alternativa direcionada aos discentes, ao realizar a participação de acordo com o que foi proposto pelo professor(a), o aluno pode optar por concluir aquele conteúdo, feito isso o administrador tomará conhecimento da interação daquele aluno. Mesmo sinalizado como concluído, o estudante pode continuar participando, comentando e interagindo da mesma forma de antes.

- Acompanhamento das conclusões das unidades e publicações: permite ao professor administrador do grupo visualizar detalhes e informações da conclusão das unidades e conteúdos propostos. Para isso, basta ir à página inicial da comunidade, clicar em **Informações do grupo**. Nesta aba podemos acompanhar não apenas a conclusão das unidades, como também informações detalhadas sobre a atividade e colaboração dos administradores/moderadores e membros(alunos) do grupo e o crescimento em participação baseado nos pedidos de participação.

- Análise da participação dos membros baseados nas postagens: é possível ao administrador visualizar todas as publicações dos participantes do grupo. Para tal, basta clicar em **Membros** na página inicial de apresentação do grupo e selecionar o usuário que desejamos verificar as publicações. Lembrando que toda publicação de acordo com a configuração do grupo passa inicialmente pela apreciação da administração/moderação que deve avaliar e autorizar ou não a postagem para publicação. Dessa forma, diminuimos o risco de conteúdos e postagens inadequadas, já que o grupo criado tem fins educacionais.

- Realização de testes com opção de pontuações e correção automática sobre os conteúdos desenvolvidos nas unidades criadas. Depois ou mesmo durante o

processo de investigação e discussão filosófica sobre os temas trabalhados, o professor tem mais uma opção, ou seja, de poder criar testes avaliativos na unidade de ensino para verificar o nível de compreensão dos estudantes sobre os conteúdos filosóficos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos e explorarmos o ambiente virtual da rede social Facebook e a possibilidade do seu uso como um recurso auxiliar ao processo de ensino no que concerne a disciplina de filosofia, verificamos e indicamos um novo formato para promover o pensamento filosófico em seu nível médio de ensino. Isto é, a partir da investigação de dois elementos diferentes: a metodologia de Sílvio Gallo e o Facebook, propomos uma combinação que quando bem planejada e executada podem agregar grande valor à experiência filosófica dos nossos estudantes. Somos professores, e como tais sempre nos encontramos em uma busca contínua por aprimoramento de nossas práticas de ensino e ações pedagógicas.

Como é conhecido, a filosofia enquanto disciplina sofreu mudanças constantes ao longo da história da educação brasileira no que diz a sua oferta no nível médio de ensino escolar. Apenas no ano de 2008, com a lei 11.684/08 que alterou o artigo 36 da LDB (Lei 9.394 de dezembro de 1996) a filosofia, assim como a sociologia, foi incorporada em caráter obrigatório nas três séries do ensino médio. Atualmente, estamos discutindo a implementação da Base Nacional Comum Curricular e como essa disciplina, agora denominada de componente curricular será ofertada, haja vista que tal documento da BNCC não traz um currículo pronto. O que apresenta é apenas orientações que devem servir de referência para a elaboração dos currículos e propostas pedagógicas das instituições de ensino, que devem considerar as necessidades e peculiaridades de cada região e redes de ensino. Dessa forma, a filosofia passa a ser compreendida como um conjunto de estudos e práticas obrigatórias, o que nos faz concluir que de algum modo a prática filosófica deve estar presente e ser promovida aos estudantes, o que não está determinado é de que maneira será a sua oferta, já que fica a critério das redes de ensino no momento da elaboração dos seus próprios currículos.

Dito isso, de uma forma ou de outra, independente se a filosofia será ofertada da maneira como a temos hoje ou não, o importante é que os professores da área continuem mostrando por meio de suas práticas e metodologias a importância e o impacto que esse campo do conhecimento pode oferecer aos discentes, e conseqüentemente à sociedade. Afinal, se queremos, como afirma e objetiva o próprio documento da BNCC promover uma formação humana e integral dos nossos estudantes, sem sombras de dúvidas, a prática e o pensamento

filosófico não podem se fazer ausentes, excluídos desse processo.

Assim, tal entendimento nos liga a nossa pesquisa desenvolvida, ou seja, afirmamos ao longo desse trabalho a necessidade de repensarmos e ampliarmos o horizonte acerca do desenvolvimento de recursos, ferramentas, práticas e metodologias que possam contribuir com o processo de formação educacional. Ao realizarmos um apanhado sobre a trajetória, os desafios e as dificuldades no ensino de filosofia, observamos que duas problemáticas são centrais: o tempo de aula atual disponibilizado à disciplina, que na grande maioria das escolas é de apenas cinquenta minutos de aula semanal; e a precariedade de recursos materiais e tecnológicos que dificultam práticas de ensino diferentes da que conhecemos tradicionalmente. Os dois problemas quando aliados desencadeiam uma série de problemas secundários no desenvolvimento das atividades dos professores de filosofia, como por exemplo, as dificuldades em: trabalhar conteúdos mínimos planejados de forma mais aprofundada e que possibilitam a reflexão; desenvolver metodologias voltadas para as habilidades e especificidades da prática filosófica; oferecer aulas mais dinâmicas, interativas e que utilizem elementos próprios do meio tecnológico e midiático em que estão inseridos os nossos estudantes, e dentre outras abordagens que discutimos nesse trabalho.

As dificuldades não são poucas e na verdade bastante desafiadoras. Felizmente, o que a filosofia nos ensina é que não podemos nos conformar e aceitar sempre a realidade da forma como nos é imposta. Sabemos que muitas dessas questões apontadas não dependem apenas de nós professores para serem solucionadas e plenamente resolvidas. Estamos longe desse cenário, entretanto, diante de situações como essas, não podemos deixar de pensar sobre o que nós em nossas capacidades e habilidades podemos realizar para transformar, mesmo que em parte, aquilo que nos incomoda e nos inquieta.

Foi a partir dessa problemática que atuamos e nos dedicamos no desenvolvimento dessa pesquisa. Depois de realizarmos o estudo, a discussão e a investigação de uma saída para esse impasse, encontramos uma alternativa de prática de ensino que nos permite superar e “driblar” parte dos problemas apontados.

Como vimos no terceiro capítulo, parte II desse trabalho, com o avanço dos meios tecnológicos e a emergência das redes sociais, vivemos o que chamamos de era digital. Muitos de nós tivemos de nos adaptar a essa realidade, ao passo que

as novas gerações (nativos digitais) já nasceram em um ambiente conectado às tecnologias da informação e da comunicação (TICS), e as acessam e utilizam sem muito esforço, quase que naturalmente.

O mundo mudou e a forma como vivemos também. Do mesmo modo, a educação não pode estacionar no tempo e continuar insistindo em métodos de ensino que não mais se alinham às exigências dessa nova realidade. Os estudantes de hoje se comportam e vivem de uma forma diferente da nossa, conseqüentemente, essa constatação nos levou concluir que a maneira como aprendem também. Por isso, a pesquisa encaminhou-se inicialmente para a necessidade de realizarmos um alerta quanto à inevitabilidade da classe docente repensar parte de seus métodos e práticas utilizadas atualmente no processo de ensino e aprendizagem.

Parte desse mundo tecnológico e da rápida comunicação se reflete no nosso público jovem através da utilização das redes e mídias sociais. Quando fizemos a análise quanto ao acesso e as possibilidades de seus usos para fins educacionais, chegamos à compreensão de que a rede social Facebook tem o potencial de auxiliar e enriquecer nossas técnicas, métodos e experiências de ensino. Evidentemente, a formação continuada dos professores é peça chave nesse processo, e por isso, deve ser sempre ofertada e disponibilizada aos professores. Somente assim, poderemos pensar uma educação contextualizada, atualizada e alinhada à realidade das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Como vimos, segundo o portal *Statista*⁴², o Facebook é a rede social mais utilizada no mundo e a segunda no Brasil. Um dado desse tipo e valor não poderia ser descartado como se não tivesse a mínima importância. Partimos então para a exploração desse ambiente virtual, de suas ferramentas, dos seus recursos e funcionalidades, de suas políticas de uso e de privacidade. E então, verificamos e apontamos um grande potencial de utilização do Facebook para o processo de ensino, principalmente em relação a experiência filosófica que pensamos desenvolver no ensino médio, sobre a perspectiva de Silvio Gallo.

Referência principal utilizada ao longo da pesquisa, Gallo defende que o ensino de filosofia deve ser compreendido e realizado como uma experiência prática do pensamento, onde o estudante é convidado a refletir sobre questões e problemas

⁴² Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 30 de out. 2019.

que de alguma forma se conectam com a sua realidade vivida e sentida. Gallo não apenas apontou o caminho final, como também apresentou o percurso que devíamos trilhar para alcançar esse objetivo.

Exploramos e analisamos dois elementos diferentes e até então ainda não pensados conjuntamente. Ao refletirmos e aprofundarmos a pesquisa na proposta de uma simbiose desses elementos, concluímos que muito podemos ganhar com essa relação. Partimos para a construção de nossa proposta de ensino, e foi possível verificar que teríamos muitos ganhos em aplicar a metodologia de Gallo no ambiente virtual da rede social e utilizá-lo como auxílio e complemento a sala de aula presencial, o que se apresentasse difícil de desenvolver em sala, seria melhor explorado no grupo do Facebook de Aprendizado Social. Dentre as vantagens encontradas no uso da rede social, podemos citar algumas, como: a facilidade do processo comunicativo e o diálogo entre os estudantes tão necessários a prática filosófica; o enriquecimento do leque de recursos possíveis para uso em todas as etapas metodológicas pensadas por Gallo, principalmente para os momentos de sensibilização e conceituação; a descentralização da construção do saber da figura isolada do professor; e a utilização de elementos próprios da realidade tecnológica e midiática em que os estudantes estão inseridos, o que pode mais facilmente despertar o interesse pelas temáticas e problemas apresentados em sala. Além dos aspectos ressaltados até então, podemos ainda concluir que através de nossa proposta, oferecemos a chance de amenizarmos os dois problemas que influenciam diretamente na escolha da metodologia e prática pensada para se trabalhar em sala de aula.

Ao propormos a utilização do Facebook através da sua modalidade de interação social dos grupos devidamente configurados para a tipologia de Aprendizado Social, conseguimos oferecer uma alternativa de prática de ensino de Filosofia que supera à limitação tanto temporal como da precariedade e escassez de recursos materiais e tecnológicos, além de ter o potencial de preservar a experiência filosófica da forma como a defendemos e a compreendemos para o ensino médio.

Tendo em vista que a rede social em questão passa a ser encarada como uma extensão da sala de aula presencial, podemos flexibilizar as etapas da metodologia escolhida, dando continuidade no ambiente virtual. Com relação ao desprovimento de recursos tecnológicos que geralmente afeta uma parte considerável das escolas públicas e que interferem de maneira direta na forma como

os docentes escolhem seus métodos de ensino. Quando dispomos da contribuição do Facebook, podemos pensar em uma prática que concilia os pontos positivos de cada ambiente.

No que toca a metodologia de Gallo escolhida em nosso estudo, observamos que momentos como a sensibilização e a conceituação são os que mais podem ganhar com a utilização do ambiente virtual, o que não quer dizer que estas etapas devam ser aplicadas apenas no Facebook e as outras duas em sala de aula. Na verdade, o que estamos dizendo é que antes essas duas etapas tinham maiores dificuldades de serem desenvolvidas em sala e agora ganham um pouco mais de espaço no ambiente virtual. A sensibilização, por encontrar na rede social a oportunidade do uso de uma grande variedade de recursos de diferentes naturezas. E a conceituação por ampliar o tempo de discussão e diálogo acerca dos temas e problemas propostos para análise. Na verdade, nossa proposta, como vimos em alguns modelos de utilização propõem que algumas etapas possam ser desenvolvidas até mesmo em ambos os ambientes, isso sempre vai depender do tempo que o professor quer dar aquele conteúdo trabalhado e de quais recursos utilizará no desenvolvimento da metodologia.

É preciso aqui lembrar que todas as etapas metodológicas da proposta de Gallo poderiam ser desenvolvidas virtualmente. Entretanto, compreendemos que sua aplicabilidade pode ter melhor resultado quando trabalhada de forma mista, o que denominamos hoje de ensino híbrido. Dessa forma, não propomos que a utilização do Facebook substitua o ensino presencial. Sabemos da importância e a necessidade da efetiva presença do professor e de sua relação com o estudante para o processo de ensino de qualquer disciplina. As redes sociais trabalhadas isoladamente não podem jamais substituir o espaço da sala de aula presencial, sendo, por isso, que entendemos e apontamos o Facebook como ferramenta auxiliar ao ensino de filosofia, como um recurso que pode agregar mais valor ao processo de ensino aprendizagem. De modo algum poderá ser encarado como uma alternativa de substituição às aulas presenciais.

Ao finalizarmos nosso estudo exploratório a partir da relação estabelecida entre os dois principais elementos de investigação da pesquisa (Facebook e a método de ensino de Gallo), verificamos e apontamos uma nova direção no que diz às práticas de ensino de filosofia. Nosso intuito desde o princípio era o de alcançar uma opção para amenizarmos parte dos problemas e dificuldades encontradas ao

pensarmos o desenvolvimento de uma metodologia de ensino propriamente filosófica e com objetivos e resultados também filosóficos para o nível médio.

O ambiente virtual da rede social Facebook enquanto recurso auxiliar e complementar ao ensino de filosofia, oferece-nos através de sua gama de recursos e funcionalidades, uma alternativa de desenvolvimento e aplicabilidade da metodologia de Sívio Gallo em suas quatro etapas. O que nos permite por sua vez promover aos estudantes de ensino médio uma experiência filosófica que se constrói não apenas pelo conhecimento do produto da filosofia já existente, mas que ao mesmo tempo se abre a possibilidade do novo, que se inicia através da reflexão sobre a realidade e o mundo vivido, e que se faz através do diálogo, do processo investigativo e problematizador inerente ao pensar crítico/criativo caracteristicamente filosófico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabeth. Tecnologia e educação a distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos de aprendizagem. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www.tabuleirodigital.com.br/twiki/pub/GEC//TrabalhoAno2003/tecnologia_e_educacao.pdf. Acesso em: 15 de out. 2019.

ALMEIDA, Elizabeth. Tecnologias digitais na educação: o futuro é hoje. In: **Encontro de educação e tecnologias de informação e comunicação**, 5, 2007, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2007. Disponível em: Acesso em: 10 dez. 2020.

BENTO, Raquel. A formação de professores e o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação na escola. In: **Revista Saberes da UNIJIPA**, Paraná: 1ª Ed, v. 01, jul. 2014. Disponível em: <https://unijipa.edu.br/wp-content/uploads/Revista%20Saberes/ed1/1.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, dezembro 2018.

BRASIL, **Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2006.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno**. Parecer nº 11, de 30 de junho de 2009. Proposta de experiência curricular inovadora do Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de agosto de 2009, Seção 1, p. 11. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1685-pcp011-09-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 29 de fev. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, Lei 9.394/96 de 20/12/1996.

BRASIL. MEC. **Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

CERLETTI, Alejandro **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTO, Edvaldo. Pedagogias das conexões Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea. (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix., **O que é a filosofia?**, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FACEBOOK. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com>. Acesso em: 31 de jan. 2020.

FACEBOOK, 2020. **Termos de Serviço**. Disponível em: <https://www.facebook.com/legal/terms/update>. Acesso em: 31 de jan. 2020.

FACEBOOK, 2020. **Padrões da Comunidade**. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/introduction>. Acesso em: 31 de jan. 2020.

GALLO, Sílvio. A especificidade do ensino de filosofia: em torno dos conceitos. In: PIOVESAN, A. et al (Orgs.). **Filosofia e Ensino em Debate**. Ed. UNIJUÍ, 2002, p. 193-209.

GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **Ethica**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.17-35, 2006. Disponível em: <https://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 8 de out. 2019.

GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: GOTO, Roberto; SILVEIRA, Renê. (Orgs.) **Filosofia no Ensino Médio**: Temas, Problemas e Propostas. São Paulo: Loyola, 2007.

GALLO, Sílvio. Aprender filosofia como experiência do pensar. In: GALLO, Sílvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. Manual do professor. São Paulo: Scipione, 2016.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o Ensino Médio. Campinas: Papyrus, 2012.

GALLO, Sílvio.; KOHAN, Walter. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio. In: GALLO, Sílvio.; KOHAN, Walter. (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GRAMSCI, Antonio., **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

HORN, Michel; STAKER, Hearther. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2010.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora: 34, 1999.

LIMA, Joaquim. **As novas tecnologias no ensino**. 2006. Disponível em: <http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/apj-p/2006/2tri06/lima.html>. Acesso em: 26 de out. 2019.

LORENZO, Eder. **A utilização das redes sociais na educação**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

MOREIRA, Marco. **O que é afinal aprendizagem significativa?** 2010. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2019.

MARTELETO, Regina. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MOREIRA, António; JANUÁRIO, Susana. **Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem**. In: PORTO, Cristiane.; SANTOS, Edmea. (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MOREIRA, Benedito. Os jovens e as tecnologias: entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos. (Org.). **Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. p. 21-42.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. **On the Horizon**, 9(5). 2001. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2019.

RODRIGO, Lidia. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SCHLEMMER, Eliane; CARVALHO, José. **Gestão de um consórcio nacional para educação a distância organizado na forma de comunidade virtual de aprendizagem: a estratégia da CVA-RICESU**. Colabor@ (Curitiba), São Leopoldo, v.3,n.10,1-9,005.Disponível em: https://www.academia.edu/13897423/Gest%C3%A3o_de_um_cons%C3%B3rcio_nacional_para_educa%C3%A7%C3%A3o_a_dist%C3%A2ncia_organizado_na_forma_de_comunidade_virtual_de_aprendizagem_a_estrat%C3%A9gia_da_CVA_RICESU Acesso em: 06 de dez. 2020.

SILVA, Antonio.; FERREIRA, Marta. Gestão do conhecimento e capital social: as redes e sua importância para as empresas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

SILVEIRA, Ismar. Materiais didáticos digitais. In: GALLO, S. **Filosofia – Experiência do Pensamento**. (Manual do Professor). São Paulo: Scipione, 2013.

TOMAEL, Inês.; ALCARÁ, Adriana; DI CHIARA, Ivone. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005.

ANEXO A - COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

ANEXO B - COMPETÊNCIAS E HABILIDADES (PARÂMETROS CURRICULARES)

Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Filosofia

Representação e comunicação

- Ler textos filosóficos de modo significativo.
- Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.
- Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo.
- Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes.

Investigação e compreensão

- Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais.

Contextualização sociocultural

- Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica.